

Catálogos de exposições bibliográficas

Exhibitions
catalogues

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Coimbra na revista «O Occidente»/ Coimbra in the magazine «O Occidente»

Sala do Catálogo da BGUC, 3 fevereiro a 4 março 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

Maria Luísa Sousa Machado

José Alberto Mateus

Apresentação

A revista, *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, publicou-se entre 1 de janeiro de 1878 e 10 de julho de 1915. Com redação e atelier de gravura na Rua do Loreto, n.º 43, em Lisboa, publicava 3 números por mês, tendo sido fundada por Guilherme de Azevedo, Brito Rebelo, pelo gravador Caetano Alberto da Silva, principal acionista da empresa de “O Occidente” e por Manuel de Macedo, desenhador ilustrador.

Profusamente ilustrada esta revista exibia uma excecional qualidade das gravuras reproduzidas, da autoria de artistas como A. Francisco Vilaça, Domingos Casellas Branco, Jorge dos Reis, José Augusto d’Oliveira, Rosalino Cândido Feijó, Manuel Diogo Netto, José António Kjolner, além dos citados Caetano Alberto da Silva e Diogo Neto, que conduziu a um sucesso editorial, como atestam os seus 38 anos de publicação.

Também nos domínios científico e literário esta revista inseriu magníficos artigos. Para o efeito reuniu um conjunto de colaboradores de

excelência, sob a direção literária, durante muito tempo, de Gervásio Lobato, que contou com autores como: Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Luciano Cordeiro, Gonçalves Crespo, Fialho de Almeida, Maria Amália Vaz de Carvalho, Cândido de Figueiredo, entre muitos outros.

A escolha destes motivos para esta mostra iconográfica relativa a Coimbra e arredores, deveu-se precisamente à qualidade destas ilustrações e à curiosidade sobre a sua representação e as suas transformações.

As gravuras selecionadas, foram divididas por três núcleos principais: Os edifícios universitários; as igrejas, monumentos e panorâmicas e um último relativo aos trajes tradicionais. Abrangem o período compreendido entre 1878 e 1899, dado que, a partir de 1900, a revista deixou de ser ilustrada com gravuras numa altura em que a fotografia ia ganhando terreno no domínio editorial.

Catálogo:

Vitrine 1

UNIVERSIDADE

Paço das Escolas

Gravura representando o Paço das Escolas, em que o pátio se encontra ajardinado, podendo observar-se também a Sala dos Capelos, parte da Via Latina e a Torre da Universidade mandada edificar por D. João V.

Esta gravura foi realizada a partir de uma fotografia de Santos, (José Maria dos Santos ?) e foi executada por Domingos Casellas Branco. Está incluída no n.º 393, de 21 novembro de 1889, de "O Occidente".

Sala dos Capelos

A sala dos grandes atos da Universidade e antiga Sala do Trono. Nela decorrem as cerimónias mais importantes da vida universitária, nomeadamente a abertura solene das aulas, os doutoramentos *honoris causa* e a receção a entidades oficiais, nacionais e estrangeiras.

Esta sala tem 26 metros de comprimento e 12 de largura e uma altura proporcionada sendo o teto em madeira, apainelado, pintado com ramagens, laçarias, aves e figuras de fantasia.

As paredes são revestidas com lambris de azulejos, decoradas com os retratos de todos os reis portugueses - de D. Afonso Henriques a D. Manuel II – à exceção dos reis da dinastia Filipina.

A gravura publicada no “O Occidente”, n.º 57, de 1 de maio de 1880, é da autoria de Penoso.

Biblioteca Joanina

Considerada uma das mais ricas bibliotecas do mundo, a Biblioteca Joanina, em honra e D. João V, que autorizou a sua construção, é um edifício dividido em três pisos, possuindo no piso inferior as Prisões académicas e espaços de depósitos, no piso intermédio depósito de livro antigo e o piso nobre, reconhecido pela beleza das suas três salas e pela riqueza da decoração barroca, com o quadro do Rei, pintado por Domenico Duprà, a dominar o espaço.

Concluída em 1728, esteve em funcionamento, até à abertura ao público do atual edifício da Biblioteca Geral, em 1962

Nos três pisos da biblioteca encontram-se cerca de 60 mil volumes, publicados entre os sécs. XVI e XVIII, abrangendo todos os domínios do conhecimento.

As gravuras apresentadas são publicadas nos n.ºs. 49, de 1 de janeiro de 1880 (interior) e no n.º 360, de 21 de dezembro de 1888 (exterior), e são da autoria de Alberto (Caetano Alberto da Silva) e de José Augusto de Oliveira, respetivamente.

Museu da Universidade de Coimbra

A fundação do Museu da Universidade de Coimbra, também designado por Gabinete de História Natural, no Colégio de Jesus, data

de 1772, ano em que se reformaram os estudos universitários, na sequência da publicação dos Estatutos da Universidade.

Ocupava as salas do piso superior do edifício, incluindo uma sala de aula em anfiteatro e salas dedicadas à mineralogia, à botânica e à zoologia, incluindo também muita aparelhagem científica, de apoio ao ensino e à investigação.

Gravura está publicada no n.º 357 de “O Occidente”, de 21 de novembro de 1888, da autoria de Cazellas (Domingos Casellas Branco).

Vitrine 2

IGREJAS / MONUMENTOS / PANORÂMICAS

Sé Velha

A Sé Velha, em estilo românico, começou a ser edificada com a fundação da monarquia.

Foi com o bispo D. Miguel Salomão, em 1162, que se iniciaram as obras, a cargo do mestre-arquiteto francês Roberto. Como este se encontrava em Lisboa, foi o mestre Bernardo que orientou as obras no local, tendo sido substituído após a sua morte, em 1172, por mestre Soeiro.

O edifício sofreu diversas remodelações, a mais importante das quais realizada durante o bispado de D. Jorge de Almeida (1483-1543).

Em 1893 foi também realizado um profundo restauro, dirigido por António Augusto Gonçalves (1848-1932) que viria provocar alterações diversas no templo.

A gravura publicada no n.º 649, de 10 de janeiro de 1897, da autoria de José Augusto de Oliveira mostra este monumento antes desta última remodelação, no qual se podem observar ainda o “terraço”, a fonte e a torre sineira.

Sé Velha - Porta Especiosa

A fachada norte da Sé Velha possui dois portais de estilo renascentista, o mais notável, a *Porta Especiosa*, foi realizado por João de Ruão no séc. XVI, como mostra a gravura publicada no n.º 322, de 1 de dezembro de 1887, desenhada por Manuel de Macedo e gravada por Caetano Alberto da Silva.

Ruínas do Mosteiro de Santa Clara a Velha

As ruínas do mosteiro do século XIII, fundado por D. Maior Dias, foi beneficiado e aumentado pela Rainha Santa com a ampliação da igreja e a construção de um hospital anexo.

A ruína em que o mosteiro caiu obrigou as religiosas a abandoná-lo em 1677, transitando para o atual convento de Santa Clara mandado construir por D. João IV. O corpo da Rainha Santa foi trasladado para o novo convento, onde ficou depositado num tumulo de prata e cristal mandado executar pelo Bispo Conde D. Afonso de Castelo Branco.

A gravura assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco) encontra-se publicada no n.º 633 de "O Ocidente", de 25 de julho de 1896.

Sé Nova

Para dar início à construção do Colégio de Jesus (Colégio das Onze Mil Virgens) vieram para Coimbra em junho de 1542 o padre Simão Rodrigues e onze companheiros que por recomendação de D. João II foram acomodados no Convento de Santa Cruz.

As obras decorreram com alguma lentidão, sendo o templo inaugurado apenas em 1698, tendo, a 21 de outubro de 1772, sido transferida a sede episcopal da Sé Velha para este edifício, por ser maior e poder acomodar mais pessoas.

O edifício de uma só nave, possui quatro grandes capelas de cada lado e um zimbório de dimensões imponentes. A fachada toda de cantaria encontra-se decorada com algumas estátuas, como se pode observar na gravura com a reprodução da fachada que se encontra publicada no n.º 258 de “O Ocidente”, de 21 de fevereiro de 1886.

Mosteiro de Celas - Claustro

O mosteiro mandado edificar por D^a. Sancha, filha de D. Sancho I, deve o nome ao facto de ter sido construído para albergar umas *enceladas* que viviam em Alenquer, onde D. Sancha residiu depois da morte de seu pai, que o denominou de *Celas de Voimarães*.

O templo foi sagrado pelo Bispo D. Américo a 13 de junho de 1293. O Claustro do mosteiro é conhecido, particularmente pelos capitéis das colunas datados do séc. XIV, com várias representações da vida de Cristo, além outros temas profanos e fantásticos.

A gravura que reproduz parte do claustro, assinada por Domingos Casellas Branco (Cazellas), encontra-se publicada no n.º 455, de “O Ocidente”, de 11 de agosto de 1891.

Mosteiro de Santa Cruz – Túmulo de D. Sancho I

O Mosteiro de Santa Cruz foi fundado em 1131 pelo Arcebispo D. Telo, da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, com o apoio de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I. Estes dois reis encontram-se sepultados na capela mor da igreja para onde foram trasladados por ordem do Rei D. Manuel I, em 16 de julho de 1520.

Os dois túmulos, cujas esculturas jacentes são da autoria de Nicolau Chanterenne, escultor que trabalhou em Portugal de 1517 a 1551, são decorados com muitas estátuas e outros elementos gótico-renascentistas.

A gravura do túmulo de D. Sancho I, *O Povoador*, assinada por Manuel Diogo Neto, encontra-se no n.º 325, de "O Ocidente", de 1 de janeiro de 1888.

Vitrine 3

Convento de Santo António dos Olivais

Este convento franciscano foi construído no local da antiga Ermida de Santo Antão, onde se instalou a primeira casa que os frades menores tiveram em Portugal - o Convento de Santo António dos Olivais. Esta designação deve-se à sua ligação a Santo António, nascido em Lisboa em agosto de 1195, que depois de iniciado no mosteiro de S. Vicente, em Lisboa, recolhera ao Mosteiro de Santa Cruz em 1212, vindo em 1221, ano em que passou à religião dos frades menores, a acolher-se neste convento com vista à prossecução dos seus pios intentos.

O convento foi sucessivamente transformado e renovado, restando do primitivo edifício, entre outros, o característico portal, de perfil gótico, totalmente reconstruído no séc. XVIII.

A gravura reproduzida encontra-se publicada no n.º 594 de "O Ocidente", de 25 de junho de 1895.

O Seminário de Coimbra

Foi fundado pelo bispo da diocese D. Miguel da Anunciação que lançou a primeira pedra a 22 de junho de 1748, sendo concluído a 28 de outubro de 1765.

Com a cooperação do padre napolitano D. Nicolau Gilberto, conseguiu a colaboração na construção do edifício do arquiteto italiano Giovanni Tamossi, autor do projeto, substituído após a sua morte pelo pintor e cenógrafo João Jacomo Azzolini.

O conjunto dos edifícios ao gosto italiano, é composto pelo central (ou Casa Velha) tendo à sua esquerda a Casa Nova, concluída em 1873 e à direita a Casa Novíssima de 1880. Ambas as datas estão registadas no arco central exterior.

A gravura publicada encontra-se no n.º 385, de “O Ocidente”, de 1 de setembro de 1889, assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco) e José Augusto d’Oliveira.

Jardim Botânico

O Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, criado por iniciativa do Marquês de Pombal, como parte de *Museu de História Natural* em 1772, ocupa uma área de cerca de 13,5 ha.

O jardim distribui-se por vários patamares, com extensas avenidas e escadarias. Possui uma enorme variedade de plantas e árvores exóticas de todo o mundo, ocupando a mata, e o bambuzal, cerca de dois terços da área total do jardim. Possui também duas estufas: a Estufa Grande, desenhada por Pezarat, de 1859, com uma estrutura toda em ferro e vidro, dividida em três corpos e a Estufa Fria, criada nos anos 50 do séc. XX pelo Prof. Doutor Abílio Fernandes.

Teve como primeiro responsável Domingos Vandelli, e a partir de 1791, Avelar Brotero, professor de Botânica e de Agricultura, que ampliou o jardim através da aquisição de um terreno da quinta dos Padres Marianos, em 1809.

Em 1873 o jardim passa a ser dirigido por Júlio Henriques, que promoveu uma intensa permuta de plantas com os principais jardins botânicos de todo o mundo. Por sua iniciativa foi fundada a “Sociedade Broteriana”, que em 1880 iniciou a publicação do “Boletim da Sociedade Broteriana”, ainda em publicação.

Seguiu-se-lhe na direção do jardim o botânico Luís Wittnich Carrisso, desde 1918 até falecer em 1937, que promoveu o enriqueci-

mento do jardim com novas plantas, particularmente com plantas exóticas africanas.

As gravuras assinadas por Caetano Alberto da Silva e Manuel de Macedo encontram-se no n.º 141, de 21 de novembro de 1882, de “O Ocidente”.

Quinta das Lágrimas

A gravura publicada no n.º 50, de 15 de janeiro de 1880 reproduz o palácio da Quinta das Lágrimas após o incêndio aí ocorrido na noite do dia 21 de dezembro de 1879.

Na altura a quinta era pertencente ao “digno par do reino Miguel Ozorio Cabral”. Do incêndio conseguiu-se salvar a livraria e a capela, embora a maior parte do edifício e o respetivo recheio tenha ficado destruído.

Esta gravura é assinada por Caetano Alberto da Silva.

Ponte de Ferro sobre o Mondego

A Ponte de Ferro foi construída sobre as bases dos pegões da antiga ponte de cantaria, parte da qual fora construída no tempo de D. Manuel I. Tinha uma extensão de 217,40 m, dividindo-se o tabuleiro em oito tramos, de diversas dimensões devido ao aproveitamento das bases existentes.

A demolição da antiga ponte foi começada em 14 de junho de 1873 e concluída no final de setembro do mesmo ano. A construção da nova ponte em ferro iniciou-se no mesmo ano, tendo sido terminada em 15 de agosto de 1875. Antes mesmo de completa abriu ao trânsito em 8 maio deste ano.

A gravura onde se pode observar também o Convento de São Francisco e o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova encontra-se no n.º 280, de 1 de outubro de 1886, de “O Ocidente” e é assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco) e Caetano Alberto da Silva.

Ponte da Portela

A Ponte da Portela encontra-se situada a cerca de três quilómetros da cidade de Coimbra, projetada e dirigida pelo Eng.º Heitor de Macedo. Dividida em quatro tramos, foi construída em cantaria, ferro e madeira, tendo sido inaugurada em 12 de julho de 1873.

A gravura encontra-se no n.º 364, de “O Ocidente”, de 1 de fevereiro de 1889, assinada por Cazellas (Domingos Casellas Branco).

Vitrine 4

TRAJES

Camponesas das margens do Mondego

Estas figuras típicas de camponesas podiam ver-se pelas margens do Mondego, do Vouga ou do Minho.

Para atravessar o rio as mulheres arregaçam as saias e cruzam-nas atando-as em nó. Com o cesto de erva à cabeça e a sachola em cima, como a que se vê mais distante, ou como as que caminham a par, quer vão para a feira ou mercado, com o chapéu e as chinelas dentro da canastra ou como a que vai levar o almoço ao marido dentro do canastrel, acompanhada pela filha, exibindo ambas o lenço à cabeça e o xaile traçado.

As camponesas das margens do Mondego, atravessando o rio a vau, é um desenho de Manuel de Macedo e C. Penoso, no n.º 93, de “O Ocidente”, de 21 de julho de 1881.

Lavadeiras do Mondego

Esta gravura é uma reprodução de um quadro executado pelo Sr. Lupi, professor da Academia de Belas Artes de Lisboa, para a Exposição Universal de Paris de 1878. O júri da exposição distinguiu esse quadro com a medalha de bronze, tendo sido leiloado na ocasião por 4.000 francos, uma quantia significativa para a época.

A gravura representa as várias fases da lavagem da roupa: o esfregar das peças sobre as lajes, o torcer a roupa, o por a corar e a enxugar no areal.

Está publicada no n.º 41, de 1 de setembro de 1879, de “O Ocidente”, assinada por Caetano Alberto da Silva e M. Lupi.

Aldeã das margens do Mondego e Mulher da Gândara de Montemor

As duas gravuras desenhadas por Manuel de Macedo, foram publicadas no n.º 48, de 15 de dezembro de 1879, de “O Ocidente”.

“A mulher da gândara de Montemor é um tipo muito distinto. As borlas e tope do chapéu, resto ainda talvez dos antigos usos góticos, dão uma feição muito singular ao povo daquela localidade. As grossas contas que lhe adornam o colo, o largo folho que ostenta a camisa, diferente contudo do folho das varinas, o colete de largo decote circuitado de bicos, e abrochado por seis grandes botões geralmente de prata, são tudo elementos curiosos [...].

[...] a aldeã dos campos do Mondego, não tem tanta singularidade, mas ainda assim é o tipo característico. Ao passo que o cabelo da primeira é cortado curto, o desta divide-se sobre a testa em bastas madeixas; o rosto da outra apresenta-se livre e o desta todo emoldurado em farto lenço de algodão; a saia da outra é mais curta, a desta mais comprida e com rofego; o chapéu é sem borlas mas mais largo e de copa mais baixa, e a ampla capa envolve e contorna-lhe o robusto tronco”.

Pescadores do Mondego

A parte mais favorável à navegação entre o Mosteiro de S. Jorge e a foz permitia a “pesca de saborosos peixes” em que se “empregavam muitos homens com suas canoas”.

Os pescadores usavam todos vestes diferentes cobrindo a cabeça com o característico barrete preto de lã.

A gravura “Scenas do Mondego – Um barco de pescadores”, foi realizada por Christino e por Manuel Diogo Netto a partir de uma fotografia de Emilio Biel, encontra-se no n.º 289, de 1 de janeiro de 1887, de “O Ocidente”.

Tipos da Universidade

As insígnias de Doutor constam de um capelo de veludo, forrado de seda e ornado com alamares, de um *bonnet* de borla, também de seda e de um anel cuja pedra deve ter a cor distintiva da respetiva faculdade. Os capelos usam-se unicamente sobre o vestido talar, loba e capa, que é o vestuário académico e que é de obrigação em atos públicos e oficiais da Universidade.

O Archeiro está em uniforme de grande gala. O uniforme consta de um *bonnet* de pala, sobrecasaca e calça cor de pinhão com guarnições de azul e branco. O chefe destes guardas empunhava a simbólica vara branca. Eram os *homes* do Meirinho da Universidade, armados de *chuços* e *partezanas*. Passaram depois a *verdises* e com esta denominação ainda figuraram nos acontecimentos do primeiro quartel do séc. XIX.

As gravuras, cópias de fotografias da autoria de José Maria dos Santos, encontram-se no n.º 510, de 21 de fevereiro de 1893, de “O Ocidente”.

Uma vista do Mondego

A gravura mostra as lavadeiras lavando a roupa na veia do rio que leva pouca água, com os seus lenços e saias, rodeados pelos salgueiros e pelos choupos que orlam o rio, com a roupa a enxugar sobre estendais de arbustos. Os transeuntes que atravessam o rio a vau para fugir ao calor e as mulheres de saias arregaçadas levando à cabeça o cântaro, os canastréis ou as trouxas, com um equilíbrio de

fazer inveja a qualquer malabar e, num ou noutro ponto, pescadores à linha, tendo em fundo a ponte do caminho de ferro, é uma imagem típica do Mondego do Séc. XIX.

Trata-se de uma reprodução de uma fotografia da autoria de Emilio Biel, publicada no n.º 264, de 21 de abril de 1886, assinada por R. Christino e [José Augusto d'Oliveira].

Devoção sobre o papel: exposição documental/ Devotion on paper: documentary exhibition

Sala do Catálogo da BGUC, 6 abril a 11 maio 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Catálogo:

Núcleo I | PRODUÇÃO

EXPOSITOR 1

INÁCIO DE LOYOLA, Santo, 1491-1556

Exercitia spiritualia. Conimbricæ : [per Ioannem Barrerium], 1553.

UCBG R-4-22

COMPANHIA DE JESUS

Constitutiones Societatis Iesv cum earum Declarationibus. Romae
: in Collegio eiusdem Societatis, 1583.

UCBG R-15-12

COMPANHIA DE JESUS

Regulae aliquot Societatis Iesu. Burgis : apud Philippum Iuntam, 1583.
UCBG V.T.-20-7-16

COMPANHIA DE JESUS

Regras da Companhia de Iesu. Em Evora : por Manoel de Lyra, 1603.
UCBG R-9-17

EXPOSITOR 2**ACQUAVIVA, Cláudio, 1543-1615**

Ratio atque institutio studiorum Societatis Iesu. Romae : Collegio
Rom. eiusde[m] Societ., 1606.
RB-12-14

ACQUAVIVA, Cláudio, 1543-1615

Ratio atque institutio studiorum per sex patres ad id iussu R.P. Praepositi
Generalis deputatos conscripta. Romae : in Collegio Societatis Iesu, 1586.
UCBG R-15-10

NADAL, Jerónimo, 1507-1580

Evangelicae historiae imagines Ex ordine Euangeliorum, quae toto
anno in Missae sacrificio recitantur, In ordinem temporis vitae
Christi digestae. Antuerpiae : [s.n.], 1593.
UCBG S.P.-Af-4-13

CARTAS DOS JESUÍTAS

Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreverão
dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India,
& Europa, desde anno de 1549 até o de 1580 [sic] [1589]. Em Evora :
por Manoel de Lyra, 1598.
UCBG R-28-8/9

Núcleo II | HAGIOGRAFIA**EXPOSITOR 3****RIBADENEIRA, Pedro, 1526-1611**

Vita Ignatii Loiolae qui Religionem Clericorum Societatis Iesu instituit. Madrid : apud viduam Alphonsi Gomezii, 1586.

UCBG 1-12-7-32

MAFFEI, Giovanni Pietro, 1533-1603

Historiarum indicarum libri XVI. Selectarum item ex India Epistolarum, eodem interprete, libri IIII. Accessit Ignatii Loiolae Vita, postremo recognita. Lugduni : ex officina Iunctorum, 1589.

UCBG 4 A-33-7-10

**RELAÇÃO DE ALGUNS DOS MUITOS MILAGRES QUE TEM
OBRADO DEUS NOSSO SENHOR EM MUNELEGRA**

Relação de alguns dos muitos milagres que tem obrado Deus Nosso Senhor em Munelegra, lugar da comunidade de Calatayud por meo de hu[m]ja Imagem de S. Inacio de Loyola, Fundador da Companhia de Iesus em os meses de Abril, & Mayo de 1623. Em Evora : por Manoel Carvalho, [1623].

UCBG Misc. 443, n.º 7335

ESCOBAR Y MENDOZA, António, 1589-1669

San Ignacio. Poema heroico. En Valladolid : por Francisco Fernandez de Cordoua, 1613.

UCBG 4-1-6-33

RERUM SCHOLASTICARUM

Rerum scholasticarum quae a Patribus huius Conimbricensis Collegii Scriptae sunt. Tomus quintus.

UCBG Ms. 994

EXPOSITOR 4**TURSELINO, Horacio, 1544-1599**

Historia de la entrada de la christiandad en el Japon, y Chima, y en otras partes de las Indias Orientales, y de los hechos y admirable vida del Apostolico varon de Dios el Padre Francisco Xavier de la Compañia de Jesus, y uno de sus primeros Fundadores. En Valladolid : por Iuan Godinez de Milles, 1603.

UCBG RB-6-28

DURÃO, António Figueira, 1617?-1642

Opera omnia. Lisbonae : ex typographia Georgij Rodrigues, 1635.

UCBG R-34-2

CARDIM, António Francisco, 1596-1659

Fasciculus e lapponicis floribus, suo adhuc madentibus sanguine. Romae : Typis Heredum Corbelletti, 1646.

UCBG RB-37-35

TELES, Baltasar, 1596-1675

Chronica da Companhia de Iesu, na Provincia de Portugal, e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola nosso Fundador. Primeira [-segunda] parte. Em Lisboa : por Paulo Craesbeeck, 1645-[1647]

UCBG V.T.-8-8-1/2

LUCENA, João de, 1549-1600

Historia da vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeram na India os mais Religiosos da Companhia de Jesu. Em Lisboa : per Pedro Crasbeek, 1600.

UCBG RB-37-9

Núcleo III | RELAÇÕES E SERMÕES DE FESTAS**EXPOSITOR 5****SOUSA, Vasco de, 1584-1618**

Sermam que fes D. Vasco de Sousa, na Cidade do Porto, no Collegio de S. Lourenço da Companhia de Iesu, na Festa do B. Inacio seu Patriarcha, & Fundador Aos 31 de Julho 1614. Em Coimbra : [por Diogo Gomez de Loureyro], 1614.

UCBG Misc. 155, n.º 2799

**RELAÇÃO GERAL DAS FESTAS QUE FEZ A RELIGIÃO DA
COMPANHIA DE JESUS NA PROVÍNCIA DE PORTUGAL**

Relaçam geral das festas que fez a Religião da Companhia de Iesus na Provincia de Portugal, na canonizaçãõ dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola seu fundador, & S. Francisco Xavier Apostolo da India Oriental, no Anno de 1622. Em Lisboa : por Pedro Craesbeeck, 1623.

UCBG 4-8-5-109

TAVARES, António, 15--?-1626

Sermam que pregou o P. F. Antonio Tavares Religioso da Ordem de nossa Senhora do Carmo. Em S. Roque casa professa da Companhia de Iesus da cidade de Lisboa a 3 de Agosto de 1622 na solemnissima festa que se fez â canonizaçãõ dos dous SS. Padres Ignacio de Loyola, & Francisco Xavier Patriarcas de sua Religião. Em Lisboa : por Geraldo da Vinha, 1622.

UCBG Misc. 98, nº 1986

FARIA, Tomé de, ca. 1558-1628

Sermaõ, que fez no Collegio de S. Antam da Companhia de Iesu, da Cidade de Lisboa, o Illustrissimo Senhor Dom Frey Thome de

Faria Bispo de Targa, da Ordẽ de nossa Senhora do Carmo, aos 7 de Agosto de [1]622. Lisboa : por Geraldo da Vinha, 1624
UCBG Misc. 167, n.º 2980

MATOS, Francisco de, 1636-ca. 1720

Sermam do Grande Patriarcha S. Ignacio que pregou o Padre Mestre Francisco de Mattos da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio do Rio de Janeiro, Na Igreja do mesmo Collegio, anno de 1697. Lisboa : na officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1699.
UCBG Misc. 234, n.º 3908

EXPOSITOR 6

COMPANHIA DE JESUS. Colégio de Santo Antão, Lisboa

Triunfo com que o Collegio de S. Antam da Companhia de Iesu da Cidade de Lisboa, celebrou a Beatificação do Santo Padre Francisco Xavier da mesma Companhia. Celebrouse este Triunfo Sesta Feira 4 do Mez de Dezembro de 1620 Annos. [Lisboa] : [por João Rodriguez a S. Antão], [1620?].
UCBG Misc. 39, n.º 865

CARVALHO, Jerónimo Ribeiro de, 1609-1679

Sermaõ do Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier que pregou no Collegio de Sancto Antão, o P. Mestre Hieronymo Ribeiro da Companhia de Iesus Anno de 1644. Em Coimbra : na officina de Thome Carvalho, 1664.
UCBG Misc. 251, n.º 4177

GONZAGA, Luís, 1666-1747

Sermam da Canonizaçam de Sam Francisco Xavier no ultimo dia de sua Novena, estando o Senhor Exposto, assistindo o muyto alto, e poderoso principe D. Joam Francisco Xavier, e os Serenissimos

Infantes D. Francisco, e D. Antonio, Senhores Nossos, prégado na Caza Professa de Sam Roque de Lisboa em 12 de Março de 1706. Lisboa : na officina de Miguel Manescal, 1706.

UCBG Misc. 171, n.º 3034

MONTANHA, José, 17---17--?

Sermaõ da Canonisaçaõ de S. Francisco Xavier feito, e pregado pelo P. Joseph Montanha da Sagrada Companhia de Jesus no Real Collegio de S. Paulo de Braga. anno 1757.

UCBG Ms. 3032

MATOS, Francisco de, 1636-ca. 1720

Sermam das Quarenta horas, que foy o segundo da Novena de S. Francisco Xavier, Que se celebra no Collegio do Rio de Janeyro, anno de 1696. In **Sermoens Varios que pregou o muyto reverendo Padre Mestre Francisco de Mattos, da Companhia de Jesus.**

Lisboa : na officina de Antonio Pedroso Galrão, 1701. p. 172-204

UCBG Misc. 239, n.º 3988(6)

Núcleo IV | ICONOGRAFIA

EXPOSITOR 7

COMPANHIA DE JESUS

Regras da Companhia de Iesu. Em Evora : por Manoel de Lyra, 1603.

UCBG V.T. -6-7-24

SOUSA, Francisco de, 1630-1712

Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. Vol. 2

UCBG V.T.-10-7-10

SOUSA, Francisco de, 1630-1712

Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. Vol. 2
UCBG 4 A-5-14-6

BALCÃO**BOLSWERT, Schelte, 1586?-1659**

[Santo Inácio de Loyola com trigramma da Companhia de Jesus]. P. P. Rubens pinxit. [S.l.] : [s.n.], [1622/1623-1633]
Rijksmuseum – Amesterdão RP-P-BI-2557

FRONTISPÍCIO DA IGREJA DE SÃO PAULO EM MACAU

Frontespicio da Igreja de S. Paulo em Macau. [Lisboa] : lith. de M.el L. da Costa, [ca. 1835-1850].
UCBG [s/cota]

BOLSWERT, Schelte, 1586?-1659

[São Francisco Xavier]. P. P. Rubens pinxit. [S.l.] : [s.n.], [1622/1623-1633]
Rijksmuseum – Amesterdão RP-P-BI-2554

EXPOSITOR 8**SOUSA, Francisco de, 1630-1712**

Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa : na officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. Vol. 1
UCBG V.T.-10-7-9

LUCENA, João de, 1550-1600

Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier e do que fizeraõ na Índia os mais Religiosos da Companhia de Iesu. Em Lisboa : per Pedro Crasbeek, 1600.

UCBG J.F.-37-2-A-1

SEÑERI, Paolo, 1624-1694

El Confessor Instruido. Obra, en que se le muestra al Confessor nuevo la Practica de administrar con fruto el Sacramento de la Penitencia. Y el Penitente Instruido, para confessarse bien. En Madrid : a costa de Francisco Lasso, 1710.

UCBG S.P.-Z-11-35

TORRE Y SEVIL, Francisco de la, 1625-1681

El Peregrino Atlante. S. Francisco Xavier Apostol del Oriente. Epitome Historico, y Panegyrico de su vida, y prodigios. Em Lisboa : [por Domingos Carneyro, y a su costa impresso], 1674.

UCBG RB-27-35

GARCIA, Francisco, 1641-1685

Vida, y Milagros de S. Francisco Xavier, de la Compañia de Iesus, Apostol de las Indias. En Madrid : por Iuan Garcia Infanzon, [1685?].

UCBG RB-6-30

EXPOSITOR 9 | VITRINE ÚNICA

INÁCIO DE LOYOLA, Santo, 1491-1556

Missiva autógrafa endereçada pelo geral da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, ao provincial de Portugal, Simão Rodrigues, a autorizar a sua deslocação a Roma. Roma, 1545, 22 de agosto

Cabido da Sé de Coimbra [Fundo Jesuíta - padre António de Vasconcelos]

Holocausto / Holocaust

Sala do Catálogo da BGUC, 20 abril a 27 maio 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

O ódio contra os judeus fundamentou a ideologia do Partido Nacional Socialista Alemão, concebida por Adolfo Hitler e que aproveitou a crise profunda da Alemanha no pós Grande Guerra, alimentada pelas cláusulas do Tratado de Versalhes de 1919. Hitler chegaria ao poder em 1933, conduzindo uma estratégia de exclusão da comunidade judaica da vida política, social, económica e cultural da Alemanha, que desaguaria numa das maiores tragédias da História.

O Holocausto (do grego: *holo* + *kaustos*: “todo” + “queimado”) corresponde, em sentido lato, ao período entre 1933 e 1945, época de grande difusão de propaganda antissemita, com perseguição sistemática aos judeus, isolamento e deportação para campos de concentração e de extermínio, onde se praticavam os mais variados atos de violência, fuzilamentos em massa e gaseamentos, culminando nos fornos crematórios.

Nesses campos foram mortas cerca de seis milhões de pessoas, num processo designado por “Solução final” arquitetado em inícios de 1942 pelo comandante das SS (*Schutzstaffel*: “tropas de proteção”),

Reinhard Heydrich, o “homem do coração de ferro” (dizia Hitler). O plano visava um genocídio generalizado (no Reich e nos territórios ocupados) para resolver a “questão judaica”. Mas o genocídio incluiu também ciganos, opositores políticos, presos de guerra, testemunhas de Jeová, homossexuais e até pessoas com deficiência física ou mental.

Esta mostra bibliográfica está organizada em cinco núcleos: no primeiro, expõem-se algumas obras genéricas sobre o Holocausto; no segundo, evocam-se os campos de concentração e de extermínio; no terceiro, surgem alguns testemunhos de sobreviventes; o quarto núcleo é dedicado à posição da Igreja Católica perante o genocídio; por fim, apresentam-se alguns estudos sobre Portugal e o Holocausto.

Catálogo:

1. HOLOCAUSTO

Na base do antissemitismo da Alemanha nazi esteve um discurso ideológico inflamado pelo preconceito e pelo ódio, que desencadeou o processo de perseguição e de extermínio – a Shoah (em hebraico: “destruição”, catástrofe”).

Este discurso foi reforçado após a Grande Guerra (1914-1918) pelo sentimento de humilhação sentido na Alemanha devido à derrota, que ajudou a transformar os judeus em corresponsáveis pelo insucesso. Após as eleições de 1933 e a chegada de Hitler ao poder, em 30 de janeiro, o sentimento antissemita intensificou-se, como comprovam as Leis de Nuremberga (de 1935, sobre “classificação racial”) e a “Noite de Cristal” (um violento pogrom ocorrido na noite de 9-10. nov.º. 1938).

Com o início da 2.^a Guerra Mundial, os nazis intensificaram as ações repressivas contra os judeus, espoliando-os dos seus bens e empregos, ou forçando-os a confinamentos em guetos (ex: Varsóvia), à mercê da fome e da doença. Os que sobreviveram foram levados,

em especial a partir de 1942, em vagões de carga sobrelotados para campos de concentração e de extermínio, onde sofreram todo o tipo de sevícias.

As obras expostas evocam as ações repressivas contra os judeus: a discriminação, o confisco, a privação de liberdades, a expulsão dos serviços públicos, o encerramento forçado dos seus negócios, o isolamento, a exclusão da vida pública, entre outras.

BREITMAN, Richard, 1947-

Os segredos do Reich: (que os aliados sabiam). Trad. Ana Mafalda Tello. 1.^a ed. Lisboa : Âncora Editora, 2001.

6-19 A-5-20

BRUCHFELD, Stéphane, 1955- ; LEVINE, Paul A., 1956-2019

Contaí aos vossos filhos ... : um livro sobre o Holocausto na Europa, 1933-1945. Lisboa : Gótica, 2000.

5-54-52-25

CLENDINNEN, Inga, 1934-2016

Um olhar sobre o Holocausto. Trad. A. Mata. Lisboa : Prefácio, D.L. 2007.

9-(1)-11-4-26

CLIFFORD, Rebecca

Sobreviventes : a vida das crianças após o Holocausto. Lisboa : Edições 70, imp. 2021.

4-(1)-34-7-12

GILBERT, Martin, 1936-

A Segunda Guerra Mundial. Trad. de Ana Luísa Faria, Miguel Serras Pereira. 8.^a ed. Alfragide : Dom Quixote, 2014.

10-(1)-17-50-24.

GREEN, Gerald, 1922-

Holocausto. Trad. Maria Emília Ferros Moura. Amadora : Bertrand, 1979.
6-44-4-1

HAENEL, Yannick, 1967-

Jan Karski : o herói que tentou travar o Holocausto. Trad. Carlos
Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa : Teorema, 2010 imp.
10-(1)-10-2-7

HILBERG, Raul, 1926-2007

The destruction of European jews. Chicago : Quadrangle Books, 1961.
5-66-29-104

HITLER, Adolf, 1889-1945

Mein Kampf = A minha luta: precedido por uma história da ascensão,
poder e crime do nazismo. Por Manuel S. Fonseca; pesquisa de Antó-
nio Rodrigues e André Morgado. 2.^a ed. Lisboa : Guerra e Paz, 2016.
4-(1)-2-24-39

MILLER, Richard Lawrence, 1949-

Justiça nazi: a lei do Holocausto. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1.^a
ed. Lisboa : Editorial Notícias, 1997.
5-53-37-17

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950-

Holocausto. 1.^a ed. Lisboa : Temas e Debates : Círculo de Leitores, 2020.
4-(1)-29-26-16

REES, Laurence, 1957-

Holocausto : uma nova história ; [tradução Jorge Mourinha]. 1.^a
ed. Amadora : Vogais, 2017.
4-(1)-6-6-14

ROSEMAN, Mark, 1958-

Ordem de trabalhos : genocídio. Trad. António Costa Santos. 1.^a ed. Porto : Campo das Letras, 2005.

9-(1)-4-56-52

ROSENBERG, Otto, 1927-2001

A lente de aumento : os ciganos no Holocausto. Org. por Ulrich Enzensberger ; [trad. Pedro Miguel Dias]. 1.^a ed. Lisboa : Âncora, 2001.

6-67-10-44

RUBY, Marcel, 1924-2011

O livro da deportação : a vida e a morte nos 18 campos de concentração e de extermínio. Trad. António Moreira e Maria da Piedade Moreira. 1.^a ed. Lisboa : Editorial Notícias, 1998.

5-53-37-56

SER testemunha : versão portuguesa de um conjunto de material didáctico para explicar o Holocausto e festejar o Yom Hashoah. Compil. Shulamit Imber... [et al.] ; trad. Carlos Santos. Cascais : Câmara Municipal, D.L. 2001.

6-10-21 B-88

SNYDER, Timothy, 1969-

Terra negra : o Holocausto como história e aviso ; tradução de Pedro Carvalho e Guerra e Rita Carvalho e Guerra. 1.^a ed. Lisboa : Bertrand Editora, 2016.

4-(1)-4-14-16

VASQUES, André

101 factos e datas sobre o Holocausto. 1.^a ed. Lisboa : Garrido Editores, 2003.

8-(2)-18-5-137

WASSERSTEIN, Bernard, 1948-

Do Holocausto à salvação : a história da mulher que, a partir de Lisboa, ajudou milhares de judeus a fugir à morte certa. Trad. Luís Coimbra. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2014.

10-(1)-14-37-26

WISTRICH, Robert S., 1945-2015

Hitler e o Holocausto : história breve. Trad. Maria Manuela Pena Gomes. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 2004.

7-75 B-27-17

2. CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E DE EXTERMÍNIO

Os campos de concentração na Alemanha nazi (o 1.^o foi em Oranienburg, em março de 1933, mas no final desse ano já havia perto de meia centena) foram usados para a detenção de milhares de pessoas que o regime hitleriano considerava elementos racial ou socialmente “indesejáveis”. Aqui, explorava-se a força de trabalho dos prisioneiros, a maioria dos quais morria lentamente por exaustão ou subnutrição.

Aos poucos, foram criados os campos de extermínio, quase todos na Polónia ocupada e com o objetivo de eliminar rapidamente os prisioneiros, na sua maioria judeus. Esta “indústria da morte” conheceu diversas técnicas, desde balas na nuca (para mulheres, crianças e inválidos, logo à chegada) até aos fornos crematórios da “Solução final”, passando por experiências médicas devastadoras ou pela sufocação em carrinhas de gás com o tubo de escape virado para dentro.

As obras expostas descrevem o quotidiano de alguns desses tenebrosos locais, como os campos de concentração de Dachau e Bergen-Belsen, que forneciam mão-de-obra escrava a empresas alemãs, ou os campos de extermínio de Auschwitz-Birkenau, Sobibór e Treblinka, onde perderam a vida cerca de três milhões de pessoas.

BERNADAC, Christian, 1937-2003

Os médicos malditos : experiências médicas em seres humanos nos campos de concentração. Porto : Editorial Inova, [1969?]

5-41-6

FIGUEIRAS, Inês, 1987-

Campos de concentração nazis: sobreviventes e fugitivos. Lisboa : Guerra e Paz, 2021.

4-(1)-38-4-2

HELM, Sarah, 1956-

Se isto é uma mulher: dentro de Ravensbrück: o campo de concentração de Hitler para mulheres. Lisboa: Presença, 2015.

10-(1)-19-33-41

LENGYEL, Olga, 1908-2001

Os fornos de Hitler. Trad. Ana Maria Pinto da Silva. 1.^a ed. Lisboa : Crítica, 2021.

10-(1)-12-43-19

MILLU, Liana, 1915-2005

O fumo de Birkenau. Trad. Gianluca Miraglia ; pref. Primo Levi. 1.^a ed. Lisboa : Nova Vega, 2011.

10-(1)-10-49-29

PILECKI, Witold, 1901-1948

O voluntário de Auschwitz : o herói que se deixou capturar para contar ao mundo a terrível verdade sobre os campos de concentração nazis. Trad. Maria da Fé Peres ; [apresent. Norman Davies ; pref. Michael Schudrich]. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2013.

10-(1)-14-37-3

POSNER, Patricia, 1951-

O farmacêutico de Auschwitz : [uma história secreta do Holocausto]. Trad. de Francisco Silva Pereira. 1.^a ed. [S.l.] : Alma dos Livros, 2017 ([Queluz] : Multitipo - Artes Gráficas).

4-(1)-12-21-35

PRESSAC, Jean-Claude, 1944-2003

Os crematórios de Auschwitz : a maquinaria do assassinio em massa. Trad. António Moreira. Lisboa : Notícias, D.L. 1994.

6-23-51-71

RAJCHMAN, Chil, 1914-2004

Sou o último Judeu : Treblinka : 1942-1943. Trad. Telma Costa ; [pref. Annette Wieviorka]. Lisboa : Teorema, 2009.

10-(1)-1-15-38

VEIL, Simone, 1927-2017

A madrugada em Birkenau. Testemunhos recolhidos por David Teboul ; trad. Antonio Sabler. 1.^a ed. Lisboa : Quetzal Editores, 2021.

4-(1)-33-25-25

WACHSMANN, Nikolaus, 1971-

KL : a história dos campos de concentração nazis. Trad. de Miguel Mata. 1.^a ed. Alfragide : Dom Quixote, 2015.

4-(1)-3-1-2

3. TESTEMUNHOS DO HOLOCAUSTO

Alguns dos sobreviventes do Holocausto registaram em livro o testemunho dos horrores que aconteceram nestes locais de profunda degradação humana.

Nesta vitrina encontram-se testemunhos de autores como: David Rousset (um prisioneiro político francês que foi deportado para Buchenwald e Neuengamme, autor em 1946 de *L'univers concentrationnaire*, um dos primeiros depoimentos sobre os campos nazis); Primo Levi (um químico italiano de origem judaica, preso em Auschwitz em 1944 e autor de relatos impressionantes); Elie Wiesel (professor e novelista romeno que passou por Auschwitz e por Buchenwald, tendo recebido o Prémio Nobel da Paz em 1986); Nanette Blitz Konig (colega de Anne Frank no Liceu Judaico de Amsterdão, presa com a família em Bergen-Belsen, em 1944); entre outros.

LEVI, Primo, 1919-1987

Os que sucumbem e os que se salvam. Trad. de José Colaço Barreiros. 1.ª ed. Alfragide : Publicações Dom Quixote, 2018.

4-(1)-17-19-14

- Se isto é um homem. Trad. de Simonetta Cabrita Neto. Lisboa : Teorema, imp. 1988.

5 A-5-1-11-98

LEVI, Primo, 1919-1987; BENEDETTI, Leonardo, 1898-1983

Assim foi Auschwitz : testemunhos 1945-1986. 1.ª ed. Trad. Federico Caroti. Org. Fabio Levi, Domenico Scarpa ; Lisboa : Objectiva, 2015.

7-47 A-1 B-9

HENDERSON, Bruce

Filhos e soldados : os heróis do Holocausto ; trad. Luís Santos. 1.ª ed. Lisboa : Clube do Autor, 2019.

4-(1)-18-5-41

KONIG, Nanette Blitz, 1929-

Sobrevivi ao Holocausto : [o relato comovente de uma das últimas amigas de Anne Frank]. [Adapt. Mariana Valadares]. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2015.
10-(1)-19-54-16

MAZZEO, Tilar J., 1971-
Os meninos de Irena : a vida secreta da mulher que salvou 2500 crianças do Holocausto. Trad. do inglês por Elsa T. S. Vieira. 1.^a ed. Alfragide : Asa, 2016.
4-(1)-3-24-35

MIESZKOWSKA, Anna, 1958-
A história de Irena Sendler : a mãe das crianças do Holocausto. Trad. Carmo Vasconcelos Romão ; [pref. Marcelo Rebelo de Sousa]. Lisboa : Livros do Brasil, imp. 2011.
10-(1)-12-44-2

ROSEN, Richard Dean, 1949-
Memórias do silêncio : as vidas das crianças que sobreviveram escondidas ao Holocausto. Trad. Pedro Garcia Rosado. 1.^a ed. Amadora : Vogais, 2014.
10-(1)-14-37-27

ROUSSET, David, 1912-1997
L'univers concentrationnaire. Paris : Éditions du Pavois, imp. 1946.
940.53 ROU

SAMUEL, Jean, 1922-2010; DREYFUS, Jean-Marc, 1968-
Chamava-me Pikolo : o testemunho de um dos retratados por Primo Levi em Se Isto é um Homem. Trad. Francisco Agarez. 1.^a ed. Colares : Pedra da Lua, 2009.
9-(1)-2-39-19

STOESSINGER, Caroline

Alice : lições de vida, fé e coragem da mais antiga sobrevivente do Holocausto. Trad. Marta Amaral. 1.ª ed. Lisboa : Matéria-Prima, 2012.
10-(1)-9-14-6

VASSEUR, Nadine, 195-?-

Eu não lhe disse que estava a escrever este livro : filhos de sobreviventes do Holocausto testemunham. Trad. Lúcia Liba Mucznik ; rev. Ana Isabel Palma da Silva. 1.ª ed. Colares : Pedra da Lua, 2008.
9-(1)-9-4-6

VENEZIA, Shlomo, 1923-

Sonderkommando : o depoimento único de um judeu forçado a trabalhar nas câmaras de gás. Colab. com Béatrice Prasquier ; trad. de Verónica Fitas ; pref. de Simone Veil. 1.ª ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2008.
9-(1)-10-20-9

WIESEL, Elie, 1928-2016

Noite. Trad. Paula Almeida. 1.ª ed. Lisboa : Texto Editora, 2003.
8-(2)-19-40-4

4. A IGREJA PERANTE O HOLOCAUSTO

A ação da Igreja Católica durante a 2.ª Guerra Mundial, em especial no que ao Holocausto diz respeito, tem suscitado diversas críticas, mais ou menos incisivas, nomeadamente sobre a posição concreta do Papa Pio XII (1939-1958).

Os mais altos responsáveis da Igreja Católica estavam conscientes da situação que se vivia na época, pelo que o seu relativo silêncio tem sido questionado. O cerne do debate é a dúvida quanto à tolerância da Igreja Católica para com o regime nazi, e a forma como a relação entre o Vaticano e o III Reich pode ter influenciado os acontecimentos de 1939-1945.

Neste conjunto, encontram-se vários estudos que analisam esta temática, assim como a atuação concreta de alguns dos intervenientes eclesiais.

COSTA, João Bénard da, 1935-2009

Os silêncios do Vaticano. "O tempo e o modo", Lisboa. 49, (1967).
5-33-35-34

GASPAR, João Gonçalves, 1929-

Mártir do Holocausto : notas biográficas de S. Maximiliano Maria Kolbe (1894-1941). Capa de Jeremias Bandarra. 2.^a ed., rev. e ampliada. Fátima : Cidade do Imaculado Coração de Maria, 2008.
9-(1)-9-11-69

GOLDHAGEN, Daniel Jonah, 1959-

Uma dívida moral : a Igreja Católica e o Holocausto. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1.^a ed. Lisboa : Editorial Notícias, 2004.
8-(2)-21-23-42

ICKX, Johan, 1962-

Os judeus de Pio XII. 1.^a ed. Amadora: Vogais, 2021.
4-(1)-37-29-6

MEDINA, João, 1939-

Auschwitz e Moscovo : o silêncio de Deus em Auschwitz ; seguido de É possível explicar Auschwitz? e Dois escritores russos : Grossman e Siniavsky. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2006.
9-(1)-3-25-37

- O silêncio de Deus em Auschwitz e outras nótulas sobre a inacessibilidade de Deus ; seguido de O Museu do Holocausto. Cascais : Câmara Municipal, 2001.

5-32-27-119

THOMAS, Gordon, 1933-2017

Os Judeus do Papa : o plano secreto do Vaticano que salvou milhares de Judeus no Holocausto. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1.ª ed. Lisboa : Casa das Letras, 2012.

10-(1)-8-17-32

TORNIELLI, Andrea, 1964-

Pio XII : o Papa dos judeus. Trad. António Maia da Rocha. Porto : Civilização, D.L. 2002.

8-(2)-18-38-24

VIVIANI CONTRERAS, Guillermo, 1893-1964

Pio XII y la guerra. [S.l.] : Tipografia Poliglota Vaticana, 1942.
940.53 VIV

5. PORTUGAL E O HOLOCAUSTO

Este grupo de obras aborda a ‘neutralidade portuguesa’ no conflito, o que permitiu acolher milhares de judeus e de outros refugiados que escapavam da perseguição nazi e do Holocausto, passando por Portugal em rota para outros países. Embora inevitável, este afluxo de refugiados colocou o Portugal de Salazar numa situação embaraçosa perante a Alemanha de Hitler, circunstância que, todavia, não impediu a salvação de vários milhares de vidas.

Incluem-se também algumas obras que documentam o sofrimento de alguns Portugueses no Holocausto, particularmente emigrantes em França e judeus holandeses, de origem portuguesa, que foram deportados para campos de concentração. Destaque-se ainda o caso do côsul Aristides de Sousa Mendes, cuja ação contribuiu para a salvação de centenas de judeus tragicamente ameaçados.

CARVALHO, Patrícia, 1975-

Portugueses nos campos de concentração nazis. 1.ª ed. Amadora : Vogais, 2015.

10-(1)-19-54-9

MUCZNIK, Esther, 1947-

Judeus portugueses: uma história de luz e sombra: a presença judaica: em Portugal: momentos, episódios e personalidades inesquecíveis. 1.ª ed. Lisboa: Manuscrito, 2021.

4-(1)-34-22-3

- Portugueses no Holocausto : histórias das vítimas dos campos de concentração, dos cônsules que salvaram vidas e dos resistentes que lutaram contra o nazismo. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2012.

10-(1)-8-10-17

NUNES, João Paulo Avelãs, 1965-

O Estado Novo e o volfrâmio (1933-1947) : actividade mineira, "Grande Depressão" e Segunda Guerra Mundial. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

8-(2)-29-8-40

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950-

Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial : em fuga de Hitler e do Holocausto. Colab. Christa Heinrich. 1.ª ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2006.

8-110-8-37

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950- ; RAMALHO, Margarida Magalhães, 1954-
O comboio do Luxemburgo : os refugiados judeus que Portugal não salvou em 1940. 1.ª ed. Lisboa : A Esfera dos Livros, 2016.

4-(1)-5-25-40

PIMENTEL, Irene Flunser, 1950- ; NINHOS, Cláudia, 1985-
Salazar, Portugal e o Holocausto. 1.ª ed. [Lisboa] : Temas e Debates
: Círculo de Leitores, 2013.
10-(1)-9-45-17

ROSAS, Fernando, 1946-
Portugal: entre a paz e a guerra: estudo do impacte da II Guerra
Mundial na economia e na sociedade portuguesas: 1939-1945.
Lisboa : Estampa, 1995.
5-24-3-9

RUI, José, 1930-
Aristides de Sousa Mendes : herói do Holocausto. 1.ª ed. Lisboa
: Âncora, 2004.
9-69-21-39

SEQUERRA, Henrique, 1958-
Já posso dizer a verdade? : [a apaixonante história dos gémeos
portugueses Samuel e Joel, heróis anónimos na salvação de vítimas
do Holocausto] . 1.ª ed. Lisboa : Chiado Editora, 2015.
6-1-39-38

Centenário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul / Centenary of the first flight across the South Atlantic

Sala do Catálogo da BGUC, 6 a 24 junho 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

A primeira travessia área do Atlântico Sul, um feito dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, teve lugar entre as cidades de Lisboa e do Rio de Janeiro no ano de 1922, em que se comemorava um século da independência do Brasil.

Gago Coutinho, geógrafo, aviador, astrónomo e historiador, foi o navegador. Sacadura Cabral, aviador e oficial da marinha de guerra portuguesa, pilotava o «Lusitânia», o primeiro dos *Fairey* utilizados neste empreendimento. A capacidade técnica e o engenho dos dois completavam-se, o que os levou a confiar no sucesso desta arriscada travessia.

A viagem iniciou-se no dia 30 de março, tendo sido utilizados no percurso três hidroaviões. Os dois primeiros ficariam incapacitados devido a avarias técnicas e às condições climatéricas adversas. Foi,

portanto, o terceiro hidroavião *Fairey*, batizado de «Santa Cruz», que chegou ao Rio de Janeiro a 17 de junho, tendo os dois pilotos percorrido um total de 4.527 milhas marítimas (8.484 km) e registado 62h26m de voo.

O objetivo de assegurar que era possível percorrer de avião grandes distâncias sobre o oceano de uma forma precisa, utilizando instrumentos portáteis de navegação astronómica (como o novo tipo de sextante inventado por Gago Coutinho) foi rigorosamente cumprido.

Esta viagem marcou a história da aviação portuguesa, dando a conhecer o que de melhor se fazia em termos de navegação aérea com base científica e resolvendo plenamente o problema da navegação aérea com base nas observações astronómicas.

Catálogo:

Obras sobre Gago Coutinho e Sacadura Cabral – Biografias

BOLÉO, José de Oliveira, 1905-1974.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral : no cinquentenário da primeira travessia aérea do Atlântico (1922-1972). Lisboa : Sociedade de Geografia de Lisboa, 1972.

5-11-77-123

CHAVECA, Sebastião de Sousa, 1924-

Gago Coutinho : [documentos, fotografias, episódios]. [S.l. : s.n.], 2008 ([Lisboa] : Coraze)

9-(1)-8-36-4

CORREIA, José Pedro Pinheiro, 1892-

Sacadura Cabral : homem e aviador. Lisboa : Edição do A., 1964.

5-26-35

GIL, Alexandra

Gago Coutinho, Sacadura Cabral : os pioneiros dos céus. 1.ª ed.
Matosinhos : Booklândia, 2010.

10-(1)-7-18-12

LEITE, Bertha

Sacadura Cabral: senhor do maior culto. Lisboa : [s.n.], 1924 (Lisboa
: Tip. Galhardo & Costa).

5-2-4

MÜLLER, Adolfo Simões

O grande almirante das estrelas do sul: pequena história de Gago
Coutinho e da primeira viagem aérea ao Brasil; il. de Fernando
Bento. Porto : Livraria Tavares Martins, 1949.

91 (Coutinho) MÜL

REIS, Manuel dos, 1900-1992; CORTESÃO, Armando

Gago Coutinho : geógrafo. Lisboa ; Coimbra : Junta de Investiga-
ções do Ultramar, 1970.

5-39-52-136

Obras sobre a Travessia - Relatórios, notas históricas e técnicas

[Gago Coutinho]. Gravura de Martins Barata. "ABC: revista portu-
gueza". Lisboa. A. 2, n.º 101 (15 jun. 1922).

RP-3-1

[Sacadura Cabral]. Gravura de Martins Barata. "ABC: revista por-
tuguesa". Lisboa. A. 2, n.º 102 (22 jun. 1922).

RP-3-1

BEIRES, Sarmento

O descobrimento do caminho aéreo para o Brasil. "Revista da Universidade de Coimbra", Coimbra. Vol. 23 (1973), pp. 235-252.
A- 20-31

COUTINHO, Gago, 1869-1959

Algumas considerações sobre navegação astronómica aérea. "Seara Nova", Lisboa. N.º 13 (12 maio 1922), pp. 4-7.
9-(3)-11

MUSANTY, João Augusto de Oliveira, 1872-1937

Cruzador República : relatório da missão de apoio à travessia aérea Lisboa-Rio de Janeiro de 25 de Março a 17 de Junho de 1922. Lisboa : Comissão Cultural da Marinha, 2006.
8-(2)-28-31-66

A NAVEGAÇÃO aérea: como foi praticada na Travessia Lisboa-Rio de Janeiro pelos oficiais da Armada Portuguesa Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral. "Anais do Clube Militar Naval", Lisboa. A. 53, n.º 10-12 (out.-dez. 1922), pp. [301]-327.
A-4-22

PEREIRA, José Manuel Malhão, 1940-

Gago Coutinho a navegação aérea e a navegação marítima : contribuição para o seu estudo. Lisboa : Academia de Marinha, 2020.
4-(1)-17-5-51

A PRIMEIRA travessia aérea do Atlântico Sul : relatório oficial da viagem; preâmbulo por S. Ex^a. o Almirante Fernando de Quintanilha, Ministro da Marinha.. Lisboa : Edição da Revista da Marinha, 1964.

5-36-3-488

RELATÓRIO da viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro : 30-3-922 - 17-6-922. Lisboa : Imprensa Libanio da Silva, 1923.

RB-29-19

REPORT on the air crossing from Lisbon to Rio de Janeiro ; with an introduction by M.M. Sarmiento Rodrigues ; translated by Bryan de Avelar. Lisboa : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1972.

5-11-77-50

[Número] Dedicado à grande travessia aeronáutica Lisboa-Rio de Janeiro, realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. "Anais do Club Militar Naval". Lisboa. A. 53, n.º 4-6 (abr.-jun. 1922).

A-4-22

Notícias sobre a travessia aérea do Atlântico Sul em publicações periódicas

MORAIS, Pina de

A heroica aventura. "Ilustração Portuguesa", Lisboa. Sér. 2, n.º 482 (8 abr. 1922), pp. 316-318.

10-1-20/21

"ABC" ouve o capitão Sacadura. "ABC: revista portuguesa", Lisboa.

A. 2, n.º 90 (30 mar. 1922), p. [8].

RP-3-1

O "raid" aerio Portugal-Brasil. "ABC: revista portuguesa", Lisboa.

A. 2, n.º 92 (13 abr. 1922), p. [5].

RP-3-1

A viagem aerea ao Brasil. Clichés Garcez. "ABC: revista portuguesa", Lisboa. A. 2, n.º 95 (4 maio 1922), pp. [10-11].

RP-3-1

O "raid" Portugal-Brasil [fotografias]. "ABC: revista portuguesa", Lisboa. A. 2, n.º 99 (1 jun. 1922), p. [17].

RP-3-1

Obras sobre a Travessia

ALMEIDA, Isabel Cruz; RODRIGO, A. Lino
Cumpriu-se o ar. [Alfragide] : Força Aérea, 1999.

6-35-17-39

CASIMIRO, Augusto, 1889-1967

O raid aéreo Portugal-Brasil. "Seara Nova", Lisboa. N.º 11 (1 abr. 1922), p. 286.

9-(3)-11

ESPARTEIRO, Joaquim Marques, 1895-1976

Travessia aérea do Atlântico Sul de Lisboa ao Rio de Janeiro. Lisboa : [Sociedade de Língua Portuguesa], 1973. Sep. de: "Língua e Cultura", Lisboa. N.º 3, t. 3 (set.-dez. 1973).

6-23-1-76

FERREIRA, Meneses

A viagem maravilhosa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral fizeram pelos ares ao Brasil no ano de MCMXXII e que Menezes Ferreira descreveu e pintou para o bom povo de Portugal. 1.ª ed. Lisboa : MIL - Movimento Internacional Lusófono ; Linda-a-Velha : DG Edições, 2022.

4-(1)-1-26-37

LOPES, Norberto, 1900-1989.

A magnífica aventura : conferência, correcta e aumentada, proferida em 30 de Março de 1972 [...] comemorativa da I Travessia

Aérea do Atlântico Sul. [Lisboa] : Publicações Europa-América, imp. 1972.

5-11-81-6

CRUZEIRO do Sul: crónicas da travessia aérea do Atlântico: pref. de Gago Coutinho. Porto: Renascença Portuguesa, imp. 1923.

5-4-14

MEDEIROS, José Honorato Gago da Câmara de, 1906-1979

Asas portuguesas em demanda do Cruzeiro do Sul. Açores : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1972.

5-11-89-199

RODRIGUES, Sarmiento, 1899-1979

Chegada do "Lusitânia" ao Penedo de S. Pedro em 18 de Abril de 1922. [Lisboa] : [Secretaria de Estado da Informação e Turismo], [1972?]

5-11-71-71

A TRAVESSIA aerea Lisboa-Brazil. "Anais do Clube Militar Naval", Lisboa. A. 53, n.º 1-3 (jan.-mar. 1922), pp. 107-111.

VASSALO, A.

A primeira travessia aérea do Atlântico Sul. Lisboa : Comissão Cultural de Marinha, 2012.

9-69-13-138

Medalhas em bronze comemorativas do "Cinquentenário da 1.^a ligação Aérea do Atlântico Sul, da autoria de L. Inácio.

A primeira com a representação da bandeira Portuguesa (na face posterior), Sacadura Cabral e Gago Coutinho, com a inscrição: Fairey -17 | Lusitânia | Lisboa | 30-3-1922; a segunda com a representação da

bandeira do Brasil (na face posterior) e do hidroavião com a inscrição:
Santa Cruz | Rio de Janeiro | 17-6-1922 | Fairey - 17".

Diâmetro aproximado: 80 mm.

34-7 / 34-10

O ABC-zinho, Cottinelli Telmo e os outros / ABC-zinho, Cottinelli Telmo and the others

Sala do Catálogo da BGUC, 19 julho a 31 agosto 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Assessoria:

A BGUC agradece reconhecidamente a consultadoria especializada do Doutor João Miguel Lameiras, que foi decisiva para a organização desta mostra.

Apresentação:

Foi há pouco mais de cem anos (15.X.1921) que se publicou o primeiro número do “ABC-zinho: histórias, bonecos, construções”, considerada a primeira revista infantil publicada em Portugal.

Esta revista, que incluía, desde o primeiro número, histórias aos quadradinhos, contou com a colaboração de excelentes desenhadores, entre os quais se incluía Cottinelli Telmo, diretor da revista desde o n.º 1 até ao n.º 200 da segunda série, em 1929.

O *ABC-zinho* contou ainda com a colaboração de nomes conceituados no campo das artes plásticas, como Stuart Carvalhais, Rocha Vieira, Carlos Botelho ou Emmérico Nunes, entre muitos outros.

Esta exposição tem como objetivo assinalar o centenário da revista e, simultaneamente, comemorar o 125.º aniversário do nascimento de Cottinelli Telmo, um intelectual polivalente e que deixou uma grande marca na cidade de Coimbra.

Textos – Vitrines

JOSÉ ÂNGELO COTTINELLI TELMO (Lisboa, 13.11.1897 – Cascais, 18.09.1948)

Cottinelli Telmo foi o arquiteto oficial do governo de Salazar, tendo colaborado nas grandes obras de consagração do Estado Novo, tais como: a urbanização da Praça do Império; a conceção do Padrão dos Descobrimentos; e a direção, como arquiteto-chefe, da *Exposição do Mundo Português* (realizada em Lisboa, em 1940) e do Plano de Urbanização de Fátima, entre outras. Em Coimbra, foi responsável pela planificação das obras da Cidade Universitária, em 1943, nas quais se incluem os projetos da Biblioteca Geral, da Faculdade de Letras, da Praça D. Dinis e das Escadas Monumentais. Faleceu prematuramente, num acidente de pesca desportiva, em Cascais, aos 50 anos.

Distinguiu-se ainda como poeta, ator, *designer*, ilustrador e realizador de cinema. Escreveu e realizou *A Canção de Lisboa*, o segundo filme sonoro português (e o primeiro totalmente produzido em Portugal), estreado em 1933.

O *ABC-zinho* foi o título atribuído por Stuart Carvalhais a esta revista, que teve três séries. A primeira, entre 1921 e 1925, foi dirigida por Cottinelli Telmo e Manuel de Oliveira Ramos (até ao n.º 9); a segunda, entre 1926 a 1929 (até ao n.º 200 de 4 de novembro), foi também dirigida por Cottinelli Telmo; a terceira série, dirigida por Baptista Vasques, iniciou-se com o n.º 201 ainda em novembro do mesmo ano, vindo terminar em setembro de 1932, com a publicação do n.º 521.

Ao longo dos seus onze anos de publicação, o *ABC-zinho*, para além do contributo de Cottinelli Telmo, incluiu a colaboração artística de Stuart Carvalhais, Carlos Botelho, Emmérico Nunes, Rocha Vieira, António Cardoso Lopes, Ilberino, entre outros, assim como a colaboração literária de escritores infantis, entre os quais Henrique Marques Júnior e Ana de Castro Osório.

STUART CARVALHAIS (Vila Real, 7.03.1887 – Lisboa, 2.03.1961)

Foi um dos colaboradores do *ABC-zinho* desde o primeiro número e até ao n.º 71, de 1924.

Destacou-se principalmente como ilustrador, caricaturista, autor de banda desenhada e pintor.

Os seus primeiros desenhos foram publicados em 1906, no jornal *O Século*.

No *ABC-zinho*, a sua primeira banda desenhada intitulava-se “Quinquim e Raimundo, os Meninos Magnéticos”, baseando-se na série “Quim e Manecas” (1915-1953) a mais longa sequência da BD portuguesa, com mais de 500 episódios (ver o “Século Cómico”, nesta vitrine).

Stuart colaborou ainda num extenso conjunto de jornais e revistas, de que se destacam: *ABC a Rir*, *O século cómico*, *Ilustração*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *A Corja*, *O Espectro*, *A Choldra*, *O Sempre Fixe*, *Contemporânea*, *Renovação*, *O Riso da Vitória*, *O domingo ilustrado* e *Repórter X*.

A sua extensa atividade gráfica foi diversificada, tendo realizado inúmeros trabalhos publicitários e atuado em áreas como o teatro e o cinema, enquanto ator, decorador, cenógrafo ou realizador.

CARLOS BOTELHO (Lisboa, 18.09.1899 – Lisboa, 18.08.1982)

Tem uma vasta obra como ilustrador, caricaturista e pintor, tendo sido um dos mais ativos colaboradores do *ABC-zinho*, a partir do n.º 68 (1924) e até ao n.º 200 da 2.ª série (1929).

Carlos Botelho é considerado um dos maiores precursores da banda desenhada portuguesa. A sua atividade dividiu-se entre as artes gráficas, o desenho de humor e a pintura, sendo um dos maiores vultos da segunda geração de pintores modernistas portugueses (são célebres os seus quadros de paisagens urbanas, em especial do casario e telhados de Lisboa).

No *ABC-zinho*, Botelho foi autor de séries como “As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões”, originalmente desenhada por Cottinelli Telmo para o *ABC*. Foi ainda autor de: “Punhos de Bronze, o terror do Ring”, “Viagens maravilhosas de Sanchinho papafigos”, “A grande fita americana”, “O Zuncha artista de Circo”, “Tonio e Zeca, os destemidos” e “O Castelo das rochas negras”, com que terminou a sua colaboração nesta revista (n.º 200, de 4.11.1929). Publicou, ao todo, 413 bandas desenhadas.

Faleceu em Lisboa, a 18 de agosto de 1982.

ROCHA VIEIRA (Angra do Heroísmo, 1883-1947) e **EMMÉRICO HARTWICH NUNES** (Lisboa, 1888-Sines, 1968)

Rocha Vieira colaborou logo no primeiro número do *ABC-zinho*, iniciando uma série de oito capítulos que designou de “Aventuras extraordinárias de Jorginho”.

Vieira foi o primeiro desenhador português a criar uma banda desenhada diária: a série “Fitas de Juca e Zeca”, que surgiu em agosto de 1920 no jornal *O Século - Edição da Noite* e que se publicou durante dois anos e meio. Em 1922, Rocha Vieira iniciou uma nova banda desenhada diária: “As Proezas de Necas e Tonecas”.

A vasta colaboração de Rocha Vieira estendeu-se aos principais jornais e revistas da época, como *O Século*, *A Ilustração Portuguesa*, o *Notícias Miudinho* (supl. infantil do *Diário de Notícias*), *O Pintainho* ou o *Pim Pam Pum!*

Emmérico Nunes, depois de ter frequentado a Escola de Belas-Artes de Lisboa, na qual teve por mestres Condeixa e Alberto Nunes, foi em 1906 (a conselho de José Malhoa) estudar para Paris, onde frequentou

inicialmente a *Académie Julien* e onde passaria depois quatro anos no ateliê privativo de Ferdinand Cormon, a aprender desenho e pintura.

Instalou-se seguidamente em Munique, colaborando na revista artística e satírica *Meggendorfer Blätter*, onde fez sobretudo desenhos animados e ilustrações.

A partir da década de 20 iniciou colaboração com a imprensa portuguesa, em *O Riso da Vitória*, *ABC a rir*, *ABC-zinho* ou *O Senhor Doutor*, entre outros.

A sua participação no *ABC-zinho* começou no n.º 7 (de 16.01.1922) e terminou no n.º 69 (de 14.01.1924). Colaborou ainda em diversas revistas, como n' *O Comércio do Porto Ilustrado* (onde realizou desenhos de caricatura), na revista *Ilustração* e em muitas outras revistas portuguesas e estrangeiras, nas quais exibiu o seu talento.

Desenvolveu intensa atividade enquanto pintor, no campo do desenho publicitário e nas artes gráficas e decorativas. Neste domínio, pintou em Coimbra, na delegação da Casa da Sorte, um painel decorativo.

Catálogo:

Cottinelli Telmo/ABC-zinho

"ABC-zinho", Lisboa. 1 : 1 (15 Out. 1921). (reprodução)
10-3-22-5

TELMO, Cottinelli
[Greta Garbo, gravura]. "Kino: grande semanário português de cinematografia", Lisboa. 1 : 4 (22 maio 1930)
G.N.-28-2

- A propósito do centenário do "Zinho". "ABC-zinho", Lisboa. 1 : 24
(23 out. 1922) (reprodução)
10-3-22-5

- Os novos edifícios públicos. Lisboa: S. Industrias da C.M.L., 1936.
7-38-17-6

- O Pirilau que vendia balões e outras histórias de Cottinelli Telmo.
1.^a ed. Lisboa : Baleiazul, 1999.
9-1-39-91

- As estupendas aventuras do Pirilau que vendia balões: III-O feiticeiro Katapumpépé. "ABC-zinho", Lisboa. 3 (18 jan. 1926), pp. 1 e 12.
10-3-22-5

CARVALHO, Margarida Kol de, ed. lit. ; CAMEIRA, Maria Cecília, ed. lit. ; MARTINS, João Paulo, ed. lit.

Cottinelli Telmo : os arquitectos são poetas também. Lisboa : EGEAC, EM, D.L. 2015.

10-(1)-18-42-18

Stuart Carvalhais

CARVALHAIS, Stuart

Cóco, Reineta e Facada. "Tic-tac: o melhor semanário infantil".
Lisboa. 3 : 139 (11 ago. 1935, p. [1].

10-11-16-4

- A terrível vingança do "Rebolão" ou um mau bocado do "Xócoláte". Versos de Pistarim, bonecos de Stuart Carvalhais. "Os sportinhos", Lisboa. 1 : 17 (10 dez. 1925), p. 8.

G.N.14-7

- A terrível quadrilha do "Pé Fatal". "O Século Cómico", Lisboa. 19 : 965 (4 maio 1916), p. [4].

B-49-19

- Quim, Manecas e o seu cão Piloto. "O Século Cómico", Lisboa. 18 : 898 (21 jan. 1915), p. [4].

B-49-19

- O incrível dirigível. "ABC-zinho", Lisboa. 6 (2 jan. 1922), p. 9. (reprodução).

10-3-22-5

- Quinquim e Raimundo os meninos magnéticos. "ABC-zinho", Lisboa. 8 (6 fev. 1922), pp. 12-13. (reprodução).

10-3-22-5

- O "Sempre a andar" e o Macacão. "Tic Tac: jornal infantil", Lisboa. 1 : 27 (18 jun. 1933), p. 1.

10-11-16-4

COTRIM, João Paulo, 1965 - .

Stuart : a rua e o riso; rev. António Lampreia. Lisboa : Assírio & Alvim : El Corte Inglés, cop. 2006.

8-(2)-28-24-38

Carlos Botelho

BOTELHO, Carlos

A chave de S. Pedro. "ABC-zinho", Lisboa. 25 (21 jun. 1926), p. 1.

10-3-22-5

- O monstro de aço. "ABC-zinho", Lisboa. Sér. 2, 95 (31 out. 1927), p. 1.

10-3-22-5

- Hoje há fantoches. "Eco dos sports", Lisboa. 2 : 75 (20 nov. 1927), p. 15.

10-9-16

SILVA, Raquel Henriques da ; BOTELHO, Manuel
Carlos Botelho. 1.ª ed. Lisboa : Presença, 1995.
RC-54-13

SOCIEDADE Lisboa 94
Carlos Botelho : os anos diferentes. fot. José Luis Neto. Lisboa :
Soc. Lisboa 94 : Livros Horizonte, 1994.
6-12-37-67

Emmérico Nunes / Rocha Vieira

NUNES, Emérico Hartwich
A crise!.... "O Comércio do Porto Ilustrado", Porto. 49 (Natal 1933), p. [15].
RC-38-1/12

- O menino que foi pelos ares. "ABC-zinho", Lisboa. 33 (5 mar.
1923), p. 5.
10-3-22-5

- Eilt! : obra perdida = lost work. Textos Bernd A. Gülker, Isabel Lopes
Cardoso, José Pedro Cavalheiro ; conceção Isabel Lopes Cardoso,
José Pedro Cavaleiro ; trad. Richard Elliot, Maisie Fitzpatrick, Fátima
Freire de Andrade. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, D.L. 2013.
10-(1)-7-27-27

CARDOSO, Isabel Lopes
Emmerico Nunes. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, 2012 imp.
10-(1)-8-29-3

EMMÉRICO Nunes: 1888-1988: Centenário do nascimento. Sines:
Centro Cultural Emmerico Nunes, 1988.
5-51-38-34

VIEIRA, Rocha

O ladino em bolandas. "O Século", Lisboa. (22 jan. 1922). (reprodução).

B-20-1/72

- Não matarás. "Renovação: revista quinzenal de arte, literatura e actualidades". Lisboa, 1 : 2 (15 jul. 1925), pp. 12-14.

10-11-14-8

- [Desenho da Capa]. "Tic Tac", Lisboa. 4 : 174 (12 abr. 1936), [capa].

10-11-16-4

- [Desenho da Capa]. "Almanaque ilustrado do jornal O Século", Lisboa. 1916.

8-128-21

- [Sem título]. "ABC-zinho", Lisboa. 92 (23 jun. 1927). (reprodução).

10-3-22-5

A Universidade de Coimbra e a independência do Brasil : catálogo da exposição documental e bibliográfica¹ / The University of Coimbra and the independence of Brazil: catalog of the documentary and bibliographic exhibition

Fundação Joaquim Nabuco (Recife, Brasil), 21 março a 31 maio 2022

Sala de São Pedro da BGUC, 7 a 30 setembro 2022

Superior Tribunal de Justiça (Brasília, Brasil), 13 ago. a 11 out. 2024

Ficha Técnica:

Coordenação:

João Nuno Calvão da Silva

João Gouveia Monteiro

Curadoria:

Ana Maria Leitão Bandeira

A. E. Maia do Amaral

Conservação e restauro:

Ana Margarida Quinteira

Elsa Girão

1 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que têm os autores - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Digitalizações:

José Neto

Elsa Figo

Revisões:

Maria Aparecida Ribeiro

Elizama Almeida de Oliveira

Logística e apoios:

Reitoria da Universidade de Coimbra

Portugal. Ministério dos Negócios Estrangeiros

Embaixada de Portugal no Brasil

Vice-Consulado de Portugal no Recife

Instituto Camões, IP

Fundação Joaquim Nabuco

Superior Tribunal de Justiça (Brasil)

Associação da Imprensa de Pernambuco

Associação Portuguesa de Imprensa

Introdução:

A exposição que se segue foi organizada a pedido do Senhor Vice-Reitor para as Relações Externas e *Alumni* para assinalar no Recife (21 de março a 31 de maio) o ano das comemorações da Independência do Brasil. Aconteceu, até, que foi este o primeiro ato comemorativo oficial a realizar-se, este ano, no Estado de Pernambuco e o primeiro realizado no Brasil, em parceria com Portugal.

A exposição resultou de um trabalho conjunto da Biblioteca Geral e do Arquivo da Universidade de Coimbra, desenvolvido a partir de abril de 2021, por técnicos das duas Unidades. A Biblioteca Geral e o Arquivo da Universidade têm alguma experiência de trabalhar em conjunto, o que lhes permitiu a conclusão relativamente rápida (e sem prejuízo de todos os outros trabalhos correntes) do guião da exposição, que foi aprovado sem reservas pelos parceiros brasileiros.

Com uma forte preocupação de seleção, foram identificados 66 documentos/obras nos fundos arquivísticos e bibliográficos de am-

bas as instituições (em razoável paridade), um lote que sofreu depois uma seleção para ser fisicamente mostrado no Brasil.

O acervo do Arquivo da Universidade de Coimbra permite conhecer a frequência de estudantes brasileiros desde que, em 1574, Manuel de Paiva Cabral, o primeiro estudante originário do Brasil, (Pernambuco) chegou à Universidade. Não são apenas os dados biográficos que podem ser colhidos em certidões de batismo entregues, obrigatoriamente, mas todo o percurso académico, cujos registos ficaram lavrados em livros de matrículas, petições para inscrição, livros de exames, processos de carta de curso, etc.

As personalidades que adquiriram destaque (no campo social, das letras, de uma brilhante carreira administrativa ou da política) estão representadas nesta Exposição e foram escolhidas entre esse imenso conjunto de alunos que passaram pela Universidade e aqui concluíram os seus estudos. Outros houve que não o puderam fazer, pela falta de condições familiares e económicas.

Não esqueçamos que são elites intelectuais que fazem a sua formação em Coimbra e que aqui começam a forjar laços de amizade e solidariedade que permanecerão para sempre, por partilharem os mesmos cursos, as mesmas vivências estudantis e a mesma lonjura da pátria. A adaptação do guião para o Brasil contou com sugestões da professora aposentada da UC, Doutora Maria Aparecida Ribeiro, e da doutoranda da FLUC Dra. Elizama Almeida de Oliveira, do Instituto Moreira Salles (RJ), além do conhecimento e da sensibilidade do nosso parceiro brasileiro, a Associação de Imprensa de Pernambuco. Para a logística, muito contámos com a experiência do Instituto Camões e a colaboração dos serviços consulares portugueses.

Aos materiais selecionados acrescentou-se neste catálogo impresso uma lista de estudantes brasileiros na UC (1800-1822), que amplia e corrige os trabalhos pioneiros de Francisco Morais e que foi extensamente trabalhada face aos documentos originais do AUC,

nomeadamente as certidões de batismo entregues por ocasião da primeira matrícula e os próprios livros de matrículas.

Ana Maria Leitão Bandeira

A. E. Maia do Amaral

Apresentação

“O Brasil dispunha, ao tornar-se independente, de uma elite ideologicamente homogênea devido à sua formação jurídica em Portugal, a seu treinamento no funcionalismo público e ao isolamento ideológico em relação a doutrinas revolucionárias”

(José Murilo de Carvalho, *A construção da ordem*, 5.^a ed., 2010)

A ideia desta exposição é evidenciar como a importância da Universidade de Coimbra (UC) para o Brasil ultrapassa muito o período colonial, o mais frequentemente lembrado.

Na América Espanhola, as elites que deram independência aos seus 18 novos países (até 1850) foram formadas em 25 universidades distintas.

Apesar de existirem 19 Capitánias-Gerais (em 1820), é um facto histórico que o Brasil não se dividiu em 19 países. Talvez as solidariedades criadas em Coimbra entre alunos aí nascidos tenham contribuído para a manutenção da integridade do território: mais do que mineiros, baianos ou cariocas, todos ficaram, por causa dos “bons tempos de estudante”, amigos e “brasileiros”.

Universidade e elites

*“Se o teu intento he ires
A Coimbra a te formares,
Aproveita todo o tempo
Somente em estudares.”*

(*Conselhos que dá hum Brasileiro veterano...*, Lisboa, 1778)

A UC formou as elites de Portugal, ou de todos os territórios que então compunham o Reino, incluindo as ilhas atlânticas, Goa, Macau e Brasil. Por não ter existido, até 1911, outra universidade no vasto “império português”, um estudante de Coimbra podia aspirar a uma carreira administrativa em Portugal ou em qualquer das suas colónias.

No Brasil, entre 1822 e 1831, apesar do analfabetismo da esmagadora maioria da população, 86,7% dos Ministros, Senadores e Conselheiros tinha formação universitária e 71,8% destes tinham obtido essa habilitação em Coimbra. Os restantes eram autodidatas, padres ou militares de carreira.

1.1 O primeiro aluno “natural do Brasil” (Pernambuco) frequentou a Universidade de Coimbra de 1574 a 1586, mas da sua carreira pouco se sabe: Manuel de Paiva Cabral terá ficado pelo Reino, onde é registado como Juiz de Fora em Portalegre e morador em Torres Vedras, em 1590.

Matrícula de Manuel de Paiva Cabral na Faculdade de Leis, em 13 de novembro de 1579. Apresenta-se como bacharel, sendo filho de António Anes e “natural do Brasil de Pernambuco”.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Matrículas (SR), vol. 1, cad. 4, fl. 20v

AUC-IV-1.ºD-1-3-9

1.2 O santista Alexandre de Gusmão (irmão do “padre voador”, Bartolomeu Lourenço de Gusmão) teve um papel determinante ao serviço da Coroa, como secretário particular e diplomata de D. João V. Ambos os irmãos foram alunos de Coimbra.

PRATICA

Pratica de Alexandre de Gusmam na Conferencia da Academia de 13 de Março de 1732, em q(ue) foy recebydo por Académico [manuscrito].

[S. l., s. n.]. Cópia.

BGUC - Cat. de Mss. vol. 8 : códices 1312 a 1431 (1935).

BGUC Ms. 1 431, pp. 337-347

1.3 A carreira normal de um jurista formado por Coimbra era como a deste pernambucano, destinado primeiro à vida monástica, que abandonou para estudar em Coimbra. Caetano Maria Lopes Gama foi juiz de fora, ouvidor, desembargador e intendente-geral de polícia, até ingressar numa carreira política que o levaria a ministro e conselheiro de Estado.

Petição de Caetano Maria Lopes Gama, filho de João Lopes Cardoso Machado, natural de Pernambuco, solicitando uma certidão de todos os exames já efetuados na Universidade, para poder provar as suas habilitações e se matricular no 3.º ano jurídico.

Coimbra, 1819, out. 22.

Universidade de Coimbra (F); Processos de Carta de curso (SR),
Leis – 1819

AUC-IV-2.ªD-13-1-1

1.4 No entanto, alguns brasileiros tiveram as mais extraordinárias carreiras em Portugal, como D. Francisco de Lemos, um natural de Marapicu (Nova Iguaçu, RJ), que foi bispo de Coimbra e executor da Reforma pombalina, duas vezes Reitor da Universidade.

Carta do Bispo do Rio de Janeiro, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, dirigida a D. Francisco de Lemos.

Rio de Janeiro, 1778, jul. 29.

D. Francisco de Lemos (F); Correspondência (SR).

AUC-VI-3.ª 1-3-29

1.5 Nenhuma carreira política estava vedada aos brasileiros no Império português ou na sua capital: Bernardino Machado, um carioca, chegou até a Presidente da República Portuguesa, situação que, inversamente, não seria possível no Brasil.

Augusto BOBONE, 1852-1910

[Aula de Antropologia da Universidade de Coimbra, regida por Bernardino Machado]. [material gráfico]. Lisboa, 1902.

Disponível em: <https://am.uc.pt/item/46374>

UCFCT Ciências da Vida - Antropologia 169/60

1.6 Nem todos os que iam para Coimbra eram ricos: pobre, filho de mãe baiana e de pai português, José da Silva Lisboa viu-se obrigado a reger Grego e Hebraico no Colégio das Artes para se sustentar, antes de ficar conhecido como economista e legislador e vir a obter a mercê de Visconde de Cairu.

José da Silva LISBOA, 1756-1835

Principios de direito mercantil e leis de marinha. [1.^a ed.].

Lisboa : na Regia Officina Typografica, 1798.

BGUC 4-1-19-19 (apenas se mostra o vol.1)

1.7 “Má sorte de quase todos os Brasileiros” era a falta de dinheiro, de que este estudante de Guarapiringa (Vila Rica) se queixa ao Bispo. Ao dar como referências abonatórias “conterrâneos” (dois mineiros e um carioca), esta carta desvenda-nos um pouco das suas sociabilidades.

José Filipe Ferreira CABRAL, ca 1765- ?

Carta de José Filipe Ferreira Cabral a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

[Lisboa?], 1782, set. 6.

Cabido da Sé de Coimbra (F); Petições de esmolas (SR), 1782

AUC III-1^a D-6-4-

1.8 José Bonifácio de Andrada teve uma carreira internacional como Professor de Metalurgia da Universidade de Coimbra, até se aposentar e regressar ao Brasil para se tornar o “Patriarca da Independência”.

José Bonifácio de Andrada e SILVA, 1763-1838

[*Proposta de reforma dos planos de estudos dos cursos de Filosofia, Matemática e preparatórios de Medicina*]. [manuscrito], Coimbra, 1807 jan. 17.

Carta autógrafa, assinada.

BGUC Ms. 2536, n.º 12

Brasilidade afetiva e literária

“Em Portugal me fiz, tal qual poeta”

(Cláudio Grugel do Amaral, *Monte de Apolo*, 167-?)

Como outros lugares de emigração/exílio, Coimbra contribuiu para criar entre os estudantes de naturalidade brasileira um sentimento de pertença.

Ali, escreveu Gonçalves Dias a sua icónica Canção do Exílio (julho de 1843), ali, todos eles idealizaram uma “pátria” brasileira, inventada a partir das saudades, como escreveu o poeta baiano Domingos Borges de Barros:

“Sítios qu’outrora amei, quanto mudastes!

Como sois feios, e deixei-vos lindos:

O sítio é nada, as afeições são tudo.”

2.1 Como afirma Francisco Topa em artigo publicado em “O Eixo e a Roda” (v. 29, n.º 3, 2020), a poesia barroca deste carioca que estudou em Coimbra é uma “paródia da *Sílvia* de Lizardo”, portanto, um tema clássico português, ainda sem quaisquer vestígios de brasilidade.

Cláudio Grugel do AMARAL, ca. 1681-1752

Monte de Apolo ; Parnazo das Muzas [manuscrito] : Obras variadas de Claudio Grogel do Amaral / Recopiladas por Ezope de Homero Mendes.

[Coimbra?, 167-?].

BGUC Ms. 354

2.2 Um tema “nativista” brasileiro é, pela primeira vez, explícito no poema de Basílio da Gama, instrumental de uma bem-sucedida aproximação política do seu autor ao Marquês de Pombal, de quem veio a ser Secretário.

José Basílio da GAMA, 1741-1795

O Uruguay : poema. [1.^a ed.].

Lisboa : na Regia Officina Typografica, 1769.

Borba de Moraes (1983) I, 338-9; Período colonial pp. 148-50. Sacramento Blake IV, 330-4. *Innocência* 4:268-271.

BGUC 4-26-2-35

2.3 O *Caramuru*, que volta a introduzir um assunto brasileiro na poesia, foi escrito em Coimbra e publicado em Lisboa. A obra histórica de José de Santa Rita Durão tem recentemente sofrido inúmeras releituras.

José de Santa Rita DURÃO, 1722-1784

Caramurú : poema epico do descobrimento da Bahia. [1.^a ed.].

Lisboa : Na Regia Officina Typografica, 1781.

BGUC 1-5-1-12

2.4 Manuel Bandeira, na sua *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946), considera Domingos Caldas Barbosa o primeiro poeta de “sabor inteiramente nosso”. Filho de um português e de uma mulher de origem africana, o padre, muito detestado pelos seus contemporâneos na Corte de Lisboa, divulgou ali modinhas e lunduns.

Domingos Caldas BARBOSA, 1738?-1800

Copiador Dos Versos de D. C. B. Na Arcadia de Roma Lereno Selimuntino. [S. l.]. 1794.

Ms. Autógrafo. A data que figura na pág. de título corresponderá apenas ao início da escrituração do Caderno, que tem composições datadas até 1799.

BGUC Ms. 2 545

2.5 No próprio ano da proclamação da Independência, a Imprensa da Universidade publicou esta coleção de poesias relativas ao Brasil, da autoria de José da Natividade Saldanha, homem negro pernambucano “estudante do terceiro ano de Leis”.

José da Natividade SALDANHA, 1796-1832

Poemas oferecidos aos amantes do Brazil...

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1822.

A página de título está mutilada e foi completada à mão, incorretamente, como “Poe[sias] ofere[cidas] ao[s] amantes [do Brazil]”.

BGUC 869.0(81)-1 Saldanha SAL

2.6 O Brasil nunca deixará de ser tema literário para estudantes brasileiros, em Coimbra. António Henriques Leal garante que esse também foi o caso de Odorico Mendes, mas, infelizmente, perdeu-se o caderno poético escrito em Coimbra.

António Henriques LEAL, 1828-1885

Pantheon maranhense : ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos.

Lisboa : Imprensa Nacional, 1873-1875.

4 vol.

BGUC 9-(2)-6-6-26/29 (apenas se mostra o vol.1)

2.7 Residente no Rio de Janeiro, é na Imprensa da Universidade de Coimbra que João Severiano Maciel da Costa vai publicando os seus livros e também esta *Elegia* ao Reitor-Reformador, assinada como “brasileiro saudoso e agradecido”.

João Severiano Maciel da COSTA, 1769-1834

Ode á morte do Ilustríssimo e Eiscelentíssimo [sic] Senhor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho ...

Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1822.

BGUC Misc. 131, n.º 2 471 (encadern. com outros)

2.8 Para qualquer estudante que por lá tenha passado, brasileiro ou de qualquer outra nacionalidade, as saudades de Coimbra nunca terminam. A cidade com as “Aulas” e os “Estudos” também foi incluída nestas *Saudades de Lisboa*.

Joaquim José de Santana ESBARRA, ? -1791?

As saudades de Lisboa no coração brasileiro...

Lisboa : na Offic. De José Aquino de Bulhões, 1791.

BGUC Misc. 455, n.º 7 615 (encadern. com outros)

Brasilidade política

“Veio-me co’a razão o amor da Pátria,

Aquela enobrecendo, este incitando

O estudo, vereda encontrar busco

Qu’a prol da pátria os passos me encaminhe.”

(Domingos Borges de Barros, in *O Patriota*, 1813)

A brasilidade, que começou por ser afetiva e literária, só depois se regista como um projeto independentista, no plano político.

Sobre o papel da Universidade neste processo de lenta consciencialização recorde-se, a título de exemplo, o número de antigos alunos de Coimbra presentes na Conjuração Mineira: José Álvares Maciel, Tomás António Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José da Silva e Oliveira Rolim, José Joaquim da Maia e, do outro lado da barreira, o juiz António Diniz da Cruz e Silva e o próprio governador da época, o Visconde de Barbacena.

3.1 Cláudio Manuel da Costa, bacharel em Cânones, advogado e poeta arcádico, envolver-se-ia na Conjuração Mineira aos 60 anos de idade, o que viria a precipitar a sua morte.

Cláudio Manuel da COSTA, 1729-1789

Epicedio consagrado à saudoza memoria do Reverendissimo Senhor Fr. Gaspar da Encarnação, reformador dos Conegos Regulares...

Coimbra : no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1753.

BGUC J.F.-43-3 A-1

3.2 Filho de um músico pobre, Silva Alvarenga assina este soneto como “estudante ultramarino na Universidade de Coimbra”. A sua identidade política poderá ser afrancesada e revolucionária (como se verá na *Inconfidência Carioca*), mas não é ainda “brasileira”, em 1775.

Manuel Inácio da Silva ALVARENGA, 1749-1814

Soneto [no dia da inauguração da Estatua Equestre d’ElRey N. Senhor D. José I].

[Lisboa : s.n., 1775].

F. avulsa.

BGUC Misc. 661, n.º 10.336 (encadern. com outros)

3.3 Em relação aos brasileiros, não se deteta em Coimbra a mesma aversão que lhes tinham (ou fingiam ter) as mulheres de Lisboa: “Fujamos, Delmira amada,/De tudo que he Brasileiro:/E dos filhos da Bahia/Devemos fugir primeiro.”

M. D., 17—

Discurso, que fizeram duas Senhoras portuguezas, depois de lerem o papel dos Conselhos, que deu hum Brasileiro a todos os seus Patricios ...

Lisboa : na offic. de Francisco Borges de Sousa, 1789.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/78555>

BGUC Misc. 61, n.º 1 357 (encadern. com outros)

3.4 Depois de 1822, o sentimento “nacional” dos estudantes naturais do Brasil materializou-se num efémero jornal pró-Independência, intitulado *O Brasileiro em Coimbra* e dirigido pelo estudante Candido Ladislau Japi-Assu de Figueiredo e Mello. Veja-se também a adoção de um nome indígena (Japi-Assu) como marca de brasilidade.

O BRASILEIRO EM COIMBRA. Coimbra, 1823

O brasileiro em Coimbra / red. Cândido Ladislau de Figueiredo.

BGUC RB-40-20

3.5 Matérias que circularam nos periódicos acerca de tumultos públicos em Coimbra contra a Independência do Brasil são denunciadas como “boatos” nesta notícia local: “não me consta, porém, que hum só americano fosse maltratado”, escreveu o jornalista.

COIMBRA

Coimbra.

Censor provinciano : periodico semanario de philosophia, politica e literatura. N.º 7 (18 jan. 1823), pp. 97-103.

BGUC 9-(3)-21-11

3.6 A identificação do autor como “brasileiro” não está na página de título, mas só na capa da brochura (normalmente sacrificada na encadernação), o que sugere que, sem exaltados ânimos adversos, tal menção seria argumento de venda, em Coimbra, em 1836.

António Pereira de Sousa CALDAS, 1762-1814

Obras poéticas / com as notas e additamentos de F. de B. G. Stockler.

Coimbra : Imprensa de Trovão & Comp., 1836.

Tomo II.

Restaurado, em caixa. Ex. of. por A. E Maia do Amaral, em 9 abr. 2021.

BGUC RB-40-36 (apenas se mostra o t. 2)

3.7 Na portada desta publicação da Imprensa da Universidade, Francisco José Correia assina orgulhosamente “Cidadão Brasileiro, Doutor em Leis e Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra”.

Francisco José CORREIA

Discursos recitados na Sociedade Conimbricense dos Amigos da Instrucção...

Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1837.

BGUC Misc. 113, n.º 2 172 (encadern. com outros)

A Revolução Liberal em Portugal

“... participar a alegria que se teve pela notícia do levantamento do Porto [...] dentro de poucos dias a voz estender-se-ha por todo o Brazil, e teremos a satisfação de ver renovado este miserável paiz, digno de melhor sorte.”

(J. F. C. de A., *Carta de hum habitante da Bahia...* Lisboa, n.º 1, 1821)

Uma das condições políticas que mais terá influenciado o “Fico” e a Independência do Brasil foi a Revolução Liberal do Porto (Portugal), em 1820. Ela estabeleceu condições políticas indispensáveis, como o fim da censura aos jornais e a extinção do Tribunal da Inquisição.

A convocação, que não acontecia há mais de um século, de Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes, onde o Reino do Brasil deveria estar representado, foi recebida na colónia com esperança por uns e com desconfiança por outros. O futuro daria razão a estes últimos, porque as Cortes de Lisboa acabaram por ser anti-absolutistas, anti-inglesas e antibrasileiras.

4.1 Em 4 de julho de 1821, as Cortes de Lisboa aprovaram a Lei da Liberdade de Imprensa, da qual resultou a proliferação de periódicos e de folhas volantes em todo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

NOTICIA

Noticia. Quem quiser comprar a provincia da Bahia, pella mesma quantia que se vendeo Pernambuco, fale as Cortes que estão autorizadas para isso, tratando as condiçoens com a comissão especial de negócios do Brazil? Adverte ce [sic] que Portugal também anda em praça a quem mais der; &[cetera].

[Lisboa?] : [s.n.], 20 de Abril de 1822.

F. avulsa.

João Jardim de Vilhena (F); Documentos diversos (COL) – Lutas Liberais, n.º 29

AUC-VI-3.^a -2-3-1

4.2 O Pará foi um dos primeiros lugares a proclamar-se “constitucionalista”, após a revolução do Porto. O grande entusiasta do liberalismo nesta Província foi Felipe Alberto Patroni Maciel Martins Parente (1798-1866), fundador de *O Paraense*.

PARAENSE (O)

O Paraense, Bahia. N.º XXXII (7 set. 1822), [p. 4].

Impresso na Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello Companhia, no dia da independência do Brasil, antes da sua proclamação.

João Jardim de Vilhena (F); Documentos diversos (COL) – Lutas Liberais, n.º 27

AUC-VI-3.^a -2-3-1

4.3 Em 1821, a Real Imprensa da Universidade de Coimbra deu à estampa uma proposta conciliadora de criação de um novo Reino Unido, por um “Estudante do 4º Anno Mathematico” e distinto militar português.

António de Oliva e Sousa SEQUEIRA, 1791-1865

Projecto para o estabelecimento politico do Reino-Unido de Portugal, Brasil e Algarves...

Coimbra : Na Real Imprensa da Universidade, 1821.

Inclui: Adição ao projecto...

BGUC Abraceia 9-(1)-5-9-34

4.4 A reunião das Cortes era uma oportunidade para os habitantes apresentarem as suas reivindicações. No entanto, alguns dos eleitos pelo Brasil decidiram não comparecer aos trabalhos ou, como este, não jurar a Constituição de 1822.

Informação final, como Bacharel Formado em Leis, de José Ricardo da Costa Aguiar de Andrade, filho de Francisco Xavier da Costa Aguiar, natural de Santos.

Atribuída pelo Juízo de Informações da Faculdade de Leis, o qual votava, após a graduação do aluno, sobre os seus “Procedimento e costumes”, “Merecimento literário” e “Prudência, Probidade e Desinteresse”.

Coimbra, 1810, jul. 5.

Universidade de Coimbra (F); Registo de Informações Finais (SR), vol. 3, fl. 35v

AUC-IV-1.ªD-3-1-3

4.5 Um dos que não pôde comparecer foi João Severiano Maciel da Costa que, acontecendo vir preso para Lisboa, foi impedido de desembarcar, tendo de retornar ao Brasil. Contra tal se insurge neste folheto contemporâneo, publicado na Imprensa da Universidade.

João Severiano Maciel da COSTA, 1769-1833

Apologia que dirige à Nação portuguesa João Severiano Maciel da Costa ... a fim de se justificar das imputações que lhe fazem homens obscuros...

Coimbra : Na Imprensa da Universidade, 1821.

Disponível em Almamater: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/2543>

BGUC Abraveia 9-(1)-6-3-88

4.6 Pedro de Araújo Lima, que virá a ser Marquês de Olinda, estreou-se na bancada da província de Pernambuco às Cortes Gerais de Lisboa. Tinha estudado em Olinda e depois em Coimbra, onde defendeu esta tese, nunca publicada.

Pedro de Araújo LIMA, 1793-1870

Dissertatio inauguralis. De interpretatione Cap. Thomas Monachus = 7 = X De Corpore vitiatis ordinandis vel non [manuscrito].

[Coimbra], defendida em 17 jul. 1819. Original autógrafo.

BGUC Ms. 1 361, f. 85-110

4.7 D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, bispo de Olinda, foi deputado brasileiro pela Província do Rio de Janeiro. Infelizmente, morreu dois dias depois de entrado nas Cortes.

José Joaquim da Cunha de Azeredo COUTINHO, 1742-1821

Analyse sur la justice du commerce du rachat des esclaves de la côte d'Afrique.

Londres : Impr. de Baylis, 1798.

UCFL S Joaquim Carvalho 29-6-12

4.8 Também deputado pela província do Rio de Janeiro, sua terra natal, foi Francisco Vilela Barbosa formado em Matemática pela UC e futuro primeiro visconde com Grandeza e marquês de Paranaguá.

Francisco Vilela BARBOSA, 1769-1846

Elementos de geometria. [1.^a ed.].

Lisboa : Na Offic. da Academia R. das Sciencias, 1816.

BGUC 7-56-19-13

4.9 Hesitações acerca da Independência condicionaram a vida de alguns eclesiásticos que lhe eram contrários: o Bispo do Maranhão, ainda em 22 de junho de 1823, escrevia “a prudencia com que nos temos dirigido, a fim de não se proclamar nesta cidade a Independencia...”.

Joaquim de NOSSA SENHORA DA NAZARÉ, 1774-1851

Carta dirigida ao Imperador do Brasil, redigida em 22 de Junho de 1823.

Gazeta Pernambucana. N.º 24, (21 jan. 1824), [p. 5].

João Jardim de Vilhena (F); Documentos diversos – Lutas Liberais, n.º 135

AUC-VI-3.^a -2-3-1

Uma “homogeneidade ideológica”

“Caírem em uma perfeita anarquia [...] e dividirem-se em tantos governos, quantas são as Capitánias. Mas seria isto interessante ao Brasil? De nenhum modo: o grande interesse do Brasil he a sua intima união, e a existência do todo. Unindo-se e formando uma só Nação, será formidável; dividindo-se, perdeu toda a sua força.”

(António d’Oliva de Sousa Sequeira, *Adição ao projecto...* Coimbra, 1821)

Ao contrário da cultura predominante, por exemplo, na Universidade de Montpellier (antirreligiosa, revolucionária, maçónica), o Iluminismo Católico de Coimbra, ao serviço do Absolutismo Esclarecido de Pombal, era não-disruptivo.

Pensa o historiador brasileiro J. Murilo de Carvalho que tal criou entre os diplomados por Coimbra uma “homogeneidade ideológica” que convergiu na defesa de uma Independência com manutenção do regime monárquico (e do próprio Monarca), elemento político-jurídico da coesão territorial, enquanto cabeça do “Reino do Brasil”.

5.1 A Reforma pombalina da UC caracterizou-se pela introdução do método experimental no ensino das ciências naturais. Quando não era possível fazer a experiência na aula, o professor usava este *powerpoint*[®] do século XVIII.

José Monteiro da ROCHA, 1734-1819

Figuras de Hydrodynamica [manuscrito] / [des. Joaquim José da Silva Nogueira].

[Coimbra, ca. 1775-1781].

BGUC Ms. 3 153

5.2 Toda uma geração de filhos da elite colonial brasileira obteve em Coimbra os instrumentos científicos necessários à valorização

económica do Brasil, sobretudo através do empreendimento de “viagens filosóficas” a territórios inexplorados.

PALADIO PORTUGUÊS

Palladio Portuguez : ou Clarim de Pallas que anuncia periodicamente os novos descobrimentos e melhoramentos n'agricultura, artes, manufacturas, commercio, etc. / [José Mariano da Conceição Veloso].

Lisboa : Na Officina Patriarchal, 1796. N.º 1 (1796).

BGUC RB-16-24

5.3 Na sequência da Reforma de 1772, o número de estudantes de origem brasileira que buscavam “Luzes” em Coimbra aumentou para 15,6% (F. Taveira da Fonseca), no período de 1772-1789. Porém, não eram só os herdeiros dos fazendeiros ricos que chegavam a Coimbra.

CARTA

Carta de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho para D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Quinta das Prayas [Lisboa], 1778, ago. 29.

D. Francisco de Lemos (F); Correspondência (SR), carta n.º 45.

AUC VI-3.^a-1-3-29

5.4 A UC acolheu a Reforma, mas não se vergou completamente aos ditames da Censura criada por Pombal para policiar a entrada de “livros perigosos” no Reino, por exemplo, jamais remetendo àquele tribunal, para *exame*, o catálogo da sua “livraria”.

PORTUGAL. Leis, Decretos, etc.

[Lei de 21 de junho de 1787 que substitui a designação de tribunal da Real Mesa Censória pela de Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros].

[Lisboa : Officina Régia Typografica, 23 jun. 1787].

BGUC Ms. 3 138, f. 306-312

5.5 A ideia de que a UC estava fechada às influências francesas não será verdadeira quanto aos livros, se examinarmos os fundos de todas as antigas “livrarias”, a universitária e as dos Colégios (S. Pedro, por exemplo), adquiridos a livreiros franceses como Borel e Bertrand.

Relação de livros comprados no Borel [...] Livros comprados ao Bertrand [...].
Coimbra, 1825, nov. 4.

Universidade de Coimbra (F); Documentos de aquisição de obras para a Biblioteca (SR).

AUC-IV-1.ªE-1-1-17

5.6 Nunca foram comuns em Coimbra os professores geniais, irreligiosos e “libertinos” como José Anastácio da Cunha (1744-1787) que, antes de ser afastado pela Inquisição, terá tido influência relevante em alguns alunos seus nascidos no Brasil.

José Anastácio da CUNHA, 1744-1787

Poezias [manuscrito].

[S. l., s. d.].

BGUC Ms. 1 243

5.7 Talvez a personalidade mais radical produzida por Coimbra tenha sido o *maçon* baiano Cipriano Barata, nativista exaltado, abolicionista e republicano, o «homem de todas as revoluções».

Petição dirigida ao Reitor da Universidade por Cipriano José Barata de Almeida, natural da Bahia, para que lhe seja passada atestação de como frequentou o 1º ano do Curso Filosófico, desde 1786.

Coimbra, 22 de maio de 1787.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), 1790 - Filosofia

AUC-IV-2.ªD-12-2-44

5.8 Os estudantes sempre foram provocadores: consta que o mineiro Francisco de Melo Franco e os cariocas António de Moraes e Silva

e António Pereira de Sousa Caldas usaram os fornos do *Laboratorio Chimico* de Coimbra para assar um presunto, em sexta-feira santa.

Francisco de Melo FRANCO, 1757-1823

Medicina theologica, ou Supplica humilde, feita a todos os Senhores Confessores, e Directores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente da Lascivia, Colera, e Bebedice.

Lisboa : Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1794.

O exemplar conserva anotações a tinta e a lápis.

BGUC J.F.-44-2-16

5.9 Forjou-se em Coimbra, numa sociedade secreta, a amizade entre o português Almeida Garrett, o mineiro Cândido José de Araújo Vianna e os baianos Miguel Calmon du Pin e Almeida e Francisco Gomes Brandão (depois conhecido como Francisco Gê Acayaca de Montezuma).

Informação final, como bacharel formado em Leis, atribuída a Miguel Calmon du Pin e Almeida, pelo “Juízo das Informações da Faculdade de Leis”.

Universidade de Coimbra (F); Registo de Informações Finais (SR), vol. 3, fl. 156

AUC-IV-1.ªD-3-1-3

5.10 A rica coleção documental João Jardim de Vilhena, no AUC, contém muita *efêmera*: este curioso papel concebido por um paraense usa o tradicional formato “genealógico” para transmitir conceitos sócio-político-filosóficos muito pessoais.

Felipe Alberto PATRONI, 1798-1866

Quadro Genealógico da organização social por systemas, conforma a Biblia do Justo Meio, para uso de S. M. I. o Senhor D. Pedro II.

[S. l. : s. n., s. d.].

João Jardim de Vilhena (COL); Documentos diversos – Lutas Liberais, n.º 135

AUC-VI-3.ª -2-3-1

Alguns ex-alunos na Independência

“Estou persuadido de que se na época da Independência do Brasil não existisse uma classe tão inteligente, tão ilustrada e prestigiosa como a classe dos legistas [...] outras, provavelmente com grande detrimento do país, teriam predominado na administração, talvez a classe militar predominasse e viéssemos a cair nas mesmas desgraças em que tem andado a América Espanhola...”

(Senador Cruz Jobim, in *Jornal do Commercio*, 3 ago. 1855)

Ao tempo da Independência, frequentavam a UC cerca de 230 alunos brasileiros.

Alguns não terão tido qualquer papel nos acontecimentos, mas outros estiveram, de fato, envolvidos nas lutas políticas que culminariam na declaração da Independência ou nas lutas que se lhe seguiriam.

Aqueles que aqui se ilustram com algum documento (do qual sejam autores ou sujeitos) não constituem uma escolha qualitativa – os que a UC considerasse mais “importantes” – mas apenas uma amostra significativa, e escolha muito condicionada, aliás, pela limitação do espaço expositivo.

6.1 O bacharel em Leis e padre Belchior Pinheiro de Oliveira (1778-1856), depois de ter sido deputado por Minas Gerais às Cortes de Lisboa, viria a estar ao lado do Imperador no episódio do Ipiranga.

Petição de Belchior Pinheiro de Oliveira, natural de Tijuco, Serro do Frio (MG), para que lhe seja passada certidão do exame do 2.º ano jurídico e declaração dos documentos entregues para matrícula do 1.º ano.

Coimbra, 14 de junho de 1803.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), Leis-1806

AUC-IV-2.ªD-12-5-11

6.2 Dos 88 Constituintes de 1823, tinham passado 50 por Coimbra. Entre eles, este irmão menos conhecido de José Bonifácio, António Carlos de Andrada Machado, que teve ocupação de tradutor na tipografia lisboeta do Arco do Cego.

Robert FULTON, 1765-1815

Tratado do melhoramento da navegação por canaes... / escrito na lingua inglesa... e traduzido para a portugueza... por Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado da Silva.

Lisboa : na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.

BGUC 4 A-32-20-26

6.3 A ideia de um enorme país americano independente com uma nova capital foi promovida por Hipólito José da Costa, aluno de Leis, que fundou o mais conhecido jornal clandestino do período colonial, o *Correio Braziliense ou Armazém Literário* (1808-1823).

Petição de Hipólito José da Costa Pereira, natural de Nova Colónia, para que lhe seja passado o comprovativo de "mostrar se sem culpas neste Juízo da Conservatória, Correição e Crime".

Coimbra, 1798, mar. (?).

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR)

AUC-IV-2.ªD-12-4-10

6.4 Luís Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, pernambucano e magistrado na Relação de Pernambuco, destacou-se pela atividade política desenvolvida com mais dois irmãos, Francisco e António.

Petição de matrícula no 1.º ano jurídico (que era comum às Faculdades de Leis e de Cânones) feita por Luís Francisco de Paula Cavalcanti Albuquerque.

Coimbra, 1816, out. 31.

Universidade de Coimbra (F); Petições de matrícula (SR), Leis-1816

AUC-IV-1.ªD-10-1-20

6.5 Este aluno baiano seguiu a magistratura e veio a integrar a Constituinte de 1823. Prosseguiu depois a carreira política, ascendendo aos mais altos cargos, como Primeiro Ministro, e recebendo títulos nobiliárquicos, como o de Marquês de Monte Alegre.

Registo da Formatura de José da Costa Carvalho Júnior, após concluir o 5.º ano de curso, na Faculdade de Leis.

Coimbra, 1819, jun. 3.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Exames, Atos e Graus (SR); Leis, vol. 11, fl. 90v

AUC-IV-1.ªD-3-4-25

6.6 Outro aluno formado na UC que integrou a Assembleia Constituinte de 1823 foi Inácio Accioli de Vasconcelos, natural de Pernambuco e notável presidente da Província do Espírito Santo.

Prova tipográfica da carta de formatura na Faculdade de Cânones, que concluiu em 16.06.1807, de Inácio Accioli de Vasconcelos, filho de José de Barros Pimentel, natural da “Villa de Alagoas” (atual Marechal Deodoro), Capitania de Pernambuco.

Coimbra, 1807, jul. 7.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), Cânones, 1807

AUC-IV-2.ªD-12-5-12

6.7 Jacinto Furtado de Mendonça foi deputado brasileiro eleito por Minas Gerais para as Cortes Constituintes de Lisboa, mas nas quais, à semelhança de muitos outros conterrâneos, não chegou a participar, permanecendo no Brasil.

Matrícula no 5.º ano da Faculdade de Leis de Jacinto Furtado de Mendonça, filho de Luís António Bettencourt, natural da “Villa do Príncipe”, da comarca de Serro Frio, como se refere em outros registos académicos. Nesta Faculdade concluiria a sua Formatura, em 1799.

Coimbra, 1798, out. 2.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Matrículas (SR), vol. 27, fl. 118
AUC-IV-1.ªD-2-4-19

Um certo espírito coimbrão

“Sobe-me a cor ao rosto quando considero que nós brasileiros, que procuramos imitar os paizes mais adiantados no que ha n’elles de bom e util, adaptassemos no emtanto [...] essas carunchosas e estultas usanças de Coimbra!”

(António Henriques Leal, *Pantheon Maranhense*, 1873)

Para a criação dos primeiros estudos superiores e das primeiras universidades brasileiras, a matriz utilizada não podia deixar de ser aquela que os seus proponentes conheciam melhor, a sua *Alma Mater*, a Universidade de Coimbra.

Frequentada (pelo menos desde 1574, como se viu) por estudantes nascidos no Brasil, eles continuam a ser, hoje, a maioria dos estudantes estrangeiros da UC, entre alunos, bolseiros e investigadores, cerca de 10% do corpo discente. Tal número converte a UC na maior universidade brasileira fora do continente americano.

7.1 Não faltaram no Brasil precoces iniciativas académicas falhadas, como o Curso de Química da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Vicente de Seabra, estudante mineiro, finalista de Medicina, escreveu e publicou em Coimbra um manual destinado ao uso daquele curso.

Vicente Coelho de Seabra Silva TELES, ca. 1764-1804

Elementos de chimica offerecidos a Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro para o uso do seu curso de chimica.

Coimbra: na Real Officina da Universidade, 1788-1790.

Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/26361>
e em <http://hdl.handle.net/10316.2/69844>

BGUC 4-1-19-17 (2 t. encadern. em 1 vol.)

7.2 Com a chegada da Família Real ao Brasil, criaram-se escolas como a de Cirurgia da Bahia (1808), dinamizada por José Correia Picanço (1745-1823), equiparado a doutor em Medicina por Coimbra.

Carta de Mercê, assinada pelo Visconde de Vila Nova de Cerveira, Secretário de Estado dos Negócios do Reino, concedida ao Doutor José Correia Picanço, lente da cadeira de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Arte Obstetrícia.

Palácio de Nossa Senhora da Ajuda [Lisboa], 1781, dez. 18.

Universidade de Coimbra (F); Processos de Professores (SR), cx. 214

AUC-IV-1.ªD-8-1-214

7.3 José Bonifácio, Câmara Bethencourt, o Marquês de Baependi e Silva Pontes são os antigos alunos de Coimbra mais ligados à criação da Academia Real Militar do Rio de Janeiro, a primeira escola superior oficial do Brasil.

George ATWOOD, 1746-1807

Construcção, e analyse de proposições geometricas, e experiencias practicas, que servem de fundamento á architectura naval ... / traduzida do inglez por Antonio Pires da Silva Pontes ...

Lisboa : na Offic. Patriarcal de João Procopio Correa da Silva, 1798.

BGUC RB-29-24

7.4 A Escola Anatómica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro funcionou a partir de 1813 segundo o plano traçado pelo baiano Manoel Luiz Álvares de Carvalho, também formado na UC.

Exame de Formatura na Faculdade de Medicina, que teve lugar na Sala das Congregações, de Manuel Luís Alves (Álvares) de Carvalho, natural da Bahia, filho de Luís José de Chaves, feito perante um júri presidido por D. Carlos Maria de Figueiredo Pimentel, por comissão do Reitor da Universidade.

Coimbra, 1782, jul. 13.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Exames, Atos e Graus da Faculdade de Medicina (SR); vol. 1, fl. 186-186v

AUC-IV-1.ªD-4-4-45

7.5 Este deputado propôs a criação de uma universidade e, em 1823, uma comissão ainda chegou a designar São Paulo e Olinda para sedes de novas Faculdades de Direito. Mas só como Ministro da Justiça, em 1827, ele criaria essas duas Faculdades.

José Feliciano Fernandes PINHEIRO, 1774-1847

Discursos apresentados à meza da agricultura sobre varios objectos relativos a cultura, e melhoramento interno do reino ...

Lisboa : Na Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, 1800.

UCFL I.Hist Teoria Ideias 9-1-6

7.6 Logo após a Independência, em 1823, o mineiro Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá (1764-1835) também proporá, sem resultado, a criação de uma universidade no Rio de Janeiro.

Prova tipográfica da carta de formatura na Faculdade de Leis concedida a Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá. De acordo com informação inserida no seu processo individual para atribuição da carta, esta terá sido passada em 3 de julho de 1788.

Coimbra : Na Real Officina Typografica da Universidade, Anno de 1788.

Universidade de Coimbra (F); Processos de carta de curso (SR), 1788- Leis

AUC-IV-2.ªD-12-4-17

7.7 A UC foi determinante na criação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1827), como recorda o Doutor Brasília Machado numa mensagem dirigida aos colegas de Coimbra, em 1910.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Direito

Mensagem do Doutor Brasília Machado aos professores Manuel da Costa Alemão, António Assis Teixeira de Magalhães e José Caetano Lobo d'Ávila da Silva Lima.

S. Paulo, 15 set. 1910.

Universidade de Coimbra (F); Mensagens de congratulações recebidas na Reitoria (COL)

AUC VI-3ª Sec.-4-1-4

7.8 Preferíamos que a UC só tivesse espalhado boas influências, mas não foi assim: António Henriques Leal lamenta que no Rio de Janeiro do seu tempo os estudantes tivessem adotado também a “carunchosa” praxe coimbrã.

Filipe Alberto PATRONI, 1798-1866

Dissertação sobre o direito de cassoar [sic] que compete aos veteranos das academias...

Lisboa : Na Impressão Regia, 1818.

BGUC O.S. 167

Relações da UC com o Brasil

“Os professores da Academia Real Militar [...] gozarão [de] todos os privilégios, indultos e franquezas que têm e gozam os lentes da Universidade de Coimbra. Serão tidos e havidos como membros da Faculdade de Matemática, existente na dita Universidade, sem que entre os lentes da Academia e os de Coimbra se haja [de] interpor diferença alguma...”

(Carta Régia de 4 de Dezembro de 1810, Título Décimo)

As relações entre a UC e o Brasil estabelecem-se em inúmeros campos, uns claros, outros muito mais subtis. Altamente informais enquanto não existiram equivalentes brasileiras (embora existisse o ensino), as relações vieram a fortalecer-se e a consolidar-se depois da criação de universidades.

Coimbra investiu sempre nestas relações, sendo a única universidade portuguesa que dispõe de uma sala exclusivamente dedicada ao Brasil, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Faculdade de Letras. A biblioteca do IEB juntou nos seus 80 anos

de existência um acervo bibliográfico muito importante, e acolhe com frequência investigadores portugueses e estrangeiros.

8.1 A ideia de o Colégio da Bahia se poder constituir em “universidade” dos Jesuítas nunca passou de reivindicação dos Inacianos, a que a Coroa portuguesa não deu resposta. Nesse Colégio, fizeram muitos baianos os preparatórios para ingresso na UC.

Mercê escolar concedida por D. João V, através de um despacho da Mesa da Consciência e Ordens, ao aluno Jerónimo Rodrigues Lima, natural da Bahia, para que lhe seja contado o ano em que estudou Lógica, no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia, no ano letivo de 1734-1735, antes de ingressar na Faculdade de Cânones. Concedida a pedido do aluno, para usufruir de concessão de iguais mercês régias de que já gozavam outros alunos, na Universidade.

Lisboa, 1739, mai. 6.

Universidade de Coimbra (F); Mercês Escolares (SR), 1731-1740

AUC-IV-2.ªD-2-1-1

8.2 De alguma maneira, existiu uma “universidade” da Companhia de Jesus, se não formalmente, pelo menos reconhecida de alguma forma por Coimbra. Veja-se este caso (que não é único) de “reconhecimento de habilitações”, em 1700.

Incorporação, na Universidade de Coimbra, de Agostinho de Sousa e Mendonça, natural da Bahia, com o grau de Mestre em Artes, após a apresentação feita, no próprio dia, de uma carta do Reitor do Colégio da Companhia de Jesus da Bahia, pela qual constava que ali tomara os graus de Bacharel, Licenciado e Mestre em Artes, tendo recebido Provisão Régia para a sua incorporação.

Coimbra, 1700, jun. 26.

Universidade de Coimbra (F); Livros de Autos e Graus (SR), vol. 50, 2.º cad., fl. 137

AUC-IV-1.ªD-1-1-50

8.3 Sempre ficaram no Reino todos os equipamentos culturais: universidades, bibliotecas públicas, tipografias. Esta modestíssima obra, talvez a primeira impressa no Brasil, foi um empreendimento assumidamente clandestino.

Luís António Rosado da CUNHA

Relação da entrada que fez o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro Bispo do Rio de Janeiro...

Rio de Janeiro : na segunda oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, Anno de M. DCC. XLVII [i.é 1747].

BGUC Misc. 311, n.º 5 129 (encadern. com outros)

8.4 Criado originariamente como Sala do Brasil, em 1925, e reformado em 1937, o atual *Instituto de Estudos Brasileiros/IEB* da Faculdade de Letras foi um avanço importante nas relações entre a UC e o Brasil, dando início à residência de professores brasileiros na UC.

À SALA

À Sala do Brasil, oferta de Afranio Peixoto [manuscrito] : Saudação inicial da Academia Brasileira de Letras.

[s.l.] : [s.n.], 1937.

FLUC I.E. Brasileiros no Cofre da BC

8.5 Em 1942, o IEB começou a publicar a revista *Brasília* que, com uma periodicidade descontínua, editou 13 volumes até 1968. Os 11 volumes de *Suplementos* da revista contêm estudos ainda hoje dignos de merecimento.

Francisco MORAIS

Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil.

Coimbra : Inst. Est. Brasileiros, Fac. Letras da Universidade de Coimbra, 1949.

Sep. de "Brasília", suplemento ao vol. 4. Ex. com dedicat. a Octaviano de Sá e com um recorte de jornal comentado colado numa das folhas preliminares.

BGUC O.S. 412

8.6 Em 2012, o Arquivo, a Biblioteca Geral e o Museu da Ciência da UC juntaram-se para produzir este volume que tentou evidenciar a riqueza, em parte ainda não-explorada, das fontes documentais acerca do Brasil existentes em Coimbra.

José Augusto Cardoso BERNARDES, ed. lit. ; José Pedro Paiva, ed. lit.
A Universidade de Coimbra e o Brasil : percurso iconobibliográfico : [catálogo da exposição].

Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

BGUC RC-97-33

8.7 Depois da atribuição do Doutoramento *Honoris causa* ao Dr. João Café Filho, a Faculdade de Direito da UC tem-no atribuído a outros ex-presidentes da República do Brasil. Juscelino Kubitschek foi distinguido em 1960.

Rogério Guilherme Ehrhardt SOARES, e outro
Doutoramento «Honoris Causa» de sua excelência o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Coimbra : [s.n.], 1961.

Sep. de: Bol. Fac. Direito, 36 (1961).

BGUC 5-6-36-116

8.8 Não foi por essa «tradição» que Tancredo Neves também foi distinguido, mas pelo seu relevo na política, sociedade e cultura brasileiras, como muitos outros intelectuais: Júlio Afrânio Peixoto, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Florestan Fernandes, Evanildo Bechara, etc.

António José Avelãs NUNES
Discurso na Sala dos Capelos por ocasião do doutoramento «honoris causa» de Tancredo Neves.

Coimbra : [s.n.], 1985.

Sep. de: Bol. Fac. Direito, 61 (1985).

BGUC 6-20-31-5

8.9 A influência da UC foi reconhecida pela atribuição do nome *Grupo de Coimbra de Dirigentes de Universidades Brasileiras* à maior associação de universidades, com mais de um milhão de alunos.

GRUPO COIMBRA DE UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

A Universidade em tempo de crise : conferência de abertura do III Seminário Internacional organizado pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras proferida pelo Doutor António José Avelãs Nunes.

Maceió : [Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras], 2011.

BGUC 6-10-36-132

A Guerra colonial na literatura portuguesa / The colonial war in portuguese literature

Sala do Catálogo da BGUC, 13 de outubro a 30 de dezembro 2022

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

A insurreição ocorrida em Angola a 15 de março de 1961, nos distritos do Zaire, Uíje e Quanza-Norte, marca o início da Guerra Colonial, um conflito que se arrastou durante 13 longos anos e que só veio a terminar na sequência da revolução de 25 de Abril de 1974.

Este episódio, da responsabilidade da UPA - União das Populações de Angola, comandada por Holden Roberto, tinha como objetivo fazer frente ao domínio colonial implementado pelo regime português. A sua génese foi inspirada pelo fenómeno independentista que, entretanto, se desencadeara nas colónias vizinhas, até então sob domínio de países europeus, e do qual sofreu forte influência.

Sobre a Guerra Colonial, ou Guerra do Ultramar, mesmo antes do 25 de abril de 1974, foram publicadas inúmeras obras literárias, que, nas palavras de Rui de Azevedo Teixeira (1998), surgem “numa perspetiva do regime, da portugalidade e do Luso-Tropicalismo”.

Exemplo disso são as obras de Fernanda de Castro, Pedro Homem de Melo ou António Manuel Couto Viana, entre outros. No entanto, ainda durante este período alguns autores como José Correia Tavares, em 1967, Casimiro de Brito, em 1966, e anos depois Álvaro Guerra, Fernando Assis Pacheco e José Bação Leal, publicaram algumas obras, em oposição, já no período marcelista.

É naturalmente depois de 1974 que se assiste à publicação de um grande número de obras literárias, e de outros géneros, sobre este tema.

Nesta exposição encontram-se patentes obras representativas dos mais conceituados escritores portugueses, que basearam os seus romances, os seus contos e as suas histórias na temática da Guerra Colonial, ou porque a viveram ou porque a ela assistiram e escutaram relatos de outros intervenientes. Do lado português, Manuel Alegre, António Lobo Antunes, Mário de Carvalho, Lídia Jorge e João de Melo, entre outros; José Craveirinha, Pepetela ou Arlindo Barbeitos, entre os escritores angolanos e moçambicanos, que, a par de outros nomes menos conhecidos, não deixaram de transmitir, com a sua perspetiva e intensidade, aquilo que a guerra colonial representou no âmbito da literatura de língua portuguesa.

Catálogo:

ALEGRE, Manuel, 1936-

Jornada de África : romance de amor e morte do Alferes Sebastião.
3.^a ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

9-(1)-5-56-15

- Nambuagongo, meu Amor: os poemas da guerra. 1.^a ed. Lisboa:
Dom Quixote, 2008.

9-(1)-5-56-19

- Praça da canção. [1.ª ed.]. Coimbra : [s.n.], 1965 (Coimbra : Oficinas da Atlântida).

5-14-20-79

ANTUNES, António Lobo, 1942-

- Os cus de Judas. 2.ª ed. Lisboa: Vega, 1979.

6-42-39-45

- Fado Alexandrino. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

6-44-1-63

- Memória de elefante. Lisboa: Vega, 1979.

6-42-39-37

BARBEITOS, Arlindo, 1940-2021

Angola Angolê Angolema: poemas. 2.ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.

5-17-35-94

BRÁS, José

Vindimas no capim. Mem Martins: Publicações Europa-América, D.L. 1987.

6-6-30-284

CABEÇADAS, Helena, 1947-

Moçambique: sonhos, vivências e memórias. 1.ª ed. Lisboa: Chiado Editora, 2015.

10-(1)-19-9-21

CALVINHO, António Guerreiro

Trinta facadas de raiva. 3.ª ed. [S.l. : s.n.], D.L. 1979 (Lisboa : Of. da Editorial Minerva).

5-54-102-55

CALVINHO, António, [et al.]

Gritos de guerra. [S.l. : s.n., D.L. 1980].

5-6-53-55

CARDOSO, Dulce Maria

O retorno. 1.^a ed. Lisboa: Tinta da China, 2011.

9-(1)-4-29-21

CARVALHO, Mário de, 1944-

Era uma vez um alferes. Lisboa: Ed. Rolim, imp. 1984.

6-29-11-99

COUTINHO, Carlos

Uma noite na guerra: brevíssima crónica dum momento na agonia do império [...]. Lisboa: Editorial Caminho, 1978.

6-50-18 B-25

CRAVEIRINHA, José, 1922-2003

Cela 1. Lisboa : Edições 70, cop. 1980.

6-14-52-27

- Karingana ua karingana. Lourenço Marques: [Ed. Académica], 1974.

6-21-5-100

- Poemas da prisão. 1.^a ed. Lisboa : Texto Editora, 2004.

8-(2)-17-12-39

FERNANDES, Álvaro

Kianda, o rio da sede: novela. Lisboa : Dinossauro, 1996.

6-31-14-48

FERRAZ, Carlos Vale, 1946-

Os lobos não usam coleira. Venda Nova : Bertrand, imp. 1991.
6-44-12-23

- Nó cego. [Lisboa] : Círculo de Leitores, imp. 1990.
6-14-63-9

- Que fazer contigo, pá? : (O regresso do herói de uma viagem sem epopeia). 1.ª ed. Lisboa : Porto Editora, 2019.
4-(1)-28-13-12

- Soldadó. Lisboa : Notícias, 1997.
6-33-39-16

- A última viúva de África. 1.ª ed. Porto : Porto Editora, 2017.
4-(1)-15-7-36

FERREIRA, Reinaldo

- Poemas. Lourenço Marques : Imprensa Nacional de Moçambique, 1960.
5-62-37-100

GANDRA, Fernando, 1947- , [et al.]

O que muitos andaram para aqui chegarmos. [S.l.] : Poemar, cop. 2019.
4-(1)-29-24-25

GARCIA, José Martins

Lugar de massacre. [Lisboa] : Ed. Afrodite, [imp. 1975].
5-33-40-50

GERALDO, Manuel

Dez farpas no medo. 2.ª ed. [S.l. : Ed. do A., imp. 1974].
6-25-5-98

- O sangue da guerra. Lisboa : Ed. Caso, 1986.

5-68-5-55

- Sangue negro, sangue branco e o suor da guerra. [Mafra : Ed. do A., imp. 1974].

5-54-50-55

GOMES, Catarina

Furriel não é nome de pai. 1.^a ed. Lisboa : Edições Tinta-da-China, 2018.

4-(1)-18-4-8

- Pai, tiveste medo?. Lisboa : Matéria-Prima, 2014.

10-(1)-9-14-46

GUERRA, Álvaro, 1936-2002

O capitão Nemo e eu: crónica das horas aparentes. 2.^a ed. Lisboa : Dom Quixote, 2000.

6-50-72-13

HONWANA, Luís Bernardo

Nós matámos o cão-tinhoso. [S.l. : s.n.], 1964 (Lourenço Marques : Sociedade de Imprensa de Moçambique).

9-(11)-21-3-73

JORGE, Lídia, 1946-

A costa dos murmúrios. Porto : Público Comunicação Social, imp. 2002.

8-(2)-21-32-10

KNOPFLI, Rui, 1932-1997

A ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique. Lisboa : Edições 70, imp. 1989.

6-29-21-96

LIMA, Manuel dos Santos, 1935-

As lágrimas e o vento. 2.^a ed. Porto : Afrontamento, 1989.

5-10-49-102

LOBO, Domingos

Os navios negreiros não sobem o Cuando; pref. de Rui da Azevedo
Teixeira. 2.^a ed. rev. [Lisboa] : Nova Vega, 2005.

6-50-69-52

- Quando os medos ardem. 1.^a ed. Alpiarça : Garrido, D.L. 2001.

5-11 A-10-78

MARIA, Adolfo

Angola: sonho e pesadelo. Lisboa : Colibri, 2014.

10-(1)-17-27-8

MARTINS, Filipe Leandro

Pé na paisagem: romance. Lisboa : Caminho, 1981.

6-46-5-47

MELO, Guilherme de, 1931-2013

A sombra dos dias. 1.^a ed. [Lisboa] : Círculo de Leitores, imp.
1981.

6-22-9-22

MELO, João de, 1949-

Autópsia de um mar de ruínas. Lisboa: Assírio e Alvim, 1984.

6-42-14-70

- Livro de vozes e sombras: romance. 1.^a ed. Alfragide : Publicações
Dom Quixote, 2020.

4-(1)-32-26-11

- Memória de ver matar e morrer. Lisboa: Prelo Editora, 1977.
6-38-40-42

- O meu mundo não é deste reino. Lisboa : Assírio e Alvim, 1983.
6-42-14-53

- NAVARRO, António Modesto, 1942-
A capital do império. Lisboa : Nova Vega, 2017.
10-(1)-15-46-46

- História do soldado que não foi condecorado: contos. Reboleira
: Edição do Autor, 1972.
5-11-75-58

- Ir à guerra: romance. Lisboa: Editorial Futura, 1974.
6-7-9-74

- Libelo acusatório. Lisboa: Prelo Editora, 1968.
5-43-24

- A oitava colina: romance de resistência e liberdade. Lisboa : Página a Página, 2013.
10-(1)-14-49-4

- OLIVEIRA, Álamo, 1945-
Até hoje: memórias de cão. 2.^a ed. Lisboa : Salamandra, 2003
6-36-14-2

- PEPETELA, pseud., 1941-
Mayombe : romance. 5.^a ed. Lisboa : Dom Quixote, 1993.
6-66-11-19

- RAMOS, Wanda, 1948-1998

Percursos: do Luachimo ao Luena. Lisboa: Editorial Presença, imp. 1981.
5-9-52-88

VICENTE, António Carmo
Grades de Novembro : poemas. Lisboa : [s.n.], 1979.
5-54-103-51

- Lourenço. [S.l.] : A Chave, [D.L. 1989].
5-10-66-5

SILVA, Josué da; VICENTE, Carmo; MARQUES, António
Era uma vez... 3 guerras em África. Cacém : Ed. Ró, 1981.
6-14-52-41

VIEIRA, José Luandino, 1935-
A cidade e a infância: contos. Lisboa : Casa dos Estudantes do
Império, 1960.
6-44-2-2

- Luuanda. Luanda : Oficinas Gráficas ABC, imp. 1964.
5-42-22

- Nós, os do Makulusu. 4.^a ed. Lisboa : Edições 70, imp. 1985.
6-48-24-45

- A vida verdadeira de Domingos Xavier. Lisboa ; Luanda : União
dos Escritores Angolanos, imp. 1977.
5-33-75-46

- Vidas novas; desenhos de José Rodrigues. [S.l.] : Afrontamento,
1975.
6-25-25-44

A Ilha dos Amores e outros lugares imaginários das literaturas portuguesa e brasileira ² / **The Island of Love and other imaginary places in portuguese and Brazilian literature**

Sala de Leitura da BGUC, 28 outubro 2022 a 15 junho 2023
Biblioteca da Faculdade de Economia da UC, 1 a 30 dez. 2023

Ficha Técnica:

Conceito, pesquisa e textos:

A. E. Maia do Amaral

Digitalizações:

José Neto

Agradecimentos:

Isabel Campante

Elizama Almeida

Filipe Silva

Fernando Madaíl

Carla Ferreira

Projeto gráfico da exposição:

João Bicker

2 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que tem o autor - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Sinopse:

A exposição foi organizada como homenagem ao *Dicionário de Lugares Imaginários* de Alberto Manguel, quando da sua recente estada em Coimbra, em 27-28 de outubro.

Com a exclusão de céus e infernos, de lugares extraterrestres, sonhados, futuros ou bidimensionais (ou nomes ficcionados para lugares reais, como Tormes), fizeram-se entradas geográficas para «lugares visitáveis», literariamente.

São 31 países, cidades ou apenas edifícios descritos nas literaturas portuguesa e brasileira, em obras publicadas entre 1572 (*Os Lusíadas*, de Camões) e 2021 (*Hífen*, de Patrícia Portela). Junto de cada entrada, está a referência bibliográfica, a imagem da capa e a cota da obra, para se poder requisitar.

Colocar a exposição em coberturas das mesas, diretamente sob os olhos dos utilizadores da Sala de Leitura, foi uma forma de a tornar mais interativa: no sentido de suscitar a leitura dos livros que se apresentam e de solicitar sugestões para inclusão de outras obras. Uma exposição como esta nunca está terminada porque as literaturas de que se pode alimentar não terminam nunca.

Catálogo:

ÁGUA NEGRA é uma Fazenda situada na “Chapada Velha”, no sertão baiano. No passado, toda a região foi diamantífera e alguns ainda sonham em encontrar uma dessas pedras brilhantes, que enlouquecem os homens. A Fazenda Água Negra está limitada pelos rios Santo Antônio e Utinga e tem nas proximidades muitas outras Fazendas semelhantes, Piedade, Caxangá, Boa Sorte e Bom Jesus, esta última usurpada por uma igreja evangélica, com a conivência das autoridades.

Durante muitos anos, Água Negra esteve na posse da família Peixoto, grandes proprietários na Chapada Diamantífera, mas foi vendida

a um casal de citadinos, Salomão e Estela, que não sabiam ao certo o que fazer com a terra: oscilaram entre criar gado ou uma reserva de biodiversidade, mas todos os seus planos pareciam prejudicados pela existência de moradores “sem-terra”, na sua maior parte negros, mas também índios e caboclos. Instalados em Água Negra desde os primeiros anos da década de 30, foram sempre proibidos pelos fazendeiros de erguer casas de alvenaria com telha cerâmica, para que não pudessem, um dia, reivindicar a posse da terra. Trabalhavam na Fazenda sem pagamento, e aqueles permitiam-lhes apenas erguer “taperas” de barro cobertas de palha e cultivar as suas roças de subsistência.

Depois de ter financiado a deslocação de uma professora, 3 dias/semana, o Município concordou, sem grande entusiasmo, em construir uma Escola (3 salas sem banheiro), que honrava o nome do falecido proprietário, «Antônio Peixoto». A única outra obra de relevância na Fazenda tinha sido iniciativa do administrador Sutério, um barracão que vende víveres e mercadorias da cidade a preços exorbitantes, razão porque todos os moradores lhe chamam «o Roubo».

Itamar VIEIRA JÚNIOR

Torto arado.

1.^a ed. Alfragide : Leya, 2019.

BGUC 10-(1)-14-5-21

AMORES, ilha por vezes erradamente identificada com a de Santa Helena ou com alguma do arquipélago de Cabo Verde, foi uma ilha artificial flutuante propositadamente colocada no Atlântico Sul, na rota de regresso da frota de Vasco da Gama, em 1499. Foi preparada pela deusa Vénus com o objetivo de proporcionar um prémio erótico aos marinheiros portugueses, que regressavam da Índia. Para a ocasião, a Ilha foi povoada por ninfas aquáticas, que Cupido, filho de Vénus, tornou amorosas com as suas setas.

A Ilha tinha três elevações («outeiros») de pedra branca, bem providas de fontes e de vegetação, com uma enseada de areia coberta de conchas ruivas, onde os marinheiros desembarcaram, maravilhados e esperançosos de se poderem abastecer de caça fresca. Por intervenção divina, a Ilha estava repleta de árvores de fruto, das espécies que os portugueses conheciam e apreciavam, e povoada de animais pacíficos, cisnes, lebres, gazelas e pássaros variados.

Num dos outeiros, erguia-se um palácio de ouro e cristal, onde a nobre Tétis (uma titânide, filha de Celo e de Vesta) recebeu Vasco da Gama e onde foi servido um grandioso banquete aos seus marinheiros e acompanhantes. No final do banquete, a deusa profetizou o futuro do reino de Portugal, suas descobertas e conquistas territoriais no Oriente. Noutro outeiro (desconhece-se a configuração/função do terceiro), rodeado de uma mata cerrada e cujo topo parecia semeado de esmeraldas e rubis, Tétis mostrou uma esfera perfeita, maravilhosamente suspensa no ar, que representava a *Máquina do Mundo*. A Terra ocupava o centro da máquina e em esferas concêntricas e transparentes representavam-se os movimentos aparentes dos corpos celestes. Perante este prodígio, a semideusa proferiu uma lição de geopolítica, de facto destinada a influenciar a conduta futura do monarca português.

Luís de CAMÕES, 1524?-1580

Lusíadas de Luis de Camoens, principe de los poetas de España ...

En Madrid : por Juan Sanchez : A costa de Pedro Coello, mercader de libros : [por Antonio Duplastre], 1639.

2 vol.

Ex. com notas ms. de Manuel de Faria e Sousa.

BGUC S.P.-Ad-4-2 (vol. 2)

ANTARES é uma pequena cidade, assim nomeada por causa da estrela do mesmo nome, na constelação do Escorpião. O povoado

chamava-se Povinho da Caveira, tendo sido elevado a «Vila de Antares» por Alvará de 1853 e a cidade por Lei Provincial de 1878. Situa-se na fronteira entre o Brasil e a Argentina, a norte de São Borja, margem esquerda do Rio Uruguai e pertence ao Estado de Rio Grande do Sul, mas por razões nunca completamente apuradas, raramente é cartografada, o que motiva repetidos protestos dos Antarianos junto do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Entre a escassa cartografia/iconografia existente, refira-se um plano à escala da praça central da cidade e um desenho (inérito) do seu coreto.

A história de Antares foi marcada pela oposição ancestral e violenta das duas principais famílias de proprietários, os Vacariano e os Campolargo, sanada em 1925 por intervenção do então deputado da Câmara Federal Getúlio Vargas (1882-1954). Antares acompanhou a ascensão deste riograndense à Presidência e dela se aproveitou, sobretudo, o ilustre cidadão Tibério Vacariano, com escritório oportunamente aberto no Rio de Janeiro.

Do ponto de vista económico-social, Antares foi retratada, sob o nome fictício de Ribeira, na monografia *Anatomia duma cidade gaúcha de fronteira* (1964), resultado de trabalhos de campo desenvolvidos pelo Centro de Pesquisas Sociais da Universidade do Rio Grande do Sul.

O que ficou conhecido como o «incidente» começou no dia 13 de dezembro de 1963, e teve eco na imprensa nacional e até internacional, por via das agências noticiosas: começou com uma Greve Geral que paralisou a cidade e que deixou insepultos 7 mortos. Todos os acontecimentos posteriores, com os fantasmas dos falecidos a instalarem-se no coreto, não obstante o assento de inúmeras testemunhas, continuam a ser vigorosamente negados pelas autoridades locais.

Erico VERÍSSIMO, 1905-1975

Incidente em Antares : romance.

[1.ª ed.]. Lisboa : Livros do Brasil, [1971?].

BGUC 6-40-72

ATALISA é uma ilha no Pacífico a 78° O e 33°8' S, relativamente próxima da costa sul-americana. A sua circunstância político-cultural é muito particular: Robinson, considerava-se um súbdito de Sua Majestade britânica, o que não o impediu de se autoproclamar monarca da ilha (Robinson I) e de tentar referendar uma constituição, redigida por ele mesmo. A toponímia da ilha é sobretudo inglesa, mas os autómatos que a povoam expressam-se maioritariamente em francês. Usando das suas prerrogativas reais, Robinson também quererá, a certa altura, alterar toda a toponímia da ilha, para honrar novas personalidades, e mudará mesmo o seu nome para Nagoitapa. Os recém-nagoitapianos aceitaram surpreendentemente bem a nova situação.

Robinson empreende uma experiência de «náufrago voluntário» só ocasionalmente perturbada pelas visitas de turistas, vindos de Comenius Beach. Quando Robinson faz um recenseamento completo, a ilha era habitada por 2 humanos, 19 corvos (do sexo masculino), 2 cabras, 5 papagaios, outros animais de menor porte e 200.037 autómatos diversos. Depois disso, morreu 1 cabra, 1 corvo (chamado Jorge) e 7 autómatos, mas chegaram 8 periquitos, oferecidos pelo Imperador do Haiti.

A ilha tem uma geografia muito variada, vegetação de palmeiras, coqueiros e casuarinas e está bem abastecida de vinhos raros, de charutos e de livros de Filosofia para Robinson e os seus visitantes. Com base nas suas convicções filosóficas sobre o primado da Razão e do Cristianismo, este desenhou um programa educativo para o negro Sexta-Feira (depois Conde de Sadrock, depois Marquês de Klapick-am-Rhein) que, no entanto, falhou estrondosamente, levando-o à rebeldia juvenil e ao crime, à ambição de ver mundo e, finalmente, a abandonar a ilha.

João MEDINA, 1939-

A ilha está cheia de vozes : ou Robinson na ilha dos Autómatos : romance seguido de sete histórias plausíveis : contos.

1.^a ed. Lisboa : Arcádia, 1978.

BGUC 6-36-24-13

ATHENEU ou ATHENAEUM se chamava o melhor colégio masculino do Rio de Janeiro, na época do Império, um complexo erguido no Rio Comprido. O ermo território onde se construíra o Colégio interno estava rodeado de jardins, com abundante arvoredo. Ao fundo, avistava-se a Tijuca. Era dirigido pelo Dr. Aristarcho Argollo de Ramos (dos viscondes de Ramos), uma sumidade pedagógica do seu tempo, assim o proclamavam os anúncios do estabelecimento e os livros coloridos, que o pedagogo distribuía gratuitamente pelas escolas públicas.

O Atheneu abrigava, entre as suas atividades extra-escolares, um *Grémio Litterario Amor ao Saber*, com uma biblioteca, que assegurava duas sessões publicas por ano e publicava um boletim. Tinha banda de música e *Orpheon*.

Antes de ter sido consumido por um incêndio, malevolamente ateadado por um aluno, o Atheneu desenvolvia-se em torno de um enorme pátio, onde pontificava o busto do Dr. Aristarcho, inaugurado com a presença da Princesa do Brasil. O edifício principal, onde se realizavam os atos solenes, tinha majestosa porta de entrada dando para um átrio com dois relevos em gesso: uma alegoria às artes e ao estudo (dir.) e às indústrias humanas (esq.). As paredes da ante-sala imitavam pórfiro verde e nos baixos deste edifício, ficava a cafúa, solitária cela de detenção escolar.

Em pavilhão independente, ficavam um recreio interior, a sala da banda de música, 2 salas de aula do curso primário e a sala do professor Manlio. Noutra pavilhão de tijolo, um espaço de estudo no rés-do-chão e um dormitório no 1º andar. Os vários dormitórios eram conhecidos pela cor do papel de parede: salão pérola, verde, amarelo, azul, floresta. Havia uma Capela e um refeitório. Um tanque de 30 por 5 metros acolhia dois banhos por dia. O complexo abrigava ainda a moradia do Diretor com a enfermaria.

Raul de Ávila POMPEIA, 1863-1895

O atheneu : chronica de saudades.

5.^a ed. definitiva conforme os originaes e os desenhos deixados pelo autor.

Rio de Janeiro : Livraria F. Alves, [19--?].

UCFL I.E.Brasileiros 7-9-8

BAIRRO DOS ESCRITORES situa-se em Lisboa e seria um bairro tão «very typical» como outros da capital portuguesa, se não fosse não se estabelecerem aí facilmente relações de vizinhança; aliás, os escritores são universalmente conhecidos pela sua mútua aversão e constante rivalidade. Caso paradigmático é o de Henri Michaux, que habitando no mesmo prédio de Melville, Cortázar e Gogol, apenas parece interessado nos seus copos de absinto, não se lhe conhecendo interações com vizinhos. Em relação a Breton e Swedenborg, também vizinhos, face aos documentos até agora disponíveis, também não se pode confirmar que se conheçam, embora tal seja provável, porque Breton «conhecia praticamente todos os seus vizinhos». Sabemos que gosta de conversar com Juarroz, com Elliot e com o loquaz Kraus e que conhece (só de vista?) Valéry e até Duchamp, que considera «um indivíduo demasiado privado». No Bairro têm a sua morada 39 intelectuais, mas um deles, o Senhor Walser, fez construir a sua primeira casa em plena Natureza, a uma distância considerável; tão considerável que os operários que vinham fazer reparações na casa, acabavam por lá ficar a dormir para o dia seguinte. Espera-se a cada ano que o esquivo J. D. Salinger se mude para o Bairro.

Na forma como os escritores se distribuem pelas casas parece existir uma ordem subtil e não-explícita: quase como numa classificação de biblioteca pensada por afinidades intelectuais entre eles. Verificamos que num dos prédios mais altos, por exemplo, moram só autores que têm também obra plástica e performativa, Warhol, Duchamp, Corbusier, Lloyd Wright e a Senhora Bausch. Contudo, acerca das interações entre eles, nada se pode acrescentar, de momento.

O único mapa conhecido e publicado d'O *Bairro* é um desenho de Rachel Caiano.

Gonçalo M. TAVARES, 1970-

O Senhor Valéry / des. Rachel Caiano.

[1.ª ed.]. Lisboa : Caminho, imp. 2002.

BGUC 7-75 B-9-2

BALIR é a capital de um reino composto por diversas ilhas, habitadas pelos Balinos. A 6 horas (por mar) da capital, fica a ilha chamada dos Naufrágios «apartada cousa de vinte léguas [marítimas?] de um continente» não nomeado, provavelmente a África, porque os seus mares são frequentados por navios mouriscos. A Ilha dos Naufrágios tem forma sensivelmente circular, com 14 léguas de circunferência e só na maré alta é acessível aos navios. Tem mais de 4 mil habitantes. A Ilha de Olim, onde reside o rei, é a principal, mas o reino também possui terras inabitadas, como a Ilha dos Penhascos, mais pequena e incapaz de sustentar qualquer agricultura, por ser excessivamente pedregosa.

A agricultura é a principal ocupação e interesse dos Balinos, o que pode justificar que na própria capital não haja construções monumentais, mas apenas moradias, cada uma com seu jardim e horta, dando ao visitante a ideia de que toda a cidade é uma grande aldeia. A chegada de estrangeiros a Balir é muito rara, mas sempre que possível é aproveitada para discutir os progressos de outros reinos, em «Disputas Literárias» a que o rei preside pessoalmente. Os assuntos tratados são de natureza prática ou especulativa: as práticas agrícolas, o melhoramento das espécies e dos solos, a origem das fontes, a circulação do sangue, a cosmogonia ou a igualdade entre homens e mulheres.

O povo Balino é simples e feliz, satisfeito com o seu amor ao trabalho, a obediência às leis e o respeito pelos direitos dos outros. Não

parece interessado por produtos de luxo, que consideram inúteis, e que o seu rei julga até perniciosos. A alta consideração que mostram pelas mulheres não admite sequer o conceito de trabalhos femininos.

Luís Caetano de CAMPOS, 1750?-1820?

Viagens d'Altina, nas cidades mais cultas da Europa, e nas principaes povoações dos Balinos, povos desconhecidos de todo o mundo.

Lisboa : Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira : Vende-se na loja da Viuva Bertrand, e Filhos, 1798- ?

4 vols.

BGUC 5-(4)-1-34-47 (tomo 1)

CALEMPLUI é uma ilha provavelmente situada na costa da China ou da Coreia. Descrições do século 16 referem a existência de uma muralha de mármore com 26 palmos de altura acima do rio, construída tão perfeitamente que parecia de uma só peça. A muralha era encimada por uma balaustrada de mármore e um gradeamento de bronze, encerrando uma enigmática construção disposta em vários círculos concêntricos. O primeiro círculo era decorado com estátuas femininas, cada qual com uma bola na mão. O segundo círculo possuía estátuas de monstros de ferro fundido dando-se as mãos, assustadoras para qualquer potencial salteador. O terceiro círculo era composto por belos arcos e o quarto preenchido por uma floresta basta de laranjeiras anãs. Os únicos habitantes permanentes da ilha eram cerca de 360 monges (e seus 40 serviçais), que cuidavam das «capelas» existentes no quinto círculo, cada uma dedicada a um deus diferente. No centro de tudo, erguiam-se sumptuosos edifícios com fachadas cobertas de ouro, cuja função permanece desconhecida.

Acreditando que aí se situariam os túmulos de 17 Imperadores antigos, o corsário português António de Faria (151?-1548?) decidiu assaltar a ilha, em 1542. Partiu com 2 navios da «feitoria» portuguesa de Liampó, uma ilha ao largo da atual Níngbō (), acompanhado do

pirata chinês Similau, com 90 marinheiros e escravos, 56 portugueses e um padre e chegou a pilhar valiosos artefactos de prata, antes de ser obrigado a fugir. O episódio provocou, no imediato, um surto psicótico ao saqueador (que logo se perderia num tufão com os seus barcos carregados) e pode ter contribuído, a prazo, para uma retaliação das autoridades chinesas, que assaltaram e destruíram totalmente o estabelecimento português de Liampó, em 1548-49.

Fernão Mendes PINTO, 1514?-1583

Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto, em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sarnau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais...

[1.^a ed.]. Em Lisboa : por Pedro Crasbeeck : a custa de Belchior de Faria, 1614.

BGUC V.T.-9-7-1

CIDADE DOS CEGOS é uma cidade com qualquer outro nome, que ignoramos, e que ganhou esta designação depois de atingida por uma epidemia nunca vista: uma cegueira branca e repentina, aparentemente contagiosa, que as autoridades chamaram (sempre de forma provisória, antes de adicionais esclarecimentos científicos) o «mal-branco». No início, as autoridades reagiram, tentando identificar e confinar todos os doentes sintomáticos e todos os possíveis infetados, para quebrar as cadeias de infeção; se acaso infeção fosse, o que, realmente, nunca ficou determinado. Antes das instituições colapsarem totalmente (desde logo os bancos, sujeitos a uma corrida aos levantamentos que levou a falências em cadeia), os vaticínios otimistas do governo garantiram sempre aos cidadãos que a situação estava controlada, multiplicando *manu militari* quarentenas inúteis e insustentáveis face ao progresso imparável do «mal-branco».

Com os sucessivos colapsos da eletricidade, água corrente, transportes ou órgãos de comunicação, durante os meses em que a pandemia grassou, toda a cidade se foi desorganizando. Onde antes os habitantes se queixavam de engarrafamentos de trânsito, passaram a acotovelar-se os cegos, deambulando em busca de comida, sós ou em grupos, tropeçando no lixo e em carros abandonados pelas ruas, como um escritor a descreveu: «o que ali estava não era uma cidade, era uma extensa massa de alcatrão que ao arrefecer se moldara a si mesma em formas de prédios, telhados, chaminés, morto tudo, apagado tudo».

Assim como começou, o «mal-branco» desapareceu e a visão foi restituída (a quem a tinha antes), apenas para os habitantes se depararem com uma cidade silenciosa e putrefacta, de mortos insepultos, excrementos e víveres apodrecidos, espalhados por toda a parte. Mas, evidentemente, todos festejaram o fim da pandemia, que os tinha alterado para sempre.

José SARAMAGO, 1922-2010

Ensaio sobre a cegueira : romance.

[1.ª ed.]. Lisboa : Caminho, 1995 imp.

BGUC RC-96-10

CIDADE DO SOL ou HELIÓPOLE foi planeada por um Conselho de 7 teósofos (Heptarquia) e levou 7 anos a construir. É uma «república minúscula, socialista, independente» criada no início do século 20 numa propriedade de 2 mil hectares, nas faldas de um monte ermo, a cerca de 80 quilómetros de Lisboa. A cidade é completamente murada e os seus habitantes são voluntários. O mentor do projeto foi Sérgio Ária de Castro, o proprietário da Quinta de São Marcos (onde Heliópole foi edificada) e da qual só resta o velho casarão armoriado, bastante arruinado.

Planeada para albergar 8 mil almas, nunca chegou a contar com esse número de residentes. A avenida principal, dita do Nazareno,

começa nas Portas do Ouro e termina no Templo da Verdade, de arquitetura claramente egípcia. O facto de as restantes avenidas se chamarem Hórus, Ísis, Osíris e Buda, sugere algum sincretismo religioso nas crenças propostas aos Irmãos. Uma vez aceite a admissão de um novo habitante pelo Conselho, ele deve entrar pelas Portas do Ouro, que se voltarão a fechar: a reclusão autoimposta é por regra irreversível e qualquer comportamento desviante no interior será curado em estabelecimento psiquiátrico próprio. Dado o cuidadoso equilíbrio da alimentação, do trabalho e do lazer, a saúde dos habitantes é geralmente excelente e os esforços para o seu desenvolvimento psíquico são constantes. A organização do trabalho (seis horas diárias, apenas) é de natureza corporativa e a Heptarquia (dotada de poderes psíquicos muito desenvolvidos) vela pela boa saúde e pela satisfação das necessidades da comunidade.

Certa vez, a Cidade do Sol foi atacada do exterior, mas derrotou os seus oponentes com armas mentais, e considera-se hoje pronta a servir de modelo à criação de comunidades espirituais semelhantes por todo o mundo.

José Manuel Sarmiento de BEIRES, 1892-1974

A cidade do Sol.

Porto : Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa : Edições Afrontamento, 2011.

BGUC 10-(1)-8-48-14

EUFRÁSIA ou AUFRÁGIA, cidade muito antiga de que apenas restam vagas ruínas, situada numa região outrora rica, próximo dos rios Vizela e Ferro, sucessivamente ocupada por diversos povos, desde a época megalítica. Cerca de 1000 a. C., sob a chefia de Guntão, a povoação primitiva acolheu um grupo de refugiados mesopotâmicos liderados pela princesa Eufrásia, que aí introduziram a metalurgia e a tecelagem e vieram a fundar uma cidade, a que chamaram Eufrásia,

em homenagem à sua Princesa. Próximo da cidade, existiam furnas sulfurosas, desde sempre usadas com propósitos medicinais pelos seus habitantes e onde os imigrantes construíram umas «Termas de Queima Terra».

A cidade situava-se por esse tempo em território do povo Ibero, ao qual estava administrativamente sujeita. Os imigrantes orientais trouxeram para a região o culto do «réptil Vudú», em honra do qual erigiram um magnífico templo. A cidade prosperou apenas pouco mais de cinquenta anos, até ser destruída e a maioria dos seus habitantes morta por um exército persa, que na retirada levou consigo a estátua de ouro do «réptil Vudú».

56 sobreviventes deste violento ataque dividiram-se em quatro grupos e dispersaram em busca de outros locais onde se pudessem estabelecer. Um grupo foi fundar povoação no Monte de Santo Ovídio (Fafe), outro viajou para a região de Arganil, onde estabeleceu uma cidade com o mesmo nome Aufrágia, e dos restantes não se apurou ainda que trajeto levaram e qual o seu destino. Lendas locais ainda recordam na Beira Alta a cidade Aufrágia, todavia sem qualquer memória da sua antecessora de Monte Longo, no Minho.

José Salgado LEITE, 1948-

Reminiscências do tempo e agilidade nos dedos.

[2.^a ed.]. Porto : 5livros, 2020.

A 1.^a ed. foi retirada por ter saído com um erro no tít. da capa.

BGUC 4-(1)-39-16-24

FLANDIA ou **FLÃDIA** já não existe, mas ainda hoje pode ser visitada por turistas, porque tudo aí continua a funcionar automaticamente, mesmo sem pessoas. Na cartografia disponível, era uma ilha sensivelmente circular com uma geografia bem planeada (por exemplo, afastando as cidades das reservas de água) e usando os mais modernos sistemas de mobilidade podia ser atravessada em 2

horas, em qualquer direção. A Flandia (grafia que preferimos aqui) era rodeada pelo Olival, espaço (e continente?) imenso de onde provinham a maioria dos trabalhadores e operadores dos seus serviços administrativos. Nativos ou residentes, todos os habitantes de Flandia se chamavam flans. A generalização da digitalização, a oficialização do multilinguismo e do multiculturalismo de que os flans tanto se orgulhavam e a exploração incessante de conflitos entre as nações do Olival garantiam a Flandia uma boa qualidade de vida, exigindo até um consumo permanente, já que tudo era obrigatoriamente reciclado. Para um olivense (etnónimo grafado, por erro, *oliveirense*, p. 29), a Flandia parecia um paraíso.

Na ilusão de um desenvolvimento contínuo a que chamavam Progresso, todos os anos algum novo serviço da Flandia era automatizado: um dos primeiros foi o de Correios e dos Transportes Automáticos, o que dispensou os flans de se deslocarem sem ser para recreação. 85% dos flans passaram a estar em teletrabalho. Tudo foi sendo digitalizado, automatizado, robotizado. Por último, foram os cuidados de saúde nos hospitais centrais, quando a doença que chamaram «da Resignação» ou «doença de Aurora» começou por atingir crianças entre os 6 e os 8 anos de idade, que adormeciam permanentemente. À perturbação social que tal provocou veio a chamar-se a «Catástrofe», finalmente responsável pelo colapso da Flandia.

Patrícia PORTELA, 1974-

-Hífen- : com receitas de Annick Gernaey (e arroz de castanhas da casa).

1.^a ed. Alfragide : Editorial Caminho, 2021.

BGUC 4-(1)-18-15-42

FLORESTA BRANCA situa-se perto da aldeia Chora-Que-Logo-Bebes, oculta por trás de um Muro quase inacessível. Geograficamente, não há dados que permitam localizar a aldeia das pessoas choramingas, mas, culturalmente, parece claro que ela se situará

algures em Portugal. Do outro lado do Muro, existe um Mundo da Imaginação Mágica que abriga criaturas do folclore tradicional português (fadas, bruxas, gigantes, o Príncipe Orelhas de Burro, a Bicha de Sete Cabeças) e todas aquelas, extravagantes, que as crianças nalgum tempo inventaram (pedras com dentes ou árvores com braços). O número de residentes desta “reserva” deve ser muito considerável, porque já no tempo em que foi descrita por João Sem Medo, nos anos 30, havia pelo menos 46.734 princesas. João Sem Medo, um nativo de Chora-Que-Logo-Bebes, galgou certo dia o Muro e, uma vez dentro da Floresta, viu-se obrigado a escolher um dos dois caminhos tradicionais das histórias: escolheu o caminho da Infelicidade, já que para seguir o da Felicidade teria de se sujeitar a que lhe cortassem a cabeça, para não pensar. Não foi uma escolha difícil porque, para ele, a «Felicidade consiste em resistir com teimosia a todas as adversidades».

Em perfeita correspondência com os exóticos habitantes de Floresta Branca, os topónimos e antropónimos que aí se encontram são ainda mais delirantes, por exemplo o Oásis da Felicidade Verde, a Colina de Cristal, a Cidade da Confusão, a Sala sem Portas, a Clareira dos Ossos, ou a Bruxa da Felicidade-À-Força, a Fada Lugar-Comum e até a Princesa do Reino-que-não-há-meio-de-deixar-de-ser-nuvem.

O funcionamento desta imensa reserva de entes fantásticos não prescinde, contudo, de burocracias e de regulamentos, frequentemente invocados aos visitantes pelas criaturas encarregadas de os aplicar.

José Gomes FERREIRA, 1900-1985

Aventuras maravilhosas de João Sem Medo : romance.

[1.ª ed]. Lisboa : Portugália Editora, 1963 imp.

BGUC 5-62-4

GAFEIRA é uma aldeia situada a 150 quilómetros de Lisboa, junto à costa e ao pântano da Urdiceira. No século 18, um tempo já de

decadência da aldeia, tinha 1044 habitantes, mas hoje reduziu-se ainda mais a um pequeno número de casas em torno de um Largo de grandes, de facto, de enormes dimensões, com um também enorme muro de granito, que parte das traseiras da sacristia da igreja, e onde se pode ver embutida uma lápide romana com o texto seguinte:

ISIDI DOMIN—

M. OCT. LIB. THEOPHILVS

Na sua *Monografia do Termo da Gafeira* (Leiria, 1801) o abade Agostinho Saraiva interpreta erradamente esta inscrição, supondo que se refere a ruínas de umas termas construídas por «Octavius Theophilus, Pai da Pátria» e que imagina «que serviram aos banhos ímpios da tropa romana e às orgias dos adoradores de Baco a cujos desmandos se acolhiam...» (cap. VI, f. 87v).

Na aldeia existem tabernas, casas de comércio e uma Pensão de Caçadores, destinada aos que anualmente se dirigem à Lagoa, a alguns quilómetros da povoação, para a caça aos patos. A Lagoa da Gafeira tem a forma aproximada de uma pata de ganso e está quase permanentemente coberta por neblinas. Nas marés-vivas, é invadida pelas águas do mar, que lhe dão abundância de enguias. Desde tempos imemoriais, tinha sido propriedade dos Palma Bravo, uma família de antigos Couteiros-Mores, que regularam as licenças de caça até aos anos 60 do século 20.

A Casa da Lagoa, residência dos Palma Bravo, é um solar oitocentista construído sobre um plano térreo mais antigo de cavaliças, hoje adega (o *bodegón*), a única parte da casa que sobreviveu à explosão, acontecida quando 3 carvoeiros fabricavam pólvora para as munições miguelistas. A Casa encontra-se atualmente em apressada ruína, depois do súbito desaparecimento (1967) do 11º varão nessa família com o nome Tomás Manuel.

José Cardoso PIRES, 1925-1998

O Delfim : romance.

[Lisboa] ; São Paulo : Moraes Editora, 1968.

BGUC 5-42-12

HIC-HEC-HOC é uma minúscula cidade de montanha, a mais alta do país, da Europa, «quicá do planeta», como arrisca dizer o Senhor Nicolau, Secretário da Câmara. Devido à altitude e falta de oxigénio, é uma cidade onde tudo acontece muito devagar e onde os próprios habitantes falam pausadamente. Há quem diga, em baixo, no vale, que os estudantes de Hic-Hec-Hoc «são de compreensão lenta», mas estes argumentam que «tem de se estudar devagarinho para que a sabedoria assente» e outros sentenciam que os estudantes que demoram dois ou mais anos para fazer o ano escolar «só provam o seu enorme amor ao estudo!».

Já tarde, pelos finais do século 19, chegou à cidade um certo Senhor Ox, muito determinado em conseguir que o Presidente Vandan concordasse com a instalação da iluminação pública com *gás oxihídrico*. Obtida a devida autorização, as obras foram realizadas por uma equipa de fora, especializada. Concluída a obra, os habitantes começaram a notar que as coisas acontecem mais rapidamente e que eles próprios falam com menos pausas e se comportam com muito menos paciência. As primeiras vítimas dessa crescente impaciência são o Presidente Vandan e o seu Secretário Nicolau, que chegam a bater-se em duelo.

A iluminação pública será inaugurada com um baile de máscaras, na Câmara Municipal. A este baile irá comparecer Hidris, a filha do Senhor Ox, que finalmente explicará como as condutas instaladas por toda a cidade se destinam a espalhar um gás tóxico, que altera o comportamento humano. Com a fórmula que inventou, quando procurava criar um acelerador do crescimento das plantas, o fisiologista Ox julga-se capaz de empolgar as multidões e de acelerar a história do mundo. Contudo, o dispositivo é sabotado por Hidris e explode, perdendo a cidade a sua iluminação pública, mas reganhando a tranquilidade e a paz.

António TORRADO, 1939-2021

O mistério da cidade de Hic-hec-hoc : livremente inspirado no conto Doutor Ox de Júlio Verne.

1.^a ed. [S.l.] : Calendário, 2008.

BGUC 9-71-16-96

ILHA DESCONHECIDA foi o nome dado a uma ilha situada no Oceano Atlântico, estranhamente nunca cartografada, apesar de distante poucos graus da habitual rota dos navios que navegam da América para a Europa. Ignora-se qual seja o nome pelo qual os habitantes se referem a esta «certa espécie de república democrática», como diz um relato feito em 1816 por um português, que se esconde sob as iniciais A. P. B. (Bernardo José Alcobia?).

A Ilha Desconhecida tem 300 milhas de circunferência e é quase perfeitamente circular. No centro, existe uma colina regular, que as casas dos colonos rodeiam completamente. No interior desse círculo, vivem as mulheres, retiradas da vida pública da «colónia» e convivendo apenas entre si, fora das vistas dos homens. O clima é ameno e a ilha é frondosa e abundante de águas.

É habitada pelos descendentes de um grupo de espanhóis, aí naufragados em 1493. Entre si, não têm hierarquias e a participação em órgãos de governação é rotativa. Os bens produzidos por todos, que alternam as suas profissões de 5 em 5 anos, armazenam-se em celeiros públicos e são distribuídos segundo as necessidades de cada família. Os pleitos judiciais não são tolerados. Os casamentos são determinados superiormente por um Magistrado dos Matrimónios, que constitui os casais mediante critérios de idade e de aptidão física e mental dos nubentes. Os casamentos não se solenizam com qualquer cerimónia. Também não existem religiosos profissionais na ilha.

O Conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago, apesar da coincidência do nome, não se refere a esta ilha caribenha nem, de facto, a ilha nenhuma, uma vez que o «descobridor» nunca chegou a zarpar do porto.

Jorge Miguel Bastos da SILVA, 1971-
Utopias de cordel e textos afins : uma antologia.
1.^a ed. Vila Nova de Famalicão : Quasi, 2004.
BGUC 8-(2)-22-6-55, p. 132-141

IRMÂNIA é uma ilha que, de tempos a tempos, acolhe algum naufrago da «Velha Civilização». A chegada de estranhos tem trazido sempre alterações ao modo de viver dos habitantes. Uma lenda assegura que um desses naufragos arrojados à ilha, um ancião que dominava uns poucos de idiomas diferentes, lhes ensinou, pouco a pouco, a língua que hoje se fala em Irmânia. Trata-se de uma língua novilatina, que o nome da ilha parece confirmar porque «Irmânia» só pode derivar diretamente da palavra portuguesa «irmão»: Irmânia será, então, uma «terra de irmãos». Os habitantes são «um povo livre e feliz», como verificará outro naufrago, Manfredo, que ali encontrará ampla confirmação das suas crenças e aspirações «naturistas». Manfredo também será uma influência importante nesta comunidade, fundando escolas para crianças e adultos, difundindo conhecimentos científicos sintéticos e claros e sugerindo a adoção do francês, como língua «de uso quase mundial».

O clima de Irmânia é temperado, os habitantes vestem-se com simples túnicas e sandálias e são exclusivamente frugívoros (alimentam-se de frutos). A mera ideia de comer cadáveres de animais é repugnante para os Irmânicos. O dinheiro não existe (praticam a troca direta), não existe autoridade política (a autoridade moral é reconhecida e naturalmente aceite) nem domínio do homem sobre a mulher. A sua sociedade realiza, assim, um ideal que combina o *comunismo* no que respeita à posse comum do solo e o *individualismo* no que toca aos frutos do trabalho de cada um. O planeamento urbano é inexistente, mas no centro da Ilha existe um Jardim Público, criado e mantido por todos.

Por influência deste utópico «País do Bem, Pátria da Verdade», o republicano Basílio Lopes Pereira (1893-1959) tentou adotar este nome

para a aldeia de Marmeleira (Mortágua), tentativa ainda hoje lembrada pela criação de um Núcleo Museológico e de uma Rota Cultural.

Ângelo JORGE, 1883-1922

Irmânia : novella naturista.

[1.ª ed.]. Pôrto : Sociedade Vegetariana, [1912].

BGUC 7-38-10-64

KATALÓNIA ou REINO CIRCULAR, assim chamado pela forma geométrica que lhe deu o seu criador e monarca Akalino, que reinou em tempos fabulosos, durante mais de 400 anos.

A localização do reino e a história da civilização de Katalónia, algures na Ásia Menor, são desconhecidas porque delas apenas sobreviveu um texto particular de um dos cronistas oficiais de Akalino. As crónicas elas próprias não se encontraram, apenas esse texto foi exumado dentro de um vaso de barro, numa gruta da Pérsia Central. Uma comissão de académicos considerou-o como falsificação, contudo, alguns eruditos apontam para circunstâncias do achado e para características materiais que indicariam a manifesta genuinidade desta descoberta espeleológica. Aparentemente, a discussão não está encerrada.

Situado, em tempos muito remotos (pré-diluvianos?), numa região da Filitânia, o reino circular tinha no seu centro geográfico a capital, Obsalon, uma cidade também perfeitamente redonda. Em círculos concêntricos, em torno de uma vasta praça, situavam-se as casas dos industriais e banqueiros, dos altos funcionários reais, dos artífices, servos e intelectuais. No centro da cidade, erguia-se uma torre literalmente de marfim, com uma centena de andares, que consumiu na sua construção as presas de 200 mil elefantes. O plano tinha sido do próprio rei, que habitava recluso no último andar da Torre e que de uma plataforma no seu topo podia observar toda a cidade e até todo o reino com um enorme telescópio de mais de 10 metros de

tubo ótico. O seu poder, que os cronistas oficiais interpretavam como benevolente, era, de facto, absoluto e despótico. "*Circular no território, circular na consciência*", as crenças religiosas distinguiram-se mal das políticas, acumulando Akalino a função de rei e de encarnação viva da principal divindade, *Igú*, o Sol.

Mário BRAGA, 1921-2016

O reino circular: a história maravilhosa do cronista Akalino, sentinelado e inventor do reino da Katalónia.

[1.ª ed.]. Coimbra : Atlântida, [1969].

BGUC 5-20-29

LAMEIRO é uma vila situada numa península com o mesmo nome, que de facto não é muito mais do que uma longa restinga de areia na parte norte da Ria de Aveiro, concelho de Ovar. A povoação foi fundada por pescadores vindos de Furamar, mais a Norte. A rua central da povoação, de terra batida, assenta em posição praticamente paralela à linha de costa, tem um posto dos Correios e uma modesta pensão e outrora teve Escola primária. No extremo da península do Lameiro, «entre a foz da Ria e um vasto pântano», existe um quartel abandonado pelos militares, nos inícios do século 20. O quartel do Tremedal é constituído por 3 edifícios implantados em «U», no centro de um recinto cercado por muros altos. Decerto com cumplicidades corruptas de «alguém alto na hierarquia» do governo português, e devidamente vigiado pela PVDE, um tal Dr. Adolf Spiegelmann instalou-se aí, nos anos 30. Praticava gratuitamente a profissão de médico entre os pescadores.

Na sequência de uma série de mortes inexplicadas, Álvaro Alves, conhecido nos meios policiais como o «Sentinela», é chamado à vila por um velho conhecido, o professor Bernardo Borges, que se encontrava gravemente doente. No meio de inúmeras peripécias, Alves descobre uma operação secreta do médico nazi para produzir e con-

trolar mutações anfíbias em certos humanos por meio de drogas, ao serviço de confessados objetivos militares. O Dr. Adolf Spiegelmann (aliás, Prof. Adolf Dunkelhertz, da Universidade de Munique), os seus colaboradores, as pobres vítimas das suas experiências e o próprio quartel serão destruídos num cataclismo protagonizado pelo deus marinho *Dagon*, Pai dos Profundos.

Luís Filipe SILVA, org.

Os anos de ouro da pulp fiction portuguesa / org., introd. Luís Filipe Silva ; colab. Luís Corte Real.

1.^a ed. Estoril : Saída de Emergência, 2011. Pp. 133-158.

BGUC 10-(1)-12-11-28

LISO DO SUSSUARÃO localiza-se no extremo oeste de uma extensa região à margem esquerda do rio São Francisco, em Minas Gerais, já perto da fronteira com a Bahia.

O Liso, que localmente há quem chame também «raso» ou «tableiro», é uma área plana de 50 léguas de comprimento por quase 30 de largura. O local não é habitado nem frequentado pelos sertanejos, que o receiam, porque, como lá dizem, «o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva (...) quando a gente entesta com aquilo o mundo acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo». É praticamente um deserto, quente, sem água, onde nem capim para os cavalos habitualmente se encontrava. Tem-se observado que até os pássaros evitam o local, e que deles não existem cadáveres, nem sequer excrementos. Contudo, quase como se fosse um sítio espiritual, o Liso do Sussuarão revela-se hostil ou amável consoante as intenções e motivações dos que o procuram atravessar. A paisagem é de pedra quase toda azul e o terreno de areia, ressequida como cinzas, mas houve quem relatasse avistamento de abelhas, de aranhas e de formigas, o que deixa supor que não seja totalmente estéril. A aridez pode ser enganadora,

e ocasionalmente oferecer dádivas inesperadas: «em lugar onde foi córrego morto, cacimbada d'água, viável, para os cavalos».

Como todo o sertão brasileiro, o Liso está hoje muito ameaçado pelo avanço desregulado da agroindústria, apesar de estar criado pelo avanço desregulado da agroindústria, apesar de estar criado um *Parque Nacional Grande Sertão Veredas*, localizado no coração do Sertão de Riobaldo. Entre Minas Gerais e Bahia, com sede no município de Chapada Gaúcha, o Parque possui uma área de 231.668 hectares, manifestamente pequena para dar proteção efetiva. O Parque é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

João Guimarães ROSA, 1908-1967

Grande Sertão : veredas.

[1.^a ed.]. Rio de Janeiro : Livr. José Olympio, 1956.

UCFL I.E.Brasileiros 6-9-23

MYLESAS, ilha do Oceano Pacífico lembrada por ter sido palco de uma iníqua experiência «científica» conduzida a instâncias do seu governante. Na sequência desses acontecimentos, os jornalistas crismaram a ilha como Fobolândia ou Ilha Maldita. A história conta-se brevemente: o rei Zebú, que tinha algumas luzes recebidas em Oxford e Leipzig, quis modernizar a sua ilha e ocidentalizar o seu governo, mas sem qualquer sucesso, perante o peso dos costumes e tradições atávicas do seu reino polinésio. Fingindo desistir do seu intento, mandou chamar o professor Wilpert para operar uma «correção psicológica» dos seus súbditos, manipulando a água da ilha.

O químico e fisiologista Bernhard Wilpert (m. 1929) tinha sido durante a Grande Guerra muito aclamado pelos seus contributos na criação de fertilizantes por extração de químicos da atmosfera. Cientista escrupuloso, Wilpert não tinha sequer suposto passar para uma fase digamos «experimental» as suas atuais ideias acerca da

«alteração do carácter humano por meio de intervenção no quimismo do cérebro e do fígado» até ter sido desafiado pelo rei Zebú a deslocar-se para a ilha remota, com o seu laboratório.

Adormecidos alguns escrúpulos pelo facto de os indígenas serem seres «inferiores», que bem podiam ser sacrificados ao progresso da Humanidade, Wilpert conduziu uma experiência, que relatou em *Prometheu: Revista de exposição e crítica das audácias científicas do século XX*. Com o tempo, os resultados sociais e políticos revelaram-se brutais e inesperados e Zebú acabou por pedir a Wilpert que revertesse as transformações introduzidas, o que este foi incapaz de fazer. A situação só foi finalmente corrigida pela filantropia de um bem-humorado americano, que inundou a ilha de dinheiro, de *gadgets* e de bem-estar económico.

Fidelino de FIGUEIREDO, 1888-1967

Uma viagem à Fobolandia : quasi novela.

[1.^a ed.]. Porto : Oficinas de Fotog. de Marques Abreu, 1929.

BGUC 5-2-22

PASÁRGADA é um reino em relação ao qual o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado apenas regista a forma «Pasárgadas», no plural. A sua localização não é conhecida, mas o facto de o nome ser de origem persa (پاسارگاد, transl. Pāsārgād) e significar «campo dos Persas» ou «tesouro dos Persas», permite supor, com alguma razoabilidade, que se localize no Próximo-Oriente. Não deve ser confundida com a sua homónima, a antiga capital do Império Aqueménida, hoje situada na República Islâmica do Irão. Com efeito, essas ruínas, que são Património da Humanidade, ficam numa região árida, enquanto Pasárgada está situada numa costa marítima, com acesso à praia e a um rio, cujo nome não ficou registado, mas que é utilizado para lazer, tanto por habitantes locais como por visitantes.

O regime político de Pasárgada é monárquico, governada por um Rei considerado amigo do poeta brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968). Ainda hoje não está esclarecido como essa amizade se estabeleceu, mas Manuel Bandeira faz remontar o seu contacto com Pasárgada aos seus 16 anos, o que o remeteria para o ano de 1902, pouco antes de se manifestar a tuberculose que marcaria a sua vida.

As mulheres de Pasárgada são consideradas muito belas, livres de costumes, e a prostituição é socialmente aceite. Para estes comportamentos dos seus habitantes muito pode ter contribuído o acesso generalizado a processos anticoncepcionais seguros. Pasárgada veio a representar na língua portuguesa um lugar onde a vida é melhor, um símbolo de liberdade e de hedonismo, nesse sentido consagrada num grande e popular concurso literário promovido em 2009 pela Litteris Editora, do Rio de Janeiro (Brasil).

Manuel BANDEIRA, 1886-1968

50 poemas : escolhidos pelo autor.

[1.ª ed.]. [s.l.] : Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, [1955].

Com uma Dedicat. e um cartão do Aut. oferecendo 3 ex. a Joaquim de Carvalho.

UCFL S Joaquim Carvalho 13-1-43

REDENÇÃO foi o nome que um náufrago, sueco e engenheiro de minas (de quem conhecemos o *Diário*, mas ignoramos o nome), deu à ilha deserta onde naufragou e onde viveu com uma jovem americana durante 7 anos, entre 1914 e 1921. Seguindo os princípios do «naturismo higienista», de que era adepto, viveram ali em saúde e felicidade e tiveram 2 filhos, de forma totalmente natural. Acabaram por ser salvos e por completar a viagem marítima para São Francisco da Califórnia, o destino inicial do paquete em cujo naufrágio se tinham perdido.

A ilha que chamaram Redenção é das mais pequenas do arquipélago das Galápagos, no Oceano Pacífico e é basicamente constituída por uma praia em torno do cone de um vulcão extinto, com um lago central. A água é abundante, caindo em cascatas naturais e em chuvadas diárias, típicas dos climas equatoriais onde se situa. A única dieta dos naufragos durante a estância na ilha foram frutas. Tal reforçou a convicção dietética que os naufragos já tinham, bem materializada na invejável saúde dos filhos aí nascidos, e apontou-lhes para um caminho de «redenção» da espécie humana, na adoção de uma dieta natural frugívora. Depois de novamente resgatados para a «civilização», tentaram dar notícia ampla dessas vantagens, proferindo conferências e escrevendo livros.

Em 1922, começaram a planear regressar à Ilha para aí instalar uma Escola Prática de Puericultura Naturista, onde se ensinasse a repor a sanidade natural nos corpos desequilibrados dos civilizados americanos. As gerações mais novas e ainda menos envenenadas pela civilização eram a principal preocupação deste casal, pensando que poderiam ser elas, talvez um dia, a ditar um novo sentido da vida e do mundo em sociedade.

Amílcar de SOUSA, 1876-1940

Redenção : novela naturista.

[1.^a ed.]. Porto : Livraria Editora Carlos Ventura : [Livraria Catolica Portuense], 1923.

BGUC 5-3-14

SANTA FÉ começou por ser estância do Coronel Ricardo Amaral e a povoação foi estabelecida pelo seu filho, o Major Chico Amaral, a partir de 1803-1804. O território tinha-se chamado Sete Povos das Missões, administrado por jesuítas na margem oriental do rio Uruguai. Pelo Tratado de Madrid (1750), todo o território de Rio Grande de São Pedro fora mandado entregar à Coroa Portuguesa «com todas

as suas Casas, Igrejas e Edifícios» e com a obrigação de deslocar os indígenas dessas terras. Do estabelecimento primitivo restam, entre o mato, as ruínas das igrejas de Santo Ângelo e de São Miguel. Em 1833, chegaram os primeiros imigrantes alemães e o povoado foi elevado a vila, em 1834. Em 1850, Santa Fé foi elevada a Cabeça de Comarca e, em 1884, a cidade. O cemitério fica a um quarto de légua do centro da povoação, junto à atual estação de comboios. No primeiro *Almanaque de Santa Fé* (1853), o Dr. Nepomuceno Garcia de Mascarenhas descreve-a como «situada sobre três colinas e cercada de campinas onduladas, lembra ela ao viandante singelo mas gracioso presepe», e esclarece que nela existiam 68 moradas de casas e 30 ranchos, perfazendo 630 habitantes. O orago é Nossa Senhora da Conceição.

Os principais edifícios concentram-se no Largo da Matriz: o velho casarão dos Amarais, o Palacete da Prefeitura com a sua cúpula e fachada *Arte Nova* e o Sobrado, vasto edifício de pedra, com 18 divisões, em dois andares e águas-furtadas, dentro de um jardim murado. Construído pelo comerciante (e usurário) Aguinaldo Silva no local onde fora a casa assoalhada de Pedro Terra, que a perdeu por uma dívida, o Sobrado regressou à família Terra Cambará, em 1872 com a morte de Luzia, filha e herdeira de Aguinaldo. Opinião unânime de todos os Santa-fezences é de que o Sobrado abriga a maior atração da cidade: o retrato de corpo inteiro do Dr. Rodrigo Cambará, pintado por Don Pepe García, em 1910.

Erico VERÍSSIMO, 1905-1975

O tempo e o vento.

Lisboa : Livros do Brasil, [1961-1962?].

Vol. 1: O Continente. - Vol. 2: O retrato. - Vol. 3, t. 1: O arquipélago.
- Vol. 3, t. 2: O arquipélago.

BGUC 5-50-23-39/42

SÍTIO DO PICAPAU AMARELO é uma roça no interior de São Paulo com uma casinha branca, onde vivem Dona Benta, a sua neta Lúcia (conhecida como «Narizinho Rebitado»), a negra tia Anastácia e uma boneca de trapos, Emília, que apesar dessa condição era muito «viva», faladora e até capaz de gestos de grande audácia. O Sítio fica no meio de um mato denso e assustador, de onde vêm todas as criaturas que ameaçam a paz dos moradores do Sítio, como o *Saci* ou a mítica *Anta*. Nas férias, o primo Pedrinho vem da cidade e também participa nas aventuras. A roça tem velhas jaqueiras (pé-de-jaca) e um pomar ao qual se acede por um portãozinho (de onde a tia Anastácia chama Lúcia para as refeições) e ao fundo corre um ribeirão de águas claras. À beira da água, sentada nas raízes de um ingázeiro, Narizinho todos os dias alimenta os peixes e, às vezes, adormece e sonha, até ser novamente chamada para a refeição.

Em sonhos, visita o Reino das Águas Claras, governado pelo Príncipe Escamado ou «das Escamas de Prata», um *dandy*, por quem se apaixonou. Ao seu reino acede-se por uma fumaça, numa «grande pedreira, numa curva do ribeirão». A entrada é guardada por um sapo com o curioso e apropriado nome de *Agarra-e-Não-Larga-Mais*, mas que sempre se deixa adormecer. A porta dá para a Cidade das Pedras Redondas, onde fica o palácio do príncipe, ornado com sala de jantar, salão de baile e biblioteca. Nas suas «cavaliarias» guardam-se os «lambarys», os peixes que puxam o colhe real. Na sala do governo há um trono, que tem ao lado um gongo de bronze com um martelinho de prata. E em volta há os jardins, diariamente tratados por atarefadas formigas. Também há um hospital, dirigido pelo famoso doutor Caramujo, que Emília só consegue chamar «Doutor Cara de Coruja».

Monteiro LOBATO, 1882-1948

A menina do narizinho arrebitado : livro de figuras.

[S. Paulo: Metal Leve], 1982.

Fac-simil. da 1.^a ed. (São Paulo : Rev. do Brasil, 1920), fora do comércio.

BGUC RC(A)-18-58

SOLAR DO BARÃO fica algures na serra do Barroso, no caminho que se dirige à Escola Primária de V... (nome propositadamente omitido no único relato que conhecemos), perto de uma «aldeia cujo nome não me lembra». A informação vaga sobre a sua localização e disposição interior decorre, talvez, daquele testemunho único ter sido dado por um inspetor do Ensino Primário de Lisboa, que o visitou numa noite em que ficou consideravelmente embriagado.

A quinta murada tem pomares de laranjeiras e o jardim terá, pelo menos, segundo o relato que temos, violetas, jarros e rosas. O Solar tem entrada por grande escadaria, varanda ou alpendre comprido apoiado em colunas atarracadas de granito e uma fachada abundante de janelas. As divisões térreas têm chão de pedra e tetos abobadados e as escadas interiores são também de pedra. No fim de um corredor escuro e frio, a sala de jantar do solar é enorme, com uma mesa para mais de trinta pessoas. Sobre as suas dimensões colossais, diga-se que pode conter (em semicírculo e de pé) os mais de cinquenta elementos que compõem a «Tuna», conjunto musical criado pelos locais exclusivamente para agradar ao Barão e dirigido por mestre Alçada. Todo o plano do solar é labiríntico (ou assim pareceu ao nosso informador) e a sala de jantar tem várias portas. O armário está sempre bem abastecido de bebidas, vinhos diversos, licores e champagne, que o Barão consome constantemente e que oferece aos seus convidados, com insistência. A cozinha, comandada pela criada Idalina, também é farta e confeciona assados excelentes, capão ou alheiras.

Não longe da quinta fica o «castelo da Bela-Adormecida», morada da mulher por quem o Barão estava doentamente apaixonado e a quem o relato que conhecemos se refere apenas como «Ela»; como o próprio Barão explicou ao autor «- Não a conheces... ¿para que hei-de dizer-te o nome?».

Branquinho da FONSECA, 1905-1974

O Barão.

[1.^a ed.]. Lisboa : Ed. Inquérito, 1942.

Ex. com dedic. do Aut. assinada com o pseud. de António Madeira.

BGUC 869.0-31 Fonseca FON

TORRE DA BARBELA é uma velha construção medieval, na margem esquerda do rio Lima, face à Serra da Arga, e cuja origem se perde na noite dos tempos. Anda atribuída ao século 12, quando era Senhor destas terras D. Raymundo de Barbela, trovador e companheiro de lides guerreiras de D. Afonso Henriques, de quem era ainda parente ou «primo», dizia ele.

A construção cumpria objetivos militares, com os seus patamares interiores, cisterna, escadas estreitas e seteiras, mas encontra-se atualmente anexa a uma casa de habitação seiscentista, que se encosta a uma das faces. Tem 32 metros de altura, o que a converte na torre solarenga mais alta do país e tem uma forma triangular, única em toda a Península Ibérica. Por isso, está classificada como MN (Monumento Nacional). A casa possui uma varanda alpendrada, muito reproduzida na bibliografia da arquitetura portuguesa, disposta em «L», em torno do solar e chamada a «Varanda das Rosas». Árvores de fruto e velhos plátanos cobrem a propriedade.

Durante o dia, os turistas que procurem a Torre da Barbela podem ser guiados por um caseiro da propriedade, mas devem desconfiar saudavelmente das fantasias de que este autoproclamado «guia» é capaz. Já durante a noite, longe da vista e do ouvido dos visitantes, as figuras espectrais de todos os seus habitantes, das diversas gerações, «todos os Barbelas passados e presentes» convivem na propriedade que em vida os reuniu ou à qual se acham ligados por laços de parentesco. Assim, pelo impressionante Jardim dos Buxos passam até os parentes estrangeiros, desde a parisiense Madeleine Barbalat, ao bobo italiano Bárbola, todos ligados à cepa antiga dos

Barbelas. As excursões noturnas de tais personagens estendem-se com frequência à vizinha quinta da Beringela e, por vezes até Paço Vitorino, muito mais longe, na Ribeira.

Ruben A., 1920-1975

A torre da Barbela : romance.

[2.^a ed.]. Lisboa : Livraria Portugal, 1964.

BGUC 5-38-21

USINA DOS LIMOEIROS era conhecida até inícios do século 20 como Saião, nome que figura ainda na mais antiga placa toponímica. Não tem «usina» (ou fábrica de qualquer espécie), tendo recebido o nome por evocação literária do azedume dos seus habitantes, descendentes de Pedro (dito o *Limoeiro*) e de Sobrinha Saião, que aí se terão instalado antes de 1371. Fica a cerca de 130 metros de altitude entre Loures e Lousa, na antiga província portuguesa da Estremadura, e, estranhamente, não tem Orago (ou santo padroeiro).

Tem 1,39 km² e 1058 habitantes, pelos últimos censos. A criação do concelho de Loures (1886), os ofícios mais rendosos praticados na vizinha Fanhões e a cultura das vinhas em Bucelas, todas lhe têm tirado população. João Frederico Ludovice, arquiteto nas obras de Mafra, mencionou em carta que Saião era a terra a mais feia que tinha visto na região. As casas tinham normalmente uma loja, onde se vendiam produtos da horta ou vinho e um andar de habitação. Também restam evidências de pequenas casas de campo do século 18, construídas pela nobreza de Sintra. A oriente, ficam os vestígios de uma pedreira antiga e a toda a volta florestas. Hoje, tem 2 bairros, o mais antigo a norte «onde ainda se pode ver a casa dos fundadores», muito desprezado, sobretudo na zona envolvente da igreja, e o mais recente, construído por emigrantes.

Terra escura e violenta, «morada de gente azeda e dasalegre», como o temperamento dos Saiões, assistiu ultimamente a muitas

desgraças: crianças desaparecem, famílias inteiras são assassinadas, frequentemente os culpados suicidam-se. Apenas porque cumpriu pena por violação de menores (embora a sua relação com Águeda sempre tivesse sido consensual), Isidro, o último dos Saiões, foi apontado como autor de todas as monstruosidades. Contudo, o Mal era muito mais profundo.

David SOARES, 1976-

Os ossos do arco-íris.

1.^a ed. Parede : Saída de Emergência, 2006.

BGUC 9-(1)-3-3-63

UTOPIA III ou NOVA UTOPIA é um arquipélago constituído por 3 ilhas vulcânicas, Nova Ânglia, Nova Ausónia e Nova Lísia, cercado por «nevoeiros densos como uma espécie de cortina protetora». O arquipélago só foi completamente unido em 1911, tendo por capital Amauroto, cidade de Nova Ânglia. O estado desta ilha nos finais do século 15 e inícios do 16 é bem conhecido através do relato que Rafael Hytlodeu fez a Thomas More e que este publicou com o nome de «Utopia». Novas informações sobre o progresso dos novi-utopianos no século 20 foram-nos comunicadas (entre 1980 e 1995) por um dos 33 embaixadores itinerantes de Nova Utopia. O país mantém discretíssimos contactos com o resto do mundo através destes embaixadores e realiza trocas comerciais ainda mais secretas, sobretudo no setor do ouro e doutros minerais e gemas.

O carácter racional, o pacifismo e o apreço pela Natureza que caracterizava os utopianos do século 16 mantêm-se na República Moderna (desde 1746), organizada a partir de uma Assembleia da República Neo-Utopiana com 333 membros, democraticamente eleitos. O país é dirigido por uma Gerúsia de 33 elementos, onde se inclui o Triunvirato Excelso que é o órgão executivo. A população, que era em 1995 de cerca de 3 milhões, segue a medicina galénica e a religião

natural. A Reforma política de 1746 também suprimiu a escravatura, aboliu a pena de morte e ilegalizou definitivamente a caça. A língua de Nova Utopia continua a ser o Latim, todavia escrito com os seus caracteres próprios.

Informações muito recentes e não confirmadas por outras fontes dão conta de um fenómeno extraordinário e ainda não completamente compreendido pelos geógrafos de Nova Utopia: as 3 ilhas moveram-se e juntaram-se numa só, estando essa massa insular ainda em movimento, lentamente em direção à Península Ibérica.

José V. de Pina MARTINS, 1920-2010

Vtopia III : relato em diálogo...

[Lisboa] : Editorial Verbo, 1998.

Com correções ms. do Aut. e dedic. a Maria Helena da Rocha Pereira.

BGUC (6)-1-6-19-1

VALE DA RAZÃO é um reino situado no interior de uma alta cordilheira na Nova Holanda (Austrália), «nação completamente desconhecida e fora do contacto com as outras gentes». Com efeito, o reino interdita os contactos com o exterior, receando tanto a agressão imperialista como a corrupção interna das suas instituições. O comandante de uma expedição inglesa que tinha partido de Liverpool em 1836, acompanhado do seu criado português, conseguiu introduzir-se nela por meio de um balão de ar quente, o que muito surpreendeu os seus habitantes. Os dois estiveram aí mais de seis meses, recebidos com muita urbanidade. Obrigados a comunicar-se primeiro pela mímica, os visitantes vieram a aprender a língua em apenas 2 meses.

Tem de dimensões máximas 280 léguas no sentido Leste-Oeste e 50 no sentido Norte-Sul. O nome da sua capital significa na nossa língua «Habitação da Justiça», o que é totalmente adequado às quali-

dades desta sociedade. Confina com um outro vale, habitado por 20 mil almas, zona de desterro irrevogável de criminosos condenados e chamado «Terra da Correção».

Segundo os visitantes, os habitantes são muito belos e o país bem organizado. Politicamente, é uma Monarquia constitucional, hereditária, com uma longa cultura, durante a qual desenvolveu uma língua, uma escrita e um calendário (métrico) muito diferentes dos que vigoravam na Europa do seu tempo. A educação é generalizada e as artes chegaram a um nível de excelência, sendo as artes cénicas especialmente estimadas. Vale da Razão conhecia e usava algumas tecnologias, como a eletricidade, mas o carácter pacifista dos cidadãos nunca lhes sugeriu as armas de fogo, que o capitão do navio inglês lhes ensinou a produzir. Depois de alguns meses e de garantirem as suas boas intenções, os 2 viajantes foram autorizados a abandonar o reino, de novo por balão.

Vasco José de AGUIAR

Viagem ao interior da Nova Hollanda : obra moral, critica e recreativa...

Lisboa : Typografia de Vicente Jorge de Castro & Irmão, 1841.

3 vols.

BGUC 7-48-11-22/24

WASTEBAND (em português, largura de banda desperdiçada ou «faixa de tempo perdido») é um processo de partilha virtual de memórias e também o lugar físico preparado para a realização dessa partilha. O primeiro modelo de um «virtualómetro» foi construído por um grupo internacional de alquimistas obscuros, em Macau, em 1969. Uma reconstrução desse modelo pode hoje ver-se em exposição no Museu das Invenções Renegadas (Iowa City, E.U.A.). O modelo funcionou comercialmente num armazém, provavelmente (não está confirmado, porque a localização exata era confidencial) perto da Rua da Praia Grande. Existe uma morada que parece ter significado

para todos os participantes na experiência, mas que não será a do espaço Wasteband de Macau, porque se trata do 11º andar do número 18 dessa rua. Talvez fosse perto daí: entrava-se por um «armazém infinito», tirava-se uma senha, ocupava-se um lugar, apertava-se um cinto e esperava-se.

A experiência de Macau foi abruptamente interrompida no verão desse ano de 1969 pelas mesmas autoridades que tinham financiado grande parte da investigação, e com a equipe liminarmente convidada a abandonar o território, individualmente, por carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, o país administrante. A experiência é conhecida tanto pelas notícias especulativas dos jornais da época como pela ata final do julgamento que condenou os principais coordenadores da Wasteband.

Depois de se ter sugerido uma «possível evolução histórica e tecnológica desta grande descoberta», só o facto do espaço Wasteband de Macau se dizer o «primeiro» permite realmente supor que outros «virtualómetros» tenham operado noutros locais, mas sobre tal não existem informações realmente credíveis.

Patrícia PORTELA, 1974-

Wasteband / il. Acácio Nobre.

Alfragide : Caminho, imp. 2014.

Apesar da referência ao ilustrador, a obra não é ilustrada.

BGUC 10-(1)-11-16-63

250 Anos da fundação da Imprensa da Universidade de Coimbra³ / **250 years since the founding of the University of Coimbra Press**

Sala de São Pedro da BGUC, 28 novembro 2022 a 30 dezembro 2022

Ficha Técnica:

Curador:

A. E. Maia do Amaral

Escolhas bibliográficas:

Alexandre Dias Pereira (Direito)

Fernando Taveira da Fonseca (Humanidades)

Luís Reis Torgal (Humanidades)

António Amorim da Costa (Ciências)

João Rui Pita (Ciências da Saúde)

Catálogo/tratamento técnico:

Maria Luísa Sousa Machado

José Alberto Mateus

M. Fátima Moura Carvalho

Grafismos e materiais tipográficos antigos da IU:

Carlos Costa

3 Note-se que neste catálogo as obras figuram pela ordem da sua apresentação na exposição, o que - no entendimento da técnica bibliográfica que tem o curador - dispensa a inversão do último apelido, recurso apenas relevante para a ordenação alfabética e que, quando não seja absolutamente necessário, prejudica a leitura e a inteligibilidade do catálogo.

Sinopse:

No dia 28 de novembro, segunda-feira, às 14h30, acolhemos na Biblioteca Geral da UC (Sala de São Pedro), o Colóquio / Exposição que tem por objetivo divulgar «Os 250 Anos da fundação da Imprensa da Universidade de Coimbra» desde a Reforma Pombalina da Universidade, abordando temáticas como Marcos Culturais, Projeção Global, Pluralidade, Estudos Jurídicos e as suas fontes... com a abertura de João Gouveia Monteiro, Alexandre Dias Pereira e Delfim Leão.

Por outro lado, revelando a importância do Património Bibliográfico disponível ao público, esta exposição permite-nos conhecer algumas das obras editadas ao longo dos 250 anos da Imprensa da Universidade de Coimbra, e algum espólio tipográfico pertencente à instituição e que não está regularmente acessível ao público.

Catálogo:

Vitrine 1

PROVISÃO

[Provisam de incorporaçãem no dominio da Universidade do Real Colégio de Humanidades].

[S.l.] : Imprensa da Universidade, [1772?].

RB-32-16 (encadern. com outros)

QUINTILIANO, ca. 40-ca. 96

Os tres livros das instituçoens rhetoricas de M. Fab. Quintiliano. Accomodadas aos que se applicaõ ao estudo da eloquencia por pedro Jozé da Fonseca. Traduzidos da lingua latina para a portu-gueza ... por Joaõ Rozado de Villa-Lobos e Vasconcellos, ...

Coimbra : na Real Officina da Universidade : vende-se na loge [sic] de Antonio Berneoud no largo da Sé Velha e à sua custa impresso, 1782. 2 pt. enc. em 1 vol.

J.F.-37-2-13

Domenico VANDELLI, 1735-1816

Dicionario dos Termos Technicos de Historia Natural.

Coimbra : na Real Officina da Universidade, 1788.

4 A-23-1-20

Domenico VANDELLI, 1735-1816

Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen : et epistolae ab eruditissimis viris Carolo a Linné, Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli scriptae.

Conimbricæ : Ex typographia Academico-Regia, 1788.

2-5-9-8

Vicente Coelho de SEABRA, 1764-1804

Elementos de chimica.

Coimbra : Na Real Officina da Universidade, 1788-1789. Tom. I, 1788 ; Tom. II, 1789.

4-21-20

Vitrine 2

Caetano José Pinto de ALMEIDA, 1738-1802?

Prima chirurgicae therapeutices elementa... Parte primeira (segunda)...

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1790. 2 pt. enc. em 1 vol.

4-7-39-3

André de RESENDE, 1498-1573

De antiquitatibus Lusitaniae, caeteraque historica, quae extant, opera. Conimbricensis Academiae jussu edita.

Conimbricae : ex Typographia Academico-Regia, anno M.DCC. XC. [1790].

9-(4)-A-138 (apenas o vol. 1)

Jerónimo Soares BARBOSA, 1737-1816

As duas linguas, ou Grammatica philosophica da lingua portu-
gueza, comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao
mesmo tempo.

Coimbra : na Real Imprensa da Universidade, [1807?].

Data de publicação identificada em obra de referência.

V.T. -17- 8- 13

REPERTÓRIO

Repertorio geral ou Indice alphabetico da leis extravagantes do
Reino de Portugal : publicadas depois das ordenações, compreen-
dendo também algumas anteriores, que se achão em observância.
Ordenado pelo desembargador Manoel Fernandes Thomaz.

Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1815-1819. 2 vols.

J.F.-41-6-17

Almeida GARRETT, 1799-1854

O retrato de Venus : poemas.

Coimbra : na Imprensa da Universidade, 1821.

R-5-15

Vitrine 3

Agostinho Albano da Silveira PINTO, 1785-1852

Codigo pharmaceutico lusitano ou tratado e pharmaconomia.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1835.

7-48-25-35

Agostinho Albano da Silveira PINTO, 1785-1852

Pharmacographia do código pharmaceutico lusitano dedicado a sua magestade fidelíssima a muito excelsa e augusta Rainha de Portugal a senhora D. Maria II.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1836.

7-40-37-31

M. A. Coelho da ROCHA, 1793-1850

Ensaio sobre a história do governo e da legislação de Portugal, para servir de introdução ao estudo do direito pátrio.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1841.

7-52-18-17

ESCOLA

Eschola popular das primeiras letras dividida em quatro partes.

Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1850.

7-58-37-7 (apenas 2.^a parte)

M. A. Coelho da ROCHA, 1793-1850

Instituições de direito civil portuguez.

3.^a ed.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1852. 2 vols.

7-52-12-8 (apenas o vol. 1)

Joaquim Augusto Simões de CARVALHO, 1822-1902

Lições de Philosophia Chimica.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1859.

7-44-5-28

Cândido Joaquim Xavier CORDEIRO, 1807-1881

Elementos de pharmacia theorica e práctica : contendo muitos artigos proveitosos para o exercicio quotidiano da farmácia.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1859-1860. 2 vols.
7-46-23-6 (apenas o vol. 1)

Vitrine 4

Basílio Alberto de Sousa PINTO, 1793-1881
Lições de Direito Criminal Portuguez.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1861.
3-18-10-295

José Ferreira de Macedo PINTO, 1814-1895
Medicina administrativa e legislativa.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1862. Primeira parte, Higiene pública ; Segunda parte, policia hygienica.
7-58-40-36

Teófilo BRAGA, 1843-1924
Cancioneiro e romanceiro geral portuguez : confecção e estudos.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1867. Vol. 1, História da Poesia Popular portuguesa ; Vol. 2, Cancioneiro popular ; Vol. 3, Romanceiro Geral.
8-(2)-14-7-140

Caetano de Andrade ALBUQUERQUE, 1844-1900
Direito dos operários : estudos sobre as grèves.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1870.
7-54-12-22

Francisco Augusto Correia BARATA, 1847-1900
Da atomicidade : estudo sobre las theorias chemicas modernas.
Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871.
5-56-19-25

Joaquim Augusto Simões de CARVALHO, 1822-1902
Memoria historica da Faculdade de Philosophia.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1872.
6-6-7-25

Vitrine 5

A. A. da Costa SIMÕES, 1819-1903
Histologia e physiologia geral dos músculos. Secção I, Histologia dos músculos.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1878.
7-24-25-26A

Vicente Ferrer Neto PAIVA, 1798-1886
Philosophia de Direito.
Sexta edição, augmentada e aprimorada.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1883. Tomo I, Direito Natural ; Tomo II, Direito das Gentes.
7-54-16 (apenas vol. 1)

Júlio de Sande Sacadura BOTE, 1838-1899
Elementos de pharmacotechinia.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1890.
IC-17-1-8-60

Joaquim dos Santos e SILVA, 1842-1906
Elementos de analyse chimica qualitativa.
Coimbra : Imprensa da Universidade, 1874.
7-44-14-21

Charles LEPIERRE, 1867-1945
Apontamentos praticos para as analyses das urinas.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1895.

IC-17-1-8-72

Álvaro José da Silva BASTO, 1873-1924

Introdução à Theoria da Dissociação Electrolitica.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1907.

5-56-19-71

Vitrine 6

Damião de GÓIS, 1502-1574

Chronica do principe dom loam, rei que foi destes regnos segundo do nome, em que summariamente se trattam has cousas sustanciaes que nelles acontecerão do dia de seu nascimento atte ho em que elRei dom Afonso seu pai faleço.

Nova ed. Preparada pelo Dr. A. J. Gonçalvez Guimarãis.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1905.

R-35-15

Guilherme Alves MOREIRA, 1861-1922

Instituições do Direito Civil Português.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1907. 2 vols.

5-27-34-1 (apenas vol. 1)

Bissaia BARRETO, 1886-1974

O Sol em cirurgia.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1915.

5-56-8-19

Joaquim de CARVALHO, 1892-1958

António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença.

Coimbra : F. França Amado, 1916 (Imprensa da Universidade). Vol. 1 e único publicado.

5-56-13-51

Joaquim de CARVALHO, 1892-1958

Leão Hebreu, filósofo : para a história do platonismo no Renascimento. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1918.

5-56-13-52

Vitrine 7

Carolina Michaelis de VASCONCELOS, 1851-1925

Uriel da Costa : notas relativas à sua vida e às suas obras.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1922.

5-4-8

Gaspar FRUTUOSO, 1522-1591

Saudades da terra : dois inéditos acêrca das ilhas do Faial, Pico, Flôres e Côrvo. Por Gaspar Frutuoso e Espelho Cristalino em jardim de várias flôres. Por Frei Diogo das Chagas ; com uma introdução e anotações de António Ferreira de Serpa.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1921.

5-15-21-2

Gaspar CORREIA, 1495-1561

Lendas da India. Por Gaspar Correa. Publ. por ordem ... da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a dir. de Rodrigo José de Lima Felner.

Coimbra : Imprensa da Universidade : Academia Real das Ciências, 1921-1931. Livro 1, t. 1. – 1922 ; Livro 1, t. 1, Parte 2. – 1921 ; Livro 2, t. 2, parte 1. – 1923 ; Livro 2, t. 2, parte 2. – 1925 ; Livro 3, t. 3, parte 2. - 1931.

5-25-42-9 (apenas o vol. 1)

A. Celestino da COSTA, 1884-1956

Manual de técnica histológica : guia de trabalhos práticos.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926.

5-18-1-6

Joaquim de CARVALHO, 1892-1958

Desenvolvimento da filosofia em Portugal durante a Idade Média.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1927.

5-6-8

CANTIGAS D AMIGO

Cantigas d'amigo dos trovadores Galego-Portugueses. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes, e glossário por José Joaquim Nunes.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926-1928. Vol. 1, Introdução. – 1928 ; Vol. 2, Texto. – 1926 ; Vol. 3, Comentário, variantes e glossário. - 1928.

5-14-24-17

Vitrine 8

Alfredo PIMENTA, 1882-1950

Estudos filosóficos e críticos.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1930.

5-6-20

Manuel da Silva GAIO, 1860-1934

Os vencidos da vida. Pref. Dr. Joaquim de Carvalho.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1931.

5-21-10

João Gaspar SIMÕES, 1903-1987

O mistério da poesia : ensaios de interpretação da génese poética.

Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.

5-3-21

Aristides de Amorim GIRÃO, 1895-1960

Esbôço duma carta regional de Portugal.

2ª ed.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1933.

914.69 GIR

Reis VENTURA, pseud.

A romaria.

Coimbra : Imprensa da Universidade, 1934.

7-36-30-26

Silvio LIMA, 1904-1993

O amor místico : noção e valor da experiencia religiosa.

[S.l.] : [s.n.], 1935.

5-56-14-7

Vitrine suplementar

(Publicações em série)

Minerva lusitana. [Red. José Bernardo de Vasconcelos Corte Real, Joaquim Navarro de Andrade, Luís do Coração de Maria].

Coimbra: na Real Imprensa da Universidade, 1808.

RB-36-8

Relação e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no anno Lectivo de 1816 para 1817; suas naturalidades, filiações, e moradas.

Coimbra : Real Imprensa da Universidade, 1816.

RP-15-2

Revista da Universidade de Coimbra.

Vol. 1 (1912).

A-20-31

Boletim da Faculdade de Direito.

Vol. 1 (1914-1915).

A-24-27

Centenário do nascimento do poeta Eugénio de Andrade / Centenary of the birth of the poet Eugénio de Andrade

Sala do Catálogo da BGUC, 13 janeiro a 17 fevereiro 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Comemora-se este ano o primeiro centenário do nascimento do poeta Eugénio de Andrade, pseudónimo de José Fontinhas, nascido a 19 de janeiro de 1923 em Póvoa de Atalaia, no concelho do Fundão.

Aos sete anos, após a separação dos pais, Eugénio de Andrade mudou-se com a mãe para Castelo Branco. Três anos depois, instalou-se em Lisboa, onde frequentou o Liceu Passos Manuel e a Escola Técnica Machado de Castro.

Cedo mostrou o seu interesse pela leitura e pela escrita, tendo redigido os seus primeiros poemas em 1936. Enviou-os ao poeta António Botto, que lhe manifestou de imediato o reconhecimento do seu enorme talento.

A sua primeira obra, o poema "Narciso", foi publicada em Lisboa em 1940, assinada com o seu nome José Fontinhas. Dois anos depois

publicou a obra “Adolescente: poemas de Eugénio de Andrade”, com desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia, onde pela primeira vez surge o seu pseudónimo impresso.

Em 1943, com o objetivo de terminar o liceu e frequentar Filosofia, vem para Coimbra. Aqui convive com Miguel Torga, Carlos de Oliveira e Eduardo Lourenço, mas também com Paulo Quintela, Afonso Duarte, Joaquim Namorado e António Sousa. De volta a Lisboa, em 1946, ingressa no quadro da Inspeção Administrativa dos Serviços Médico-Sociais, estabelecendo nessa altura novas relações com outros escritores, como Sophia de Mello Breyner Andresen e Mário Cesariny, entre outros.

Autor de uma vasta obra, além de poesia Eugénio de Andrade publicou ainda prosa e livros infantis, organizou várias antologias e traduziu obras de diversos escritores, como Federico García Lorca, Jorge Luís Borges ou Vladimir Holan, entre outros, tendo ainda colaborado em periódicos.

Pela sua intensa e distinta atividade literária ao longo de mais de seis décadas, recebeu diversos prémios, nomeadamente: o Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários (1985); o Grande Prémio de Poesia A.P.E./CTT (1988); o Grande Prémio Vida Literária A.P.E./CGD (2000); o Prémio Camões (2001); e o Prémio P.E.N. Clube Português de Poesia (2002). Foi também agraciado, pelo Presidente da República, com o Grau de Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada (1982) e com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito (1989).

Eugénio de Andrade morreu no Porto a 13 de junho de 2005. Contava 82 anos de idade.

Catálogo:

Bibliografia ativa

Adolescente : poemas de Eugénio de Andrade. Desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia. [S.l.] : ed. do A., imp. 1942 (Lisboa : Oficinas da Editorial Império).

5-5-5 A-8

- Andrade, Eugénio de, pseud.
Pureza : poemas de Eugénio de Andrade. Desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia. Lisboa : Livraria Francesa, imp. 1945 (Coimbra : Tipografia da Coimbra Editora).
5-5-5 A-9
- As mãos e os frutos : poemas de Eugénio de Andrade. [Des. da capa de Manuel Ribeiro de Pavia]. [S.l.] : Portugália Editora, imp. 1948 (Editorial Império).
5-5-5 A-10
- Os amantes sem dinheiro : poemas. Lisboa : Centro Bibliográfico, 1950.
5-5-5 A-11
- As palavras interditas : poemas. Lisboa : Centro Bibliográfico, 1951.
5-5-5 A-12
- Até amanhã. Desenhos de Jean Cocteau e uma Ode de António de Navarro. [Lisboa] : Guimarães Editores, 1956 imp.
5-5-5 A-13
- Resende : dezasseis reproduções a preto e a cores. Porto : [s.n., 1957?].
5-54-46-56
- Antologia : 1945-1961: com um ensaio de Eduardo Lourenço e um retrato de Dórdio Gomes. Lisboa : Delfos, 1961.
5-66-41-14
- Mar de Setembro. Porto : Imprensa Portuguesa, 1961.
5-68-12-38

- Ostinato Rigore. Lisboa : Guimarães Editores, 1964.
5-14-21-3

- Poemas : 1945-1965. [1ª ed.]. Lisboa : Portugália Editora, 1966.
5-12-31-118

- Os afluentes do silêncio. Porto : Editorial Inova, imp. 1968.
5-5-5 A-15

- Eros de passagem. [S.l.] : Tip. Arcanjo Ribeiro, [1968?].
RC-2-36

- Obscuro domínio. [1ª ed.]. Porto : Editorial Inova, [1971].
5-52-10-23

- Véspera da água. Porto : Editorial Inova, 1973.
6-19-6-17

- História da égua branca. Il. de Manuela Bacelar. Porto : Asa, imp. 1976.
5-5-5 A-14

- Limiar dos pássaros. 1.ª ed. Porto : Limiar, 1976.
5-11-15-48

- Coração do dia ; Mar de Setembro. Porto : Limiar, 1977.
5-11-15-104

- Memória doutro rio. 1.ª ed. Porto : Limiar, 1978.
(6)-1-5-22-4 Ded. ms. do A. a Maria Helena da Rocha Pereira.

- Matéria solar. 1ª ed. Porto : Limiar, 1980.
5-9-50-5

- Poesia em verso e prosa. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1980.
6-22-3-35

- Poesia e prosa : 1940-1979. Pref. de Óscar Lopes. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.
6-50-4 B-13

- Júlio Resende entre a angústia e a esperança. Porto : O Oiro do Dia, 1981.
5-43-70-203

- Chuva sobre o rosto : poemas. Com um retrato de sua mãe pelo escultor José Rodrigues. 2.^a ed. Porto : O Oiro do Dia, [D.L. 1982].
5-42-10-49

- O peso da sombra. [Desenho Ângelo de Sousa]. 1.^a ed. Porto : Limiar, 1982.
6-27-24-2

- Escrita da terra. 5.^a ed. Porto : Limiar, 1983.
(6)-1-5-22-8

- Branco no branco. 1.^a ed. Porto : Limiar, 1984.
(6)-1-5-22-9 Ded. ms. do A. a Maria Helena da Rocha Pereira.

- Os quatro vintes : Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro, José Rodrigues. Textos de Eugénio de Andrade, Fernando Pernes e José Augusto França. Porto : O Oiro do Dia : Simão Guimarães, [D.L. 1985].
5-17-12-23

- A Domingos Peres das Eiras, com umas violetas = To Domingos Peres das Eiras, with a few violets = A Domingos Peres das Eiras,

avec quelques violettes. [Porto] : Fundação Eng. António de Almeida, imp. 1986.

6-38-37-19

- Vertentes do olhar. Porto : Limiar, 1987.

(6)-1-5-22-10

- O outro nome da terra. 1.^a ed. Porto : Limiar, 1988.

6-10-26-7

- Aquela nuvem e outras. Des. Jorge Colombo. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1989.

6-7-45-10

- Dunas. [Fotogr. de] João Avelino Marques ; [texto de] Eugénio de Andrade ; dir. gráfica Armando Alves. Porto : Porto Editora, 1990.

RC-32-2

- Uma casa para a poesia. Eugénio de Andrade, Dario Gonçalves. [Amarante] : Tâmega, imp. 1990.

6-14-25-43

- Com o sol em cada sílaba : poemas. Fot. Dario Gonçalves. [Lisboa] : Dom Quixote, D.L. 1991.

5-26-31-57

- O comum da terra. Fot. Jorge Barros. 1.^a ed. [Porto] : Asa, 1992.

6-2-44-35

- Corpo de amor. Il. José Rodrigues. Sintra : Colares Editora, [D.L. 1992].

6-12-30-88

- Elegia com pastores ao fundo. [Porto] : Fundação Eugénio de Andrade, 1992.

6-12-30-97

- Palavras de Novembro. [Porto] : Fundação Eugénio de Andrade, 1992.

5-72-7-25

- Poesia, terra de minha mãe. Fot. Dario Gonçalves ; pref. Arnaldo Saraiva. Porto : Asa, D.L. 1992.

5-53-16-33

- Quinze poemas = Quinze poemes. Trad. Alex Susanna, Vicent Berenguer i Manuel Guerrero i Brullet. Porto : Câmara Municipal, 1992.

6-10-10-34

- Rente ao dizer. [Retrato do autor Emerenciano]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1992.

6-23-38-72

- À sombra da memória. [Retrato do autor Gustavo Bastos]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1993.

5-53-20-62

- A cidade de Garrett. Des. Fernando Lanhas ; dir. gráf. Armado Alves. Porto : Câmara Municipal : Fundação Eugénio de Andrade, imp. 1993.

6-50-41-118

- 30 poemas = 30 poèmes = 30 poems. Traduções de Ángel Crespo, Michel Chandeigne, Alexis Levitin ; [retrato de Dórdio Gomes]. [S.l.] : Fundação Eugénio de Andrade, 1993 imp. (Porto : Of. Gráf. Simão Guimarães, Filhos).

6-23-46-61

- Ofício de paciência. [Retrato Laureano Ribatua]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1994.

5-15-24-22

- Rosto precário. 6.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1995.

6-31-15-120

- O sal da língua. [Retrato Álvaro Siza]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1995.

6-31-15-122

- Pequeno formato. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, imp. 1997.

6-33-27-25

- Dez poemas. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1998.

5-21-28-31

- Os lugares do lume. [Retrato do autor José Rodrigues]. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 1998.

(6)-1-5-22-20

- Os sulcos da sede. 1.^a ed. Porto : Fundação Eugénio de Andrade, 2001.

5-51-42-39

- Coração habitado : com um desenho de José Rodrigues. 3.^a ed. Porto : Asa, 2002.

7-75 A-5-54

- Os doces animais. Des. Cristina Valadas. 1.^a ed. Porto : Asa, 2004.

8-(2)-20-22-28

- E tudo era água. Imagens Rui Cunha. 1.^a ed. [S.l.] : Aquapor : Luságua, 2004.

8-(2)-20-25-31

- O sorriso = the smile = la sonrisa = le sourire = il sorriso = das lächeln = úsmev = smaids. Pref. Arnaldo Saraiva ; il. Armando Alves. [Lisboa] : APEL : Fundação Eugénio de Andrade, 2004.

9-(1)-3-8-26

Obras traduzidas

- Blanco en lo blanco. Trad. e intr. Fidel Villar Ribot. Granada : Editorial Don Quijote, 1985.

9-(1)-2-3-3

- Inhabited heart : the selected poems of Eugenio de Andrade. Translated by Alexis Levitin ; with an introduction by Pilar Gómez Bedate. Bi-lingual ed. Van Nuys : Perivale Press, c. 1985.

5-11-35-73

- Memoria d'un altro fiume. Introd. e trad. Carlo Vittorio Cattaneo ; [des. Annibale Batosi]. Siena : Messapo, imp. 1983.

8-(2)-23-35 A-22

- The shadow's weight. Bilingual ed / with transl. and introd. by Alexis Levitin. Providence : Gávea-Brown, 1996.

7-61-19-63

- The slopes of a gaze. Transl. by Alexis Levitin. Tallahassee, FL : Apalachee Press, cop. 1992.

7-49 A-20-34

- Svrchovanost. Praha : Fra, 2004.

7-49 A-3-40

- Ufficio di pazienza. Acura di Carlo Vittorio Cattaneo. [Lugo] :
Edizione del Bradipo, 1997.

5-26-21-84

Antologias

Antologia pessoal da poesia portuguesa. 1.^a ed. Porto : Campo
das Letras, 1999.

(6)-1-5-3-18

Ded. ms. do A. a Maria Helena da Rocha Pereira.

CAMÕES, Luís de, 1524?-1580.

Versos e alguma prosa de Luís de Camões. Antologia e pref. de
Eugénio de Andrade.

[Porto] : Editorial Inova, imp. 1972.

9-(10)-1-2 1972

CANÇÃO do mais alto rio : antologia literária do Douro. Selec.
e pref. Eugénio de Andrade ; fot. Dario Gonçalves ; óleos Júlio
Resende. 1.^a ed. Porto : Asa, 1990.

6-12-60-3

CANCIONEIRINHO de Coimbra : antologia da Poesia Moderna sobre
Coimbra. Com uma aguarela de Júlio Resende. 2.^a ed. Porto : Asa, 2002.

7-75 A-5-51

DAQUI houve nome Portugal : antologia de verso e prosa sobre
o Porto. Org. e pref. por Eugénio de Andrade ; selecção artística
e dir. gráfica Armando Alves. 4.^a ed.

Porto : Asa, 2000.

RC-75-15

DUAS cidades : antologia sobre o Porto e Coimbra. Porto : Editorial Inova, 1971.

5-52-10-26

EROS de passagem : poesia erótica contemporânea. Selecção e prefácio de Eugénio de Andrade ; desenhos de José Rodrigues. Porto : Limiar, 1982.

5-22-2-71

ESCRITO na cal. Escolha de textos e pref. Eugénio de Andrade ; poesia e prosa de Bernardim Ribeiro... [et al.] ; fot. Ana Esquível. Portel : Câmara Municipal, imp. 1984.

5-22-22-60

GARCÍA LORCA, Federico, 1898-1936.

Antologia poética. Selecção e tradução de Eugénio de Andrade ; com um estudo de André Crabbé Rocha e um poema de Miguel Torga. Coimbra : Coimbra Editora, 1946.

5-62-27-32

MEMÓRIAS de alegria : antologia de verso e prosa sobre Coimbra no Centenário da Geração de 70. Org. e pref. por Eugénio de Andrade ; selecção artística e direcção gráfica de Armando Alves. Porto : Editorial Inova, imp. 1971.

RC-97-47

POEMAS portugueses para a juventude. Selecção e pref. Eugénio de Andrade ; dir. gráf. Armando Alves. 1.^a ed. Porto : Asa, 2002.

7-75 A-5-41

O POETA e a cidade : antologia de poesia contemporânea dedicada à cidade do Porto. Org. Eugénio de Andrade. 2.^a ed. aumentada. Porto : Campo das Letras, 1996.

5-32-12-19

VARIAÇÕES sobre um corpo : antologia de poesia erótica contemporânea. Selecção e prefácio de Eugénio de Andrade; desenhos de José Rodrigues. Porto : Editorial Inova, [1973].

5-52-10-53

Colaboração / traduções / prefácios

ALCOFORADO, Mariana, 1640-1723.

Cartas portuguesas. Trad. Eugénio de Andrade. Porto : Editora Inova, 1969.

RC-4-23

ANDRADE, Eugénio de; ALVES, Armando

Alentejo. Porto : Campo das Letras, 1997.

6-33-40-46

EMERENCIANO, 1946-

Escutar as mãos. Emerenciano ; com um poema de Eugénio de Andrade. Porto : Emerenciano, 1992 ([Porto]) Ofic. Gráf. Arcanjo Ribeiro.

5-26-30-40

ESKIVRE, Anna.

[Macau]. [Pref. de Eugénio de Andrade] ; [desenhos Armando Alves]. [Macau] : [Governo de Macau], [1993] ([Lisboa] : Filográfica).

4-(1)-1-35-14

FERREIRA, Manuel Pedro, 1959-

Faz de conta : para coro infantil a 3 vozes e solistas. Música Manuel Pedro Ferreira ; texto Eugénio de Andrade. [Lisboa?] : [s.n.], 2004.

7-49-8-92

GARCÍA LORCA, Federico, 1898-1936.

Amor de Dom Perlimplin com a Belisa em seu jardim. Pref. e trad. de Eugénio de Andrade. Porto : [s.n.], 1961.

5-64-41-48

- Pequeno retábulo de D. Cristóvão / Federico Garcia Lorca ; trad. Eugénio de Andrade. Porto : O Ouro do Dia, 1980.

5-43-70-147

- Trinta e seis poemas e uma aleluia erótica. Trad. de Eugénio de Andrade. Porto : Editorial Inova, imp. 1968.

5-5-5 A-16

HENRIQUES, Lagoa, 1923-2009

Desenhos recuperados. [Lisboa] : Sociedade Nacional de Belas Artes, [1972]

6-5-20-7

HOLAN, Vladimir

Soldados vermelhos ; A morte. Selec. e trad. de Luísa Neto Jorge [e] trad. de Eugénio de Andrade [respectivamente] ; com uma il. de Kasimir Malevitch. Porto : O Ouro do Dia, 1979.

5-43-75-8

MENDONÇA, José Tolentino, 1965-

De igual para igual. Posf. Eugénio de Andrade. Lisboa : Assírio & Alvim, 2001.

5-57-34-15

OLIVEIRA, Mário Rui de.

O vento da noite. Pref. Eugénio de Andrade. Lisboa : Assírio & Alvim, 2002.

7-75 A-30-85

PASCOAIS, Teixeira de, pseud.

Senhora da noite. Pref. de Eugénio de Andrade. Lisboa : Assírio e Alvim, 1986.

6-40-50-36

RESENDE, Júlio, 1917-2011.

Ribeira negra : Porto. Com um texto de Eugénio de Andrade. [Lisboa] : Sameca (Sá e Castro), imp. 1988.

6-6-34-59

SAFO, séc. 7-6 a.C.

Poemas e fragmentos de Safo. [Porto] : Limiar : Actividades Gráficas, [1974].

6-25-17-80

SIBERTIN-BLANC, Claude.

Femmes en noir. [Introd. de] Eugénio de Andrade ; photographies de Claude Sibertin-Blanc ; avec un texte de João Fatela ; trad. du portugais par Christian Auscher. [Paris] : Éditions de la Différence, imp. 1988.

7-75-16-52

TROCAR de rosa. [Trad. de Eugénio de Andrade de poemas de Lorca, Yannis Ritsos, Neruda, Blaise Cendrars, e outros]. Lisboa : Regra do Jogo, 1980.

5-9-41-73

Correspondência

CARTAS de Eugénio de Andrade a Jorge de Sena. Org. António Oliveira. 1.^a ed. Leça da Palmeira : Letras e Coisas, 2015.

4-(1)-3-15-30

HORA, Tiago Manuel da, 1984-
Fernando Lopes Graça e Eugénio de Andrade : o diálogo entre música e a poesia : correspondência. 1.^a ed. Lisboa : Chiado Editora, 2018.
MI-3-18-12

«Afinal o que importa não é a literatura...» Mário Cesariny (1923-2006) / After all, it's not the literature that matters...» Mário Cesariny (1923-2006)

Sala do Catálogo da BGUC, 10 a 31 de março 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Mário Cesariny de Vasconcelos, é considerado o expoente máximo do surrealismo português na literatura e nas artes plásticas.

Nascido em Lisboa a 9 de agosto de 1923, desde cedo mostrou qualidades artísticas e literárias que o vieram a destacar no seio do panorama cultural português, numa época em que as suas posições políticas e sociais não eram as mais cómodas para o regime, o que lhe veio a causar inúmeros dissabores.

Frequentou o Liceu Gil Vicente e a Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde conheceu alguns dos futuros companheiros do surrealismo português, nomeadamente Cruzeiro Seixas, tendo produzido a partir de 1942 as suas primeiras pinturas, desenhos e alguns poemas.

Mais tarde, frequentou em Paris a *Académie de la Grande Chamère*, onde se cruzou com os principais nomes do movimento surrealista francês, como André Breton, Victor Brauner e Henri Pastoureau, que o marcaram de forma mais intensa. No regresso, ainda em 1947, fundou o “Grupo Surrealista de Lisboa”, onde pontificavam nomes como: Cândido Costa Pinto, Marcelino Vespeira, Alexandre O’Neill, António Pedro e João Moniz Pereira. Mais tarde, depois de um desentendimento com António Pedro, fundou com Cruzeiro Seixas, José Augusto França, Pedro Oom e António Maria Lisboa, entre outros, o grupo “Os Surrealistas”.

No campo literário, Cesariny, além de poeta, foi ainda antologista, tradutor (de Rimbaud, de Buñuel, ou de Novalis), além de compilador e historiador na área do surrealismo. Da sua autoria destacam-se obras como: *Corpo visível*, o primeiro livro por si publicado (em 1950); *Manual de prestidigitação*; *Pena Capital*; *Antologia surrealista do cadáver esquisito*; *A cidade queimada*; ou *O Virgem Negra*, entre muitos outros que se encontram patentes nesta exposição. Colaborou em jornais e revistas, como *Cadernos do Meio-Dia*, *Jornal de Letras e Artes*, *Vértice* e *Seara Nova*, entre várias.

Nas artes plásticas, datam dos primeiros anos da década de 40 as suas primeiras pinturas e desenhos. O surrealismo português do pós-guerra teve em Cesariny um dos seus maiores impulsionadores, contribuindo com a introdução de novas técnicas e atitudes artísticas: a colagem surrealista, a soprografia, a sismografia e aquamotos, rejeitando muitas das convenções instituídas. Realizou inúmeras exposições, individuais e coletivas, tendo sido agraciado com o *Grande Prémio EDP* (2002) e distinguido com o *Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores* e com a *Grã-Cruz da Ordem da Liberdade*, ambos em 2005.

Figura irreverente e controversa da cultura portuguesa, Mário Cesariny morreu em Lisboa no dia 26 de novembro de 2006.

Catálogo:

Bibliografia ativa

CESARINY, Mário de

Corpo visível : poema. Ed. facsimil. Lisboa : Assírio & Alvim ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, cop. 2010. 10-(1)-10-33-2

- Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano. [S.l.] : Contraponto, [1952] (Lisboa: Tip. Ideal).

5-46-14

- Manual de prestidigitação. [Lisboa] : Contraponto, imp. 1956.

5-54-3-109

- Pena capital. Lisboa : [s.n.], 1957.

5-52-25-54

- Alguns mitos maiores alguns mitos menores propostos à circulação pelo autor. Frontispício de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Gráfica Portuguesa, 1958.

5-64-32-9

- Nobilíssima visão. Lisboa : Guimarães Editores, imp. 1959.

5-46-59-13

- Antologia surrealista do cadáver esquisito. Lisboa : Guimarães Editores, 1961.

5-50-62-32

- Planifério e outros poemas. Lisboa : Guimarães Editores, 1961.

5-50-55-45

- Poesia : 1944-1955. Desenho à pena de João Rodrigues. Lisboa : Delfos, [1961?].
5-50-55-40

- Surrealismo abjeccionismo : antologia de obras em português. Lisboa : Minotauro, imp. 1963.
5-6-57-54

- Um auto para Jerusalém. Lisboa : Minotauro, [1964?].
5-12-18-53

- A cidade queimada : poema de Mário Cesariny de Vasconcelos ; com um frontispício do A. e três desenhos hors-texte de Artur do Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Ulisseia, imp. 1965.
RB-42-6

- A intervenção surrealista. Capa e arranjo gráfico de Cruzeiro Seixas. Lisboa : Editora Ulisseia, imp. 1966.
5-44-16

- 19 projectos de prémio Aldonso Ortigão seguidos de poemas de Londres. [Lisboa]: Livraria Quadrante, [1971?].
5-1-83-84

- Burlescas, teóricas e sentimentais : antologia de poemas. [Lisboa] : Editorial Presença, 1972.
5-43-41-63

- 11 crucificações em detalhe, 3 afeições de Zaratustra, retrato de Jean Genêt. Lisboa, 1973. Lisboa : Galeria S. Mamede, 1973.
6-5-21-14

- Contribuição ao saneamento do livro Pacheco versus Cesariny edição pirata da Editorial Estampa, colecção direcções velhíssimas. [S.l. : Jornal do Gato, imp. 1974].

6-25-6-35

- Textos de afirmação e de combate do Movimento Surrealista Mundial. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2021.

4-(1)-39-16-14

- Titânia e A Cidade Queimada. Lisboa : Dom Quixote, 1977.

6-38-17

- Primavera autónoma das estradas. Lisboa : Assírio e Alvim, 1980.

6-42-14-24

- Manual de prestidigitação. Lisboa : Assírio e Alvim, imp. 1981.

6-42-14-23

- Horta de literatura de cordel : o continente submerso, o grande teatro do mundo, os sobreviventes do dilúvio, monstros nacionais, monstros estrangeiros. Selecção, fixação do texto, pref. e notas de Mário Cesariny. Lisboa : Assírio e Alvim, 1983.

6-42-14-58

- Vieira da Silva, Arpad Szerecs ou o castelo surrealista: Pintura de Vieira e de Szenes nos anos 30 a 40 em Lisboa. Lisboa : Assírio e Alvim, 1984.

5-22-29-84

- As mãos na água, a cabeça no mar. Lisboa : Assírio e Alvim, cop. 1985.

6-40-50-24

- O Virgem Negra : Fernando Pessoa explicado às criancinhas naturais & estrangeiras por M. C. V. : Who knows enough about it: seguido de louvor e desratização de Álvaro de Campos pelo mesmo no mesmo lugar [...]. Lisboa : Assírio & Alvim, cop. 1989.

6-4-21-40

- A intervenção surrealista. Lisboa : Assírio & Alvim, cop. 1997.

6-47-33-34

- Uma grande razão : os poemas maiores. Lisboa : Assírio & Alvim, 2007.

9-(1)-4-33-29

- Poemas de Mário Cesariny. Lisboa : Assírio & Alvim, cop. 2007.

9-(1)-6-41-56

CD-A- 1456

- Louvor e simplificação de Álvaro de Campo. Ed. fac-similada. Lisboa : Assírio & Alvim, 2008.

9-(1)-6-54-31

Pintura

ALMEIDA, Bernardo Pinto de, 1954-

Mário Cesariny : a imagem em movimento. Lisboa : Caminho ; Paço de Arcos : Edimpresa, 2005.

8-(2)-26-25-5

CESARINY, Mário, 1923-2006, artista.

Mário Cesariny : é preciso dizer para sempre em vez de dizer agora. [Textos António Cardoso, Pedro Álvares Ribeiro, António

Gonçalves] ; [fotografias Guilherme Carmelo]. Amarante : Câmara Municipal de Amarante : Museu Municipal Amadeo de Souza Cardoso, D.L. 2014.
4-(1)-28-27-91

CUADRADO, Perfecto E., ed. lit.
De Mário Cesariny para Artur Manuel do Cruzeiro Seixas; il. Cruzeiro Seixas; posf. Ernesto Sampaio. Lisboa : Assírio & Alvim ; Vila Nova de Famalicão, cop. 2009.
10-(1)-1-20-11

EXPOSIÇÃO "Mário Cesariny - Colecção Fundação Cupertino de Miranda", Évora, 2009.
Mário Cesariny : colecção Fundação Cupertino de Miranda textos António Gonçalves, Eduardo Pereira da Silva, Pedro Álvares Ribeiro. [S.l. : s.n.], D.L. 2009 ([Santo Tirso] : Norprint).
9-(1)-9-49-29

GALERIA NEUPERGAMA.
Mário Cesariny : pintura surrealista monocromática e outra. Torres Novas : Galeria Neupergama, D.L. 1998.
RC(A)-19-23

LEAL, Raúl, 1886-1964; CORREIA, Natália, 1923-1993; FREITAS, Lima de, 1927-1998
Mário Cesariny. Lisboa : Secretaria de Estado da Cultura, 1977.
5-17-44-200

MÁRIO Cesariny : iluminação : pintura e objectos, Torres Novas, 2005.
Mário Cesariny : iluminação : pintura e objectos. [Texto] Eurico Gonçalves. Torres Novas : Galeria Neupergama, 2005.
8-(2)-28-24-3

MÁRIO Cesariny : pintura; [org.] Galeria Neupergama. Torres Novas : G.N., D.L. 2002.

7-75 A-14-39

MÁRIO Cesariny : um desmesurado desejo de amizade. [Organização da edição, seleção de textos e revisão Laura Mateus Fonseca] ; [textos Célia Cardoso ... et al.]. Torres Novas : Galeria Neupergama : Município de Torres Novas, Museu Municipal Carlos Reis, cop. 2017.

4-(1)-13-31-6

MÁRIO Cesariny, Enrique Carlón, J. F. Aranda; [org.] Galeria Neupergama. Torres Novas : G.N., D.L. 2001.

6-9 A-6-44

PINHARANDA, João, ed. lit. ; RUIVO, Marina Bairrão, ed. lit. ; SANTOS, José Manuel dos

Correspondências : Vieira da Silva por Mário Cesariny. [Lisboa] : Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva ; Assírio & Alvim, cop. 2008.

9-(1)-10-17-25

PINTURAS de Mário Cesariny, Lisboa, 1981.

Pinturas de Mário Cesariny : [catálogo-exposição]; pref. Laurens Vancrevel. Lisboa : Galeria S. Mamede, 1981.

5-43-70-96

Correspondência

CESARINY, Mário, 1923-2006

Cartas para a casa de Pascoaes; ed. António Cândido Franco ; rev. António Lampreia. 1.^a ed. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2012.

10-(1)-11-1-48

- Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas : 1941-1975; ed. de Perfecto E. Cuadrado, Antonio Gonçalves, Cristina Guerra. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2014.

10-(1)-18-16-5

- Cinco cartas ; org. e notas António Cândido Franco. [S.l.] : Licorne, imp. 2013 ([Odivelas] : Guide-Artes Gráficas).

8-(2)-22-42-59

- Gatos comunicantes : correspondência entre Vieira da Silva e Mário Cesariny : 1952-1985; apresent. José Manuel dos Santos ; ed. e textos Sandra Santos, António Soares. [Lisboa] : Assírio & Alvim : Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2008.

9-(1)-6-45-60

- Um rio à beira do rio : cartas para Frida e Laurens Vancrevel; edição Maria Etelvina Santos, Perfecto E. Cuadrado ; apresentação, tradução e notas Maria Etelvina Santos ; posfácio e comentários Laurens Vancrevel. Lisboa : Documenta; Fundação Cupertino de Miranda, 2017.

4-(1)-9-1-7

- Sinal respiratório : cartas para Sérgio Lima; apresentação Sérgio Lima ; edição e posfácio Perfecto E. Cuadrado. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2019.

4-(1)-30-3-13

- Um sol esplendente nas coisas : cartas de Mário Cesariny para Alberto de Lacerda; edição, fixação do texto e introdução Luís Amorim de Sousa. 1.ª ed. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda ; Lisboa : Documenta, 2015.

10-(1)-18-16-26

PACHECO, Luís, 1925-2008

Pacheco versus Cesariny : folhetim de feição epistolográfica. [Lisboa] : Editorial Estampa, [imp. 1974].

6-21-18-96

Entrevistas

CESARINY: "Sou um poeta esgotado...". Entrevista de Francisco Belard e António Guerreiro. "Expresso: Actual", Lisboa. 1673 (20 nov. 2004), pp. 26-29.

B-59 A

CESARINY "O SURREALISMO FALHOU". Entrevista de Bruno Horta. "Público", Lisboa. 15 : 5366 (1 dez. 2004), p. 43.

B-25

MÁRIO Cesariny: entrevista: "escrever era como voar, voar" [...]. "JL: Jornal de Letras, artes e ideias", Lisboa. 24 : 891 (24 Nov. 2004), pp. 12-20.

B-39-1/13

MÁRIO Cesariny (1923-2006): A maravilha do acaso. Entrevista de Maria Bochicchio. "Expresso: Actual", Lisboa. 1779 (1 Dez. 2006), pp. 20-21.

B-59 A

UMA última pergunta : entrevistas com Mário Cesariny (1952-2006). Organização, introdução e notas Laura Mateus Fonseca; pref. Bernardo Pinto de Almeida ; posfácio Perfecto E. Cuadrado. 1.ª ed. Lisboa : Documenta ; [Vila Nova de Famalicão] : Fundação Cupertino de Miranda, 2020.

4-(1)-9-1-46

Bibliografia Passiva

FRANCO, António Cândido, 1956-

Teixeira de Pascoaes nas palavras do surrealismo em português : Pascoaes, Cesariny, Cruzeiro Seixas, os surrealistas do anti-grupo, o café Gelo & outros saudosistas ou surrealistas do surreal (ou não) : subsídio ou pleito rememorativo ou & (talvez) historiográfico para uma conclusão geral do poético no século XX português. [S.l.] : Licorne, 2010 ([Lousã] : Tip. Lousanense).

10-(1)-5-22-65

- O triângulo mágico : uma biografia de Mário Cesariny. 1.^a ed. Lisboa : Quetzal Editores, 2019.

4-(1)-29-3-11

MÁRIO Cesariny : entre nós e as palavras; [dir. Perfecto E. Cuadrado]. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2016.

A-28-24-1-(15)

MARTINS, Fernando Cabral, 1950-

Mário Cesariny e o virgem negra ou A morte do autor e o nascimento de actor. 1.^a ed. Lisboa : Documenta, 2016.

10-(1)-18-16-38

ROCHA, Michele C.

Mário Cesariny e Joan Brossa : para a transformação poética do homem. Vila Nova de Famalicão : Fundação Cupertino de Miranda, 2018.

A-28-24-1-(17)

VERSO de autografia : Mário Cesariny. Lisboa : Assírio & Alvim, 2004.

9-(1)-4-49-54

VERSO de autografia : [Miguel Gonçalves Mendes conversa com Mário Cesariny]. 2.^a ed. Lisboa : JumpCut, 2014.

10-(1)-18-3-11

Pablo Picasso, no cinquentenário da morte do pintor / Pablo Picasso, on the fiftieth anniversary of the painter's death

Sala do Catálogo da BGUC, 20 abril a 31 maio 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Pablo Picasso (1881-1973) foi um dos mais destacados artistas plásticos do século XX. Pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo, desde cedo demonstrou um grande talento artístico.

Filho de um pintor e desenhador com quem aprendeu, Picasso pintou a sua primeira tela com 8 anos, representando cenas de touradas. Com 14 anos ingressou na Escola de Belas-Artes de Barcelona e mais tarde, em 1898, inscreveu-se na conceituada academia de artes de Madrid, a “Real Academia de Belas-Artes de São Fernando”, regressando a Barcelona no mesmo ano, devido a doença. A partir de 1900 mudou-se para Paris, vindo a realizar a sua primeira exposição de pintura a 24 de junho de 1901.

A sua obra é geralmente classificada em vários períodos: o período azul de 1901-1904, marcado profundamente pela melancolia; o

período rosa de 1904-1906, fase caracterizada pela alegria; o período africano de 1907-1909, assinalado pela influência da arte africana; o período denominado de “cubismo analítico”, de 1909-1912, marcado pela sobreposição de planos, pela geometrização das formas e pelo uso de cores neutras; e o período do “cubismo sintético”, de 1912-1919, em que passa a utilizar outras técnicas, como a colagem, com retorno ao figurativo e em que as cores usadas são mais intensas.

Conjuntamente com Georges Braque, Picasso foi um dos principais fundadores do movimento artístico designado por “cubismo”, que surgiu no século XX nas artes plásticas. O seu quadro “As meninas d’Avignon”, de 1907, é considerado o marco inicial deste movimento.

A qualidade da sua extensa obra tornou-o um dos maiores pintores de todos os tempos, reconhecido a nível mundial, deixando uma obra artística composta por 1880 pinturas, 7089 desenhos, 1335 esculturas e 880 cerâmicas. Entre as suas obras mais conhecidas encontra-se também o quadro “La Guernica” (1937), onde expõe os horrores da Guerra Civil de Espanha.

Nascido em Málaga a 25 de outubro de 1881, veio a falecer no dia 8 de abril de 1973, em Mougins, França, aos 91 anos.

Catálogo:

ALONSO, Javier

Pablo Picasso [il. Ángel Coronado ... et al.]; [edição, tradução e adaptação Atlântico Press]. [S.l.] : Atlântico Press, cop. 2018, D.L. 2019.

4-(1)-20-11-10

BOONE, Danièle

Picasso. Trad. Maria Manuela Santos. Lisboa : Estampa : Círculo de Leitores, D.L. 1992.

6-42-7-96

BRASSAI, 1899-1984

Conversas com Picasso : 53 fotografias do autor. Trad. de Elisa Bacelar. Porto : Livraria Civilização, 1971.

6-40-9-12

BRECHT, Bertolt, 1898-1956

Da sedução : poemas eróticos. Gravuras [de] Pablo Picasso ; org. Günter Berg ; trad. Aires Graça. 3.^a ed. Lisboa : Bizâncio, 2004.

8-(2)-27-19-2

BRITO, Alice, 1954-

O dia em que Estaline encontrou Picasso na biblioteca : [romance]. [Rev. Eulália Pyrrait]. 1.^a ed. Lisboa : Planeta, 2015.

10-(1)-17-1-30

BRITO, Casimiro de, 1938-

Sete poemas rebeldes e carte a Pablo Picasso. Faro : [s.n., 19--?].

5-48-58-281

CAWS, Mary Ann

Pablo Picasso. Pref. Arthur C. Danto ; trad. Jorge Palhinhos. Porto : Fio de Palavra, 2009.

10-(1)-4-16-18

CORREIA, Alberto

Picasso fez um galo. Porto : [s.n.], 1957.

5-54-12-24

COWLING, Elizabeth, [et al.]

Matisse, Picasso. [S.l.] : Tate Publishing, 2002.

7 B-10-2-10

CRSPELLE, Jean-Paul

Picasso : as mulheres, os amigos, a obra. Lisboa : Livraria Bertrand, [1968?].

5-43-2

- Picasso. Trad. de Maria Margarida Silva Dias ; rev. de Maria G. Prestes, José M. Santos. 1.^a ed. Lisboa : Circulo de Leitores, imp. 1977.

5-58-43

DE PICASSO a Bacon : Musée des Beaux Arts de Lyon - Collection Delubac. [Org. Centro Cultural de Belém]. Lisboa : C.C.B., cop. 2001.

6-9 A-10-26

DESCARGUES, Pierre

Picasso. Lisboa : Editorial Presença, 1965.

5-12-26-24

DUARTE, António

Da escultura de Picasso : breve reflexão. Lisboa : [s.n.], 1981 (Lisboa : Tip. Silvas).

6-27-8-111

DUARTE, Fernando

Picasso. Rio Maior : Síntese, 1964.

5-46-104-12

DUNCAN, David Douglas

Picasso & Lump : a história do cão que comeu um Picasso. Trad. Madalena Alfaia. Lisboa : Guerra & Paz, cop. 2007.

9-(1)-7-13-5

ELGAR, Frank

Picasso. Lisboa : Editorial Verbo, [1972].

5-11-83-10

ENCONTROS ACARTE 93, Lisboa.

Picasso : o chapéu de três bicos : cortina, cenário e figurinos para o bailado de Leonilde Massine com música de Manuel de Falla. [Org.] Centro de Arte Moderna ; trad. Acidália de Brito. Lisboa : F.C.G, 1993.

6-23-49-28

FRANÇA, José Augusto, 1922-2021.

O essencial sobre Pablo Picasso. [Lisboa] : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016.

4-(1)-4-23-8

FRANCE, Manuela

As 10 invenções de Picasso. Trad. de Maria Carvalho. 1.^a ed. Lisboa : Editorial Bizâncio, 2017.

4-(1)-9-2-5

FROM PICASSO to Bacon : Musée des Beaux Arts de Lyon - Collection Delubac. [Org. Centro Cultural de Belém]. Lisboa : C.C.B., cop. 2001.

6-9 A-10-25

FUNDAÇÃO Nacional de Arte, Brasil.

Pablo, Pablo! : [uma interpretação brasileira de Guernica]. Rio de Janeiro : Funarte, 1981.

5-22-27-42

GIDEL, Henry

Picasso. Trad. Fernanda Oliveira. Mem Martins : Europa-América, 2009.

9-(1)-10-35-38

GILLOT, Françoise, 1921- ; LAKE, Carlton

A minha vida com Picasso. Lisboa : Publicações Europa-América, 1965.

5-12-29-114

GONZALEZ, Maria Teresa Maia, 1958-

Picasso e eu. [il. Ângela Vieira]. 1.ª ed. Porto : Porto Editora, 2019.

4-(1)-20-5-52

GRAMARY, Adrian, 1967-

Palco da loucura : os demónios em Picasso, Hemingway, Marilyn

1.ª ed. [S.l.] : Idioteque, 2015 ([Santo Tirso] : Norprint - Artes Gráficas).

10-(1)-19-40-9

HESLEWOOD, Juliet

Picasso : pintor, escultor. Trad. António Sabler. Porto : Edinter, 1996.

7-65-19-85

IZQUIERDO, Paula

Picasso e as mulheres. Trad. Marcelo Correia Ribeiro. 1.ª ed. Porto : Ambar, 2006.

8-108-7-45

JULLIAN, Philippe

Les Morot-Chandonneur ou une grande famille décrite de Stendhal
a Marcel Aymé peinte d'Ingres à Picasso... Paris : Librairie Plon, 1955.

92 (Morot-Chandonneur) JUL

KENT, Jane

Pablo Picasso. [Il. por Isabel Muñoz] ; [tradução Marta Nazaré]. 1.ª
ed. Amadora : Booksmile, 2019.

4-(1)-20-9-4

LAPORTE, Geneviève

Tão tarde ao anoitecer... Pablo Picasso. [Lisboa] : Arcádia, [1973].

6-19-3-175

LORIA, Stefano

Picasso : o cubismo. Il. Simone Boni, L. R. Galante ; trad. Mafalda Acebey. Matosinhos : Quid Novi, D.L. 2003.

6-43-13

MARRERO, Vicente

Picasso y el monstruo : una introducción. Madrid : Universidad Complutense, 1986.

6-38-8-72

MORÁN, José

Pablo Picasso. [Il. Acacio Puig]. Sintra : Girassol, D.L. 2014.

6-17-17-105

OLIVIER, Fernande

Picasso et ses amis. 2e éd. Paris : Editions Stock, 1945.

92(Picasso) OLI

PAMPLONA, Fernando de, 1909-1989

Meditação crítica sobre Picasso : um centenário. Lisboa : [s.n.], 1982 (Lisboa : Tip. Silvas)

6-27-8-121

PICASSO, Marina, 1950-

Meu avô, Pablo Picasso. Trad. Maria Amélia Pedrosa. 1.ª ed. Porto : Ambar, 2005.

8-(2)-26-42-4

PICASSO, Pablo, 1881-1973

O desejo agarrado pelo rabo ; Quatro meninas : teatro. [Lisboa : Publicações Culturais Engrenagem, 1975].

5-33-48-89

- El desig agafat per la cua i les quatre nenes. 1.^a ed. Barcelona : Edicions 62, 1989.

5-53-4-34

- Não digo mais do que o que não digo. Todas as portas abertas. O enterro do conde de Orgaz: Precedido de não digo mais do que o que não digo [por] Rafael Alberti e precedido de todas as portas abertas [por] Alejo Carpentier ; trad. Vitor Silva Tavares ; il. Carlos FERREIRO. Lisboa : & etc, 2001.

6-40-66-62

- Picasso. Coord. e introd. Rachel Barnes ; trad. Maria Celeste Guerra Nogueira. Lisboa : Dinalivro, D.L. 1993.

6-66-21-3

- Picasso : 77 gravuras, 1930-1971 : [catálogo]. Org. Embaixada de Espanha em Portugal e apresentada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa : F.C.Gulbenkian, 1982.

6-27-15-248

- Picasso 1881-1981 : célébration du centenaire d'une naissance. [Texte établi par Raoul-Jean Moulin]. Paris : UNESCO, 1982.

7-17-3-78

PICASSO ; Matisse ; Klimt ; Munch. Trad. Pedro Tamen ; rev. Ayala Monteiro. Lisboa : Difusão Cultural, imp. 1990.

6-10-12-5

PICASSO por Picasso : pensamentos e várias memórias. Org. Paul Désalmand ; trad. Mário Dias Correia. 1.^a ed. Lisboa : Contexto, 2000.
6-37-54-76

PORTO Cartoon World Festival, 19, Porto, 2017.

XIX Porto Cartoon World Festival : tema principal Turismo = main subject Tourism ; XIX Porto Cartoon World Festival : prémios especiais de caricatura António Guterres e Pablo Picasso = special awards for caricatures António Guterres and Pablo Picasso. Org. Museu Nacional de Imprensa ; [coord. Luís Humberto Marcos] ; [textos Luís Humberto Marcos ... et al.] ; [versão inglesa Liliana Costa]. Porto : Museu Nacional da Imprensa, 2017.

4-(1)-15-8-46

PORTUGAL. Museu do Chiado.

Picasso e o Mosqueteiro : 1967-1972 = Le final des Mousquetaires. [Org.] Museu do Chiado ; textos de Michèle Moutashar, Raquel Henriques da Silva, Eduardo Lourenço ; trad. Alliance Française de Lisbonne, Monique Rutler ; coord. Maria Amélia Fernandes. 1.^a ed. [Lisboa] : Instituto Português de Museus, 1997.

RC(A)-18-17

SANTOS, Margarida Fonseca, 1960-

Pablo Ruiz Picasso. Il. Vasco Gargalo. 2.^a ed. Lisboa : Pass Edições, 2016.

10-(1)-14-30-206

SOCIEDADE Nacional de Belas Artes, Lisboa.

Desastres e misérias da guerra, de Durer a Picasso : gravura. Lisboa : Sociedade Nacional de Belas Artes, 1974.

6-23-1-63

6-23-1-63 A

SPENCE, David

Picasso : romper com as tradições. Trad. Maria Filomena Pestana.

1.ª ed. Lisboa : Texto, 1999.

5-28-28-116

STEIN, Gertrude, 1874-1946.

Picasso. Paris : Librairie Floury, 1938.

92(Picasso) STE

- Picasso. Trad. de Gaetan Martins de Oliveira. Lisboa : Vega, [D.L. 1987]

6-38-15-15

SYED, Matthew

Bounce : Mozart, Federer, Picasso, Beckham, e a ciência do sucesso. Trad. Alexandra Cardoso. 1.ª ed. Alfragide : Academia do Livro, 2010.

10-(1)-7-33-53

VALLENTIN, Antonina , 1893-1957.

Picasso. Lisboa : [s.n., s.d.]

5-50-24-70

VIOLA delta: poemas. Coord. de Fernando Grade. S. João do Estoril : MIC, imp. 1977-

Vol. 46: Poemas sobre Picasso e outros textos. 2009.

6-30-3

YOLLECK, Joan

Paris na primavera com Picasso. Il. de Marjorie Priceman. 1.ª ed.

Lisboa : Gradiva, 2010.

9-71-44-73

WECHSLER, Herman J, 1904-1976.

Os mais famosos pintores franceses : de Ingres a Picasso. Lisboa : Editorial "Aster", [19--?].

5-42-25-63

ZAMBUJAL, Isabel, 1965-

Violeta e Índigo descobrem Picasso. II. Gonçalo Viana. [Paço de Arcos] : Levoir, cop. 2015.

9-13-19-54

Natália Correia : centenário do nascimento da poetisa / Natália Correia : centenary of the poet's birth

Sala do Catálogo da BGUC, 13 junho a 22 setembro de 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

José Alberto Mateus

Maria Luísa Sousa Machado

Apresentação:

Nascida na Fajã de Baixo (Ilha de São Miguel, Açores) a 13 de setembro de 1923, Natália Correia notabilizou-se na área das letras como poeta, romancista, dramaturga, ensaísta, tradutora, guionista, jornalista e editora, deixando uma marca relevante no panorama da literatura portuguesa do século XX.

Amiga de alguns nomes importantes do meio cultural, como Cruzeiro Seixas, Tomaz Ribas, Martins Correia, José Augusto França, David Mourão Ferreira, entre outros, promoveu inúmeras tertúlias literárias e artísticas quer em sua casa, quer no “Botequim”, bar que fundou em 1971 e que ficou conhecido como local da tertúlia lisboeta frequentado por destacadas personalidades da cultura e da política.

O seu primeiro livro, *Grandes Aventuras de um Pequeno Herói*, uma narrativa infantil, foi publicado em 1946. A sua obra reparte-se por

diferentes géneros, ficção, teatro, ensaio e poesia, na qual mais se notabilizou, com livros como *Rio de Nuvens* (1947), prefaciado por Campos de Figueiredo; *O vinho e a Lira* (1969), alvo de forte censura; *Sonetos Românticos* (1990), uma compilação de poemas de amor; ou o seu último livro datado do ano da sua morte, *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*.

Admiradora do Cancioneiro Medieval, organizou a *Antologia de Poesia Erótica e Satírica* (1966), *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (1970), *Antologia da Poesia do Período Barroco* (1982), e outras antologias de poesia portuguesa.

Além da sua atividade literária, Natália Correia desempenhou outras funções no campo cultural. Foi coordenadora da editora Arcádia, diretora das publicações *Século-Hoje* e *Vida Mundial* e consultora para os Assuntos Culturais Internos da Secretaria de Estado da Cultura, em 1977.

Destacou-se igualmente no campo político, salientando-se da sua intervenção o apoio ao *MUD* - Movimento de Unidade Democrática e o apoio às candidaturas de Norton de Matos e de Humberto Delgado à Presidência da República, antes de 1974, e depois, como ativa deputada, ficou célebre pelas suas intervenções parlamentares, no período de 1979 a 1991.

Entre várias distinções, foi agraciada em 1976 com o prémio literário *La Fleur de Laure*, instituído pelo Centre International de Poésie Néo-Latine e pelo Comité du Prix Petrarque de Poésie Néo-Latine. Em 1991, recebeu o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*.

Em 1981 foi-lhe atribuído o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada e em 1991 o grau de Grande Oficial da Ordem da Liberdade.

Natália Correia veio a falecer subitamente em sua casa em Lisboa, no dia 16 de março de 1993, pouco depois de regressar do "Botequim".

Catálogo:

POESIA

CORREIA, Natália

Rio de nuvens. Pref. de Campos de Figueiredo. Coimbra: [s.n.], 1947.

5-41-14

- Poemas. [Porto: s.n.], 1954 (Porto: Tipografia do Carvalhido).

5-39-16

- Dimensão encontrada. Lisboa : [s.n.], 1957.

5-54-32-53

- Passaporte : poemas. Lisboa : [s.n.], 1958.

5-50-24-4

- Comunicação em que se dá notícia duma cidade chamada vulgarmente Lusitania através alguns fragmentos dos oxyrhynchus papyri [...]. [S.l.] : Contraponto, [1959?].

5-44-43-22

- Cântico do país emerso. Lisboa : Contraponto, [1961?].

5-66-15-49

- O vinho e a lira. Lisboa : Fernando Ribeiro de Melo : Edições Afrodite, [1966?].

6-3-9-29

- As maçãs de Orestes. Lisboa : Publicações D. Quixote, 1970.

6-32-15

- A mosca iluminada. [Lisboa : Livraria Quadrante, 1971?].
5-11-63-35
- O anjo do ocidente à entrada do ferro. Lisboa : Edições Ágora, 1973.
S/C
- Poemas a rebate. Lisboa : Publicações Dom Quixote, [1975].
6-38-17
- Epístola aos lamitas. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1976.
6-38-17
- O armistício. 1.^a ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1985.
6-48-21-25
- Sonetos românticos. 1.^a ed. Lisboa : O Jornal, 1990.
6-23-31-12
- O sol nas noites e o luar nos dias. [Lisboa] : Círculo de Leitores,
imp. 1993. (Vol. I e II).
6-22-28
- Poesia completa: o sol nas noites e o luar dos dias. 2.^a ed. Lisboa
: Publicações Dom Quixote, 2000.
5-57-22-30

FICÇÃO

- Anositeceu no Bairro: romance. Lisboa: Ed. Casa do Livro, 1946.
5-38-36
- Grandes Aventuras de um Pequeno Herói: romance infantil. Porto:
Editorial Astra, D. L. 1946.
5-39-14

- A Madona. Lisboa : Editorial Presença, [1972?].
5-1-96-96
- A ilha de Circe. 1.^a ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1983.
6-44-1-54
- Onde está o menino Jesus?. 1.^a ed. Lisboa : Edições Rolim, 1987.
6-42-8-31
- As núpcias. 1.^a ed. Lisboa : O Jornal, 1992.
7 B-3-1-60

TEATRO

- O encoberto. Alfragide : Galeria Panorama, 1969.
5-62-31
- Erros meus, má fortuna, amor ardente. II. Ângelo, Calvet, Cruzeiro Seixas, Lima de Freitas, Relógio, Resende, Paulo-Guilherme, F. Ribeiro de Mello. Lisboa : Afrodite, 1981.
5-22-1-6
- A Pécora : teatro. 1.^a ed. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1983.
6-48-21-6
- CORREIA, Natália; MATOS, António - Memória da sombra. Lisboa : Preto no Branco, imp. 1993.
6-38-4-91
- D. João e Julieta : peça em 3 actos. Pref. Armando Nascimento Rosa. 1.^a ed. Lisboa : Dom Quixote, 1999.
5-57-7-53

- Sucubina ou a Teoria do Chapéu. Porto : Casa dos Açores do Norte : CETUP-Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto, 2013.
10-(1)-15-45-87

- Homúnculo: tragédia jocosa. Vila Nova de Gaia : Redil, 2015.
10-(1)-19-26-47

ENSAIO

- Descobri que era europeia: impressões duma viagem à América. Lisboa: Portugália, 1951.
5-45-13

- Uma estátua para Herodes. Lisboa : Arcádia, 1974.
6-36-21-20

- Poesia de Arte e realismo poético. Lisboa : [s.n.], 1958.
5-46-45-67

- A questão académica de 1907. Pref. Mário Braga. Lisboa : Minotauro : Seara Nova, [1962?].
9-(11)-15-4-20

- Não percas a rosa: diário e algo mais (25 de Abril de 1974 – 20 de Dezembro de 1975). Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1978.
(6)-1-5-30-44

- Somos todos hispanos. 1.^a ed. Lisboa : O jornal, 1988.
6-20-2-53

ANTOLOGIAS

ANTOLOGIA de poesia portuguesa erótica e satírica : (dos cancioneros medievais à actualidade). Sel., pref. e notas de Natália Correia ; il. de Cruzeiro Seixas. [S.l.] : Ed. de Fernando Ribeiro de Melo, [1966?].

RB-2-39

CANTARES dos trovadores galego-portugueses. Lisboa : Editorial Estampa, 1970.

6-40-67-7 e 8

A MULHER: antologia poética. Coord. Natália Correia ; il. Martins Correia. Lisboa : Artemágica, 2005.

8-(2)-25-11-30

SOUSA, António - A ilha de Sam Nunca : atlantismo e insularidade na poesia de António Sousa : antologia. [Org. por] Natália Correia. Angra do Heroísmo : Secretaria Regional dos Assuntos Culturais, imp. 1982.

6-27-17-145

O SURREALISMO na poesia portuguesa. Mem Martins: Europa América, 1973.

5-64-5

TROVAS de D. Dinis. Actual. e pref. de Natália Correia. Lisboa: Galeria Panorama, [1971?].

5-62-31

Guerra Junqueiro : exposição bibliográfica / Guerra Junqueiro : bibliographic exhibition

Sala do Catálogo da BGUC, 25 setembro a 24 novembro 2023

Ficha Técnica:

Conceção e realização:

Maria Luísa Sousa Machado

José Alberto Mateus

Apresentação:

Guerra Junqueiro foi um escritor, poeta, jornalista, político e deputado português.

Nasceu em Lígares, a meio caminho entre Freixo de Espada à Cinta e Moncorvo, no dia 17 de setembro de 1850. Era filho de um rico lavrador e negociante, religioso e tradicionalista, tendo feito os estudos preparatórios em Bragança.

Em 1866 matricula-se na Universidade de Coimbra, em Teologia, vindo a transferir-se para a Faculdade de Direito em 1868, por sentir que não tinha vocação para a vida religiosa. Licenciou-se em Direito, em 1873, durante o período de maior agitação ideológica em Coimbra que deu origem à chamada *Questão Coimbrã*.

Durante a sua permanência em Coimbra colaborou ativamente no semanário "A Folha", estabelecendo relações de amizade com os melhores escritores e poetas do seu tempo. Neste periódico, publica-

do em Coimbra a partir de 25 de novembro de 1868 e dirigido pelo poeta João Penha, colaboraram alguns dos maiores escritores da época como Gonçalves Crespo, Cândido de Figueiredo, Bernardino Machado e Antero de Quental.

Foi um dos mais destacados escritores do Realismo, movimento literário da segunda metade do século XIX, tendo, na década de oitenta, participado com Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queirós e António Cândido na constituição do grupo *Vencidos da Vida* (1888).

Das suas obras destacam-se: *Dois páginas dos quatorze anos* editada em Coimbra pela Imprensa da Universidade em 1864, a que se seguem *Vozes Sem Eco* (1867), *Espanha Livre* (1873), *A Morte de D. João* (1874), *A Velhice do Padre Eterno* (1885), entre muitas outras que se encontram patentes nesta exposição. Postumamente foram ainda publicadas *Horas de combate* (1924), *Caminho do Céu* (1925), *Vibrações Líricas* (1925), *Prometeu Libertado* (1926), *Horas de Luta* (1945), *Antologia para a Juventude* (1950) e *Orações de Ligares* (2001) recolhidas por Junqueiro, com organização de Maria Aliete Galhoz.

A sua colaboração em publicações periódicas é também muito vasta, salientando-se as seguintes: *O Occidente* (1878-1915), *Renascença* (1878-1879?), *Jornal do domingo* (1881-1888), *Ilustração* (1884-1892), *A Ilustração Portuguesa* (1884-1890), *Ilustração Universal* (1884-1885), *A Imprensa* (1885-1891), *Branco e Negro* (1896-1898), *Brasil Portugal* (1899-1914), *Serões* (1901-1911), *Luz e Vida* (1905), *A Republica Portuguesa* (1910-1911), *Atlântida* (1915-1920).

Na parte final da vida, retira-se para Trás-os-Montes, dando um rumo distinto à sua orientação literária mais voltada para as suas origens, como atestam algumas das suas últimas obras: *Os Simples* (1892), *Oração ao Pão* (1903) e *Oração à Luz* (1904).

Na sua carreira profissional destaca-se a nomeação, em 1876, para Secretário-Geral do Governo Civil de Angra do Heroísmo. Tendo combinado a carreira administrativa com uma intensa atividade política, foi eleito como deputado pelo Partido Progressista, no qual

se filiou em 3 de agosto de 1878. Em 1890 em reação ao Ultimato Inglês publica “Finis Patriae”, tendo por esta altura abandonado o Partido Progressista, abraçando a causa republicana. Mais tarde, em 1911, assumiu o cargo de Ministro Plenipotenciário de Portugal na Suíça, pedindo a exoneração em 1914. Em 1915 é apresentado como candidato a Presidente da República pelo Partido Republicano Evolucionista, naquela que terá sido a sua última participação política.

Agraciado a 12 de fevereiro de 1920 com o grau de Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, Guerra Junqueiro veio a falecer em Lisboa a 7 de julho de 1923, com exéquias fúnebres nacionais no Mosteiro dos Jerónimos. Em 1966 foi trasladado para o Panteão Nacional.

Catálogo:

Bibliografia Ativa

JUNQUEIRO, Guerra

Duas paginas dos quatorze annos : poesias. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1864.

7-42-11-43

- *Mysticae nuptiae* : poemeto. [Coimbra] : Imprensa da Universidade, 1866.

7-42-12-5

- *Vozes sem echo*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1867.

Sem rosto, faltando as p. 1-2 e com dedicatória do A. “Ao Exmº Snr Olimpio Nicolau Rui Fe.es off.ce G. Junqueiro”.

Enc. com outros. – “Duas paginas dos quatorze anos”. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1864; “Victoria da França”; “*Mysticae nuptiae*: poemeto”; “*A Hespanha livre*”.

R-18-23

- O crime : a propósito do assassinato do alferes Brito. Porto : Ernesto Chardron ; Braga : Eugenio Chardron, 1875.

Encadernado com: "Victoria da França"; "O caminho do céu"; "Tragédia Infantil".

9-(2)-1-9-7

- A musa em férias : idilios e satyras. Lisboa : Typ. das Horas Romanticas, 1879.

V.T.-12-4-2

- Viagem á roda da parvonía : relatorio em 4 actos e 6 quadros / pelo commendador Gil Vaz ; illustrado por Manuel de Macedo ; e annot. pelo auctor e pelos Srs Alberto Braga ... [et al.]. Lisboa : Off. Typ. da Empreza Litteraria de Lisboa, [1879?].

Enc. com: "Julia: drama em três actos", por Octavio Feuillet.

7-12-6-33

- A velhice do padre eterno. [1.ª ed.]. Porto : Alvarim Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, 1885 (Porto : Typ. Universal de Nogueira & Caceres).

V.T.-17-3-13

- Amores. "A folha : microcosmo litterario", Coimbra. 2 (1868), p. 16.

RP-6-6

- Finis Patriae. 2.ª ed. Porto : Empreza Litteraria e Typographica, 1891.

9-61-25-85

- A lágrima. 3.ª ed. Porto: Livraria Chardron, 1898.

5-27-25

- Marcha do ódio. Música de Miguel Angelo; des. de Bordallo Pí-
nheiro. Porto: Livraria Civilização, [1891?].

7-42-7-6

- A morte de D. João. 5.^a ed. emendada e com o retrato do auctor.
Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1893.

6-6-2-39

- Oração ao pão. 3.^a ed. Porto : Livraria Chardron, [19--?].

9-(11)-7-5-69

- Oração á luz. 3.^a ed. Porto : Livraria Chardron, [1904?].

9-(11)-7-5-64

- Pátria. [S.l.]: [s.n.], 1896.

9-(2)-1-14-16

- O século: I - Baptismo do amor. Com uma apreciação pelo snr.
Camilo Castelo Branco. 4.^a ed. Porto: Livraria Chardron, [1912?].

7-36-36-39

- Os simples. Porto : Typ. Occidental, 1892.

V.T.-12-4-15

- Contos para a infância escolhidos dos melhores auctores. 4.^a ed.,
augm. e adornada de gravuras [...] Lisboa : Parceria António Maria
Pereira, 1905.

7-36-32-56

- Tragédia Infantil. 2.^a ed. Ilustrada Lisboa: Parceria António Maria
Pereira, 1913.

7-38-1-33

- Edith Cavell. Lisboa : Imprensa Nacional, 1916.
5-3-3-49

- O monstro alemão: Atila e Joana d'Arc. Porto: Oficinas de "O Comercio do Porto", 1918.
9-(11)-7-5-61

- Junqueiro : verso e prosa. Paris ; Lisboa : Aillaud e Bertrand, 1920.
5-2-17

- Poesias dispersas. Porto : Livraria Chardron de Lélo & Irmão, 1920.
9-(2)-1-10-21

- Prosas dispersas. 2.^a ed. Porto : Livraria Chardron de Lélo & Irmão ; Lisboa-Paris : Aillaud e Bertrand, 1921.
9-(11)-14-2-26

- Horas de combate. Prefácio de Mayer Garção. Porto : Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, 1924.
Contém dedicatória manuscrita dos Editores.
5-2-6-39

- Horas de luta. Pref. Mayer Garção. Porto: Livraria Lello, [1924?].
5-5-43

- Contos para a infância escolhidos dos melhores autores. 9.^a ed.
Lisboa : Parceria António Maria Pereira, 1947.
5-38-29

- Na Feira da Ladra : história de um piano ; Fiel. Org., introd. e notas Henrique Manuel S. Pereira. Genealogia de uma fidelidade : exercício archeo histórico de um parentesco. Org. Henrique Manuel S.

Pereira ; fot. Bruno Nacarato, Henrique Pereira ; il. Francisco Silva.
[Lordelo] : Fundação A Lord ; Porto : Escola das Artes - UCP, 2011.
10-(1)-12-13-19

- Orações de Ligares: Recolhidas por Guerra Junqueiro. ed. lit Maria
Aliete Galhoz. 1.^a ed. Porto: Campo das Letras, 2001.
6-47-30-56

Bibliografia Passiva

AGOSTINHO, José, 1866-1938.

Guerra Junqueiro. Porto : A. Figueirinhas : Liv. Portuense de Lopes
& C^a, deposit., [1914].

9-(2)-3-25-27

BOTELHO, Artur, 1883-1940.

Guerra Junqueiro, falso poeta : análise à "Velhice". Porto : António
Marques, Salvador Pinto : J. Pereira da Silva, deposit., 1923.

9-(2)-5-2-51

CARVALHO, Amorim de, 1904-1976.

Guerra Junqueiro e a sua obra poética : análise crítica. Rev. e fixação
do texto Júlio Amorim de Carvalho. Porto : Lello, 1998.

6-37-9-34

COIMBRA, Leonardo, 1883-1936.

Guerra Junqueiro. Porto : Renascença Portuguesa, 1923.

5-2-3-15

FONSECA, Tomás da, 1877-1968.

Guerra Junqueiro : como êle escrevia : considerações sôbre o ma-
nuscrito de "Os Simples". Coimbra : Coimbra Editora, 1924.

5-5-5

FRANCO, António Cândido, 1956-

A epopeia pós-camónica de Guerra Junqueiro. Lisboa : Gazeta do Mundo de Língua Portuguesa, 1996.

6-31-12-71

GUERRA Junqueiro : de Freixo para o mundo, Freixo de Espada à Cinta, 2010.

Guerra Junqueiro : de Freixo para o mundo : exposição comemorativa dos 160 anos do nascimento do poeta, no âmbito do centenário da República Portuguesa. Fot. António Morais, Henrique Pereira. Freixo de Espada à Cinta : Câmara Municipal, imp. 2010.

10-(1)-10-35-15

GUERRA Junqueiro : obra ilustrada. [Org.] Casa Museu Guerra Junqueiro ; coord. Maria João Vasconcelos ; pesquisa e selecção Luísa Rodrigues ; fot. Eduardo Cunha. Porto : Câmara Municipal, 2000.

6-35-41-43

GUERREIRO, Carla Alexandra do Espírito Santo, 1971-

A mundividência infantil na obra de Guerra Junqueiro. Freixo de Espada à Cinta : Câmara Municipal, 2005.

8-(2)-25-29-24

HOURCADE, Pierre, 1908-1983.

Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son oeuvre. Paris : Société d'Édition "Les Belles-Lettres", 1932 (Coimbra : Imprensa da Universidade).

9-(2)-5-1-29

MARIANO, Maria Luísa Sereno Cura

A influência de Vitor Hugo em Guerra Junqueiro [Texto policopiado]. Coimbra : M.L.S.C. Mariano, 1951.

9-(1)-1-32-5

MONIZ, Egas, 1874-1955.

Guerra Junqueiro : conferência. Porto : Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, 1949.

9-(11)-7-5-67

MOREIRA, Alberto, 1912-1967.

Junqueiro e Camilo : louvores e agravos : as relações entre o gigante da prosa e o príncipe da poesia. Porto : Livraria Civilização, 1950.

9-(11)-7-5-127

NA MORTE de Junqueiro : homenagem dos estudantes de Coimbra. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1923.

9-(11)-7-5-65

PASCOAIS, Teixeira de, 1877-1952

Guerra Junqueiro. [S.l. : s.n.], imp. 1950 (Porto : Tip. Sequeira).

5-43-17

PEREIRA, Henrique Manuel S., 1967-

À volta de Junqueiro : vida, obra e pensamento. Pref. Ângelo Alves ; posfácio Eugénio Lisboa. Porto : Universidade Católica Portuguesa, 2010.

10-(1)-4-24-38

- Guerra Junqueiro e a Folha : primícias, seguido de Índice Geral da revista. [Introd., fixação de texto e notas] ; pref. de António Cândido Franco. 1.^a ed. [Coimbra] : Tenacitas ; [Porto] : Alforria, 2016.

4-(1)-7-16-12

- Guerra Junqueiro e as mediações francesas : traduções. [Aveiro?] : s.n., 2008?].

9-(1)-11-40-15

- Guerra Junqueiro : fragmentos de unidade polifónica. 1.^a ed. Maia : Cosmorama, 2015.

10-(1)-7-44-47

- Guerra Junqueiro : percursos e afinidades. Pref. Pinharanda Gomes. Lisboa : Roma Editora, 2005.

10-(1)-4-9-1

- polémica entre Sena Freitas e Guerra Junqueiro : notas para um "correctivo". [S.l. : s.n., 2007?].

6-12-70-107

- Viajar com... Guerra Junqueiro. Org. Helena Gil. Porto ; Vila Real : Caixotim : Delegação Regional da Cultura do Norte, D.L. 2003.

8-(2)-21-23-3

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1925-2017

As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro. Porto : Livraria Portugália, 1950.

9-(11)-7-5-118

SOUSA, J. Fernando de, 1855-1942.

Guerra Junqueiro e Zola : notas críticas de um jornalista catholico. Porto : Livraria Nacional e Estrangeira de Eduardo Tavares Martins, 1922.

5-2-5-86